

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(1ª Mensagem)
Ef 1,1,2

Iniciamos hoje, com a Graça de Deus o estudo de mais uma carta do Novo Testamento: a carta de Paulo aos Efésios. Antes, se faz necessário, ainda que resumidamente, vermos alguns fatos históricos para nos ajudar a conhecer melhor os objetivos dessa carta.

A cidade de Éfeso. A cidade de Éfeso era uma importante cidade da Ásia Menor. Era muito influente na economia e na política tanto que o Império Romano a via com muito respeito. Por ser uma cidade portuária era também promíscua e depravada, pois, pessoas advindas de todas as partes do mundo com seus costumes práticas infestavam essa cidade. Uma cidade em nossos dias que equivaleria à Éfeso dos tempos de Paulo é a “maravilhosa” Rio de Janeiro. No meio dessa cidade tão depravada, tão promíscua, tão ensimesmada Deus plantara a Sua Gloriosa Igreja para ali ser um castiçal da Sua glória (**Ap 2.1-7**).

A Igreja de Éfeso. Quando exatamente ela foi plantada não sabemos. Só sabemos que Paulo teve uma participação muito importante na fundação daquela Igreja, e quando ele voltou-se para evangelizar a Ásia Menor, a Igreja de Éfeso tornou-se sua “base missionária”.

Quando a carta aos Efésios foi escrita? Apesar de haver muita discussão sobre o assunto, Efésios faz parte do que é conhecido como O Grupo das Epístolas da Prisão (Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom), e por isso, a ocasião da escrita foi quando Paulo estava na sua prisão domiciliar em Roma entre os anos 60 e 61 d.C. Quanto à sua situação, nesta carta encontramos afirmações do próprio apóstolo (3.1; 4.1). Esta mesma prisão é mencionada em Cl. 4.3, 10 e 18.

Tema e Propósito da Carta. Diante do que era a cidade de Éfeso, diante do que a Igreja Cristã deve ser no meio de uma sociedade decadente, diante de tudo o que Paulo expõe nesta carta, adotamos como tema para a mesma: **Cristo e a Sua Gloriosa Igreja**.

E o propósito dessa carta é **mostrar a redentora de Cristo revelada na Sua Igreja universal**. Segundo os mais respeitados comentaristas do Novo Testamento, a carta aos Efésios é o que se chama de **carta circular**, isto é, embora tenha sido destinada à Igreja de Éfeso, essa carta deveria ser lida nas igrejas vizinhas de Filipos e Colossos, e as cartas que foram destinadas a essas igrejas também deveriam ser lidas em Éfeso. Assim nascia a tradição das comunidades cristãs de compartilharem os escritos apostólicos o que foi sem dúvida alguma providência de Deus para que muitas cópias dos textos sagrados fossem produzidas e assim as Escrituras Sagradas fossem preservadas. Então vamos ao texto!

Hoje veremos os **v.1,2** do primeiro capítulo os quais são muito mais que a apresentação pessoal de Paulo. Eles falam sobre **O Chamado de Deus em Cristo aos pecadores**.

Paulo apresenta-se como “**apóstolo**”, ou seja, um “enviado” (é isso que significa a palavra “apóstolo”) alguém que foi comissionado por uma autoridade superior, no caso Deus. Quando estudamos Gálatas vimos a defesa que Paulo fez do seu apostolado. Embora ele não tivesse vivido com Cristo como os demais apóstolos, ele fora comissionado direta e pessoalmente por Cristo e o Evangelho que Cristo lhe revelou em nada diferia do que os demais apóstolos pregavam.

Ele então acrescenta que o seu chamado apostólico tem as seguintes características: “...de Cristo...”. O encontro que ele tivera com o Senhor no caminho de Damasco (**At 9.1-9**) foi tão poderoso e transformador que lhe revelou a quem realmente ele pertencia. Ser “**de Cristo**” conferia a Paulo a autoridade necessária para executar sua missão.

“...por vontade de Deus...”. O “instrumento” que o transformara num crente e num apóstolo, foi a própria vontade de Deus e não a sua (como hoje se vê em tantas denominações). Dessa forma, a autoridade apostólica de Paulo é resultado da Autoridade Soberana de Deus em escolher, capacitar e designar os Seus servos.

“...aos santos que vivem em Éfeso e fiéis em Cristo Jesus”. Depois de mostrar a Quem ele pertence (a Jesus Cristo), por meio do quê ele age (através da vontade de Deus), Paulo mostra a sua missão: servir ao Senhor através dos santos e fiéis. Que designação linda: santos e fiéis em Cristo. Lembremo-nos de como era a cidade de Éfeso. Esses irmãos não se deixaram levar pela “cultura” de sua cidade.

A expressão **“em Cristo”** é muito importante neste trecho. Além de aparecerem 4 vezes em **1.1-14** (incluindo as expressões correlatas soma o total de 11 vezes). Os efésios bem como todos os crentes são santos e fiéis não por esforço próprio, mas, única e exclusivamente pela ação da Graça de Deus revelada em Jesus Cristo. **Não há santificação e nem perseverança na fé fora de Cristo.** Ser santo e permanecer firme na fé requer estar **“em Cristo”**.

Paulo continua: **“graça a vós outros e paz...”**. Tudo o que o pecador precisa: a graça de Deus salvando-o do seu estado de miséria e morte espiritual, e da paz que não é ausência de problemas, mas, sim, **reconciliação com Deus**. É por isso que afirmamos que a paz entre Deus e o pecador é resultado da graça de Deus. Não fosse Deus vindo ao nosso encontro ainda seríamos Seus inimigos (*cf. Rm 5.1-11*).

Podemos dizer que estas duas palavras resumem a carta. A Graça produz a Paz. Na primeira parte da carta (**Caps. 1 – 3**) temos a doutrina da Graça; na segunda metade (**Caps. 4 – 6**) temos a Paz como resultado da Graça. Esta Paz deve ser sentida e observada em todas as áreas da nossa vida e em todos os relacionamentos porque é resultado da ação de Deus em nós. Ambas vêm **“da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo”**. É impressionante como o mundo busca algo pelo qual possa pagar. É inconcebível para o mundo que alguém nos dê algo totalmente gratuito sem nenhum merecimento próprio. É ainda mais inconcebível receber de graça justamente o contrário do que merecíamos. Por isso mesmo o mundo não tem a paz e vive num desespero constante.

Comentando esses versículos iniciais da carta, William Hendriksen diz:

De início Deus, por assim dizer, entra na Igreja reunida para a adoração e sopra sua bênção sobre ela. Permanece com ela durante todo o serviço de adoração, e em seguida sai, porém não **da igreja**, e sim, **com**, a igreja.

De posse dessas informações afirmamos que Deus em Cristo chama os pecadores:

1) Para uma obra específica, v.1

É o caso de Paulo que foi chamado para ser **“apóstolo de Cristo”**. Posteriormente, em **Ef 4.7-16**, abordaremos mais detalhadamente a questão da variedade de dons dentro da Igreja. Por enquanto, vejamos apenas o caso de Paulo. Ele foi chamado para ser apóstolo, por isso sua autoridade, credibilidade e responsabilidade diante da Igreja estavam diretamente ligadas à Pessoa de Cristo. A Igreja deveria acatá-lo como autoridade instituída por Deus; deveria acreditar em suas palavras como sendo a Palavra de Deus revelada a Paulo e proclamada aos seus corações; e diante de tudo isso, Paulo deveria se portar como um enviado de Deus e como tal exercer sua função.

Seja qual for o dom que Deus tenha lhe dado quando Ele converteu você, empregue-o para a glória de Deus e para a edificação de Sua Gloriosa Igreja. Deus em Cristo também chama os pecadores

2) Para um viver santo e fiel, v.1

Agora trata-se do caso dos efésios, e extensivamente, a todos os crentes de todas as épocas. Fomos separados **por** Deus e **para** Deus; nosso viver agora não é mais nosso, mas, sim, de Cristo, e para nós, viver significa **estar em Cristo** (cf. Fp. 1.21).

Somos santos por meio de Cristo e também por Ele somos sustentados e por isso permanecemos fiéis. Sermos santos e fiéis é algo que Deus espera de nós, contudo, não nos impõe tamanha responsabilidade sem antes nos capacitar **em Cristo**. Em virtude dessa união com Cristo, o crente recebe toda benção espiritual (v.3); as bênçãos referentes à eleição divina desde antes da fundação do mundo, mostrando assim o grande amor de Deus (v.4-6); a redenção por meio do sangue (v.7-12); o selo do Espírito que produz a segurança que só um filho e herdeiro pode ter (v.13 e 14).

Por fim, Deus em Cristo chama os pecadores

3) Para desfrutarem de Sua Graça e Paz, v.2

A Graça de Deus produz a Paz que o coração do homem precisa. O pecado rompeu a comunhão que o pecador tinha com Deus; tal rompimento produziu inimizade contra Deus (Rm. 5.1-11), mas, Ele em seu infinito amor e misericórdia nos reconciliou Consigo mesmo através de Cristo.

Se você estiver buscando paz à parte da graça de Deus tenho que lhe dizer que o que você vai conseguir será apenas desespero e medo. Não há Paz desassociada da graça de Deus, pois, a verdadeira paz consiste em estar na presença de Deus sem medo de ser por Ele fulminado, e isso só é possível se você estiver “**em Cristo**”.

Implicações e Aplicações

Para quem já é salvo em Cristo:

- 1) **Você sabe qual o dom e ministério que Deus lhe deu?** Se sim, você está executando esse dom? Se não, quais pecados em seu coração precisam ser deixados de vez? Lembre-se: você responderá a Deus por sua negligência.
- 2) **Você tem se portado com santidade e fidelidade no meio dessa geração perversa?** Sua santidade e fidelidade para com Deus tem feito diferença neste mundo?

Para quem ainda não é convertido e salvo:

- 1) **Até quando você procurará neste mundo a paz que só Deus pode lhe dar?**
- 2) **Até quando você relutará em admitir que sem a graça de Deus você nada é?** Um presente tão caro que dinheiro algum neste mundo pode pagar, só pode ser adquirido de graça.

Conclusão

Deus, em Cristo chama pecadores como nós para fazerem parte da Sua Gloriosa Igreja. Aleluia!

Rev. Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 09/09/2012

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(2ª Mensagem)
O Louvor de Um Redimido – Parte I

Ef 1.3-6

Fomos criados para louvar a Deus, e a nossa alma só encontra verdadeira alegria quando se curva diante de Deus em adoração. O crente maduro tem o seu prazer somente em atos que louvam a Deus, quer sejam estes atos públicos como o culto congregacional, ou evangelismo, quer sejam atos privados como as músicas que ouve, tempo gasto em oração. E porque a adoração a Deus traz tanta alegria (e eu diria a “verdadeira alegria”) ao coração do crente? **Porque adorar a Deus é a finalidade, a razão de ser e existir do ser humano.**

No trecho de Ef 1.1-14 o assunto central aqui é o **louvor de um redimido ao seu Deus Supremo**. Nestes versos o apóstolo Paulo rende à Trindade Santa o seu louvor pela maravilhosa obra de salvação realizada em sua vida. Hoje nós veremos apenas os v.3-6 que apresentam o louvor de um redimido **Ao Pai que elegeu os Seus filhos**.

“**Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo...**” (v.3). **εὐλογητός** assim Paulo mostra que Deus é digno de ser bem falado, louvado, adorado. A intenção de Paulo aqui era incitar os efésios à mais profunda gratidão a Deus por tão grandiosa e graciosa salvação.

Além disso, a gratidão deve ser pelo fato que Deus “**nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo**”. O que seria essa “**toda sorte de bênção espiritual**”? Os versos seguintes mostram que bênção é essa. Porém, devemos tomar muito cuidado ao fazer alguma distinção entre as bênçãos materiais e as bênçãos espirituais, pelo fato de que toda bênção é espiritual no sentido da **origem**, a saber, o próprio Deus como indicam as palavras “**nas regiões celestiais em Cristo**” (cf. Tg 1.16-18). O crente olha para os seus bens materiais e deles usufrui com sabedoria porque entende que esses bens materiais (que são bênçãos de Deus) são reflexos das bênçãos espirituais (bênçãos relativas à Graça de Deus e à salvação dos pecadores).

Os v.4,5 não devem ser separados, até mesmo porque o final do v.4 (“**e em amor**”) deve constar no v.5.

Estes versos tratam de um dos assuntos mais difíceis das Escrituras: a Eleição Divina de pecadores miseráveis. Existem assuntos nas Escrituras que simplesmente não são explicados, mas, apenas apresentados. É o caso da Eleição. Temos alguns aspectos da mesma que são apresentados e ensinados, e, até podemos ter algum conhecimento e entendimento do mesmo. Vejamos alguns:

O seu Autor: como já vimos no v.3, é o próprio Deus Pai o Autor da nossa Eleição. Não obstante a Trindade Santa é a única responsável pela nossa salvação, aqui Paulo, apresenta o Deus Pai como o que encabeçou este plano.

A sua natureza: Eleger significa *tomar* ou *escolher* algo de (para si mesmo). Então a natureza da nossa eleição é Divina. Fomos tomados dentre a grande massa pecadora (embora isto não esteja explícito no texto, contudo, as palavras “**para sermos santos e irrepreensíveis**”, deixam implícito que fomos escolhidos dentre os pecadores), por esta razão devemos adorar ao Senhor porque de fato Ele nos fez algo que jamais merecíamos.

O seu objetivo: salvar **somente os eleitos**. Não temos qualquer base bíblica para afirmar que todo ser humano será salvo como prega a heresia do universalismo. Cristo não veio para morrer no lugar do mundo inteiro. Se assim fosse, então como explicar o caso dos que estão no inferno? Seria o inferno, ou o pecado ou até mesmo a decisão do pecador mais forte que o sangue de Cristo e a vontade de Deus? Definitivamente, é inconcebível que alguém por

quem Cristo tenha morrido, esse tal ir parar no inferno. Se assim fosse possível, a salvação de ninguém seria uma realidade.

O seu fundamento: o fundamento da Igreja de Cristo é Ele próprio. Deus, o Pai, nos escolheu Nele (em Jesus). A nossa Eleição é a bênção principal da qual decorre todas as outras bênçãos espirituais (v.3). Isto mostra que Cristo é o Fundamento Eterno de Sua Igreja, pois, toda a obra de salvação foi executada através Dele.

O seu tempo: “antes da fundação do mundo”, ou seja, desde os tempos eternos, quando nem mesmo o mundo ainda havia sido criado. A palavra “**predestinou**” (**προορίσας**) no v.5, literalmente significa: “**tendo fixado limite de antemão**”. Também significa “**delimitar uma fronteira antes; preordenar**”. O particípio é causal, dando a razão da eleição. Não foi Paulo que apresentou essa realidade; ele apenas transmitiu o que recebeu, pois, foi o próprio Senhor Jesus quem primeiro falou de nossa eleição “antes da fundação do mundo” (Jo. 6.39; 17.2, 9, 11, 24). Pedro também apresenta Cristo como aquele cujo “...precioso sangue, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo...” (1Pe. 1.19, 20).

O seu propósito: está claro no texto: “...para sermos santos e irrepreensíveis perante ele...”. A grande prova da eleição de uma pessoa (tanto para o crente como para aqueles que o veem) é o que diz este verso. Se alguém tem dúvida se é ou não um escolhido de Deus deve analisar a sua vida na perspectiva destas palavras. Se tal pessoa deseja ardenteamente uma vida de santidade (ainda que muitas vezes não consiga viver assim), lutando contra o pecado dentro de seu coração, fazendo de tudo para agradar a Deus, com certeza essa pessoa é um servo de Deus e crente verdadeiro, portanto, salvo. Porém, se uma pessoa afirma ser eleita por Deus, mas, em seu coração não traz nenhuma dessas marcas, as palavras de Gl 6.3; 2Tm 3.13; Tg 2.22 e 26 lhe são um alerta. Deus nos salvou com um propósito bem definido: sermos como Seu Filho Jesus Cristo, Rm 8.29 e 30.

O v.5 traz uma descrição adicional: “nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito da sua vontade”. Um filho adotivo é transformado em filho não porque merece, mas, porque necessita. Deus através de Cristo, o Filho Unigênito, nos recebeu em Sua família como filhos e herdeiros (Rm 8.15; Gl 4.5). Essa analogia é muito especial. Quando um casal adota uma criança como filho, pode dar-lhe seu nome, seus bens, seu amor, etc., mas, não pode dar-lhe o seu espírito. Eles não têm controle sobre os fatores hereditários. Tal não acontece com Deus, pois, ao adotar-nos em Sua família Ele nos outorga o Seu Santo Espírito (Ef 1.13-14), e assim somos feitos filhos de Deus (cf. Jo 1.12). Fomos adotados por Deus, para Deus, em Cristo Jesus, e isto “segundo o beneplácito da vontade Dele”. A ARA traduz a palavra grega **εὐδοκία** por “beneplácito”, e aqui literalmente significa “bem pensar, vontade, bel prazer”. A eleição e predestinação de Deus são atos livres do Seu amor que é fundamentado totalmente no próprio Deus e não há nada fora dele que contribua com qualquer coisa (cf. RIENECKER-ROGERS p.386).

No v.6 lemos que foi “para o louvor da sua graça”, mais uma vez vemos o objetivo da nossa salvação: tudo é para a glória de Deus. É por isso que Ele deve ser louvado. Eis o motivo principal pelo qual Cristo veio ao mundo. É certo que Ele veio para salvar os pecadores, mas, este objetivo estava em segundo plano, pois, em primeiro lugar em Seu (de Cristo) coração estava em tudo glorificar ao Pai, conforme lemos em Jo 17.4.5. Ao passo que Jo 17.19-22 mostram o propósito secundário, a saber, a salvação dos “homens que me desejo do mundo” (v.6).

A graça de Deus que Ele “nos concedeu gratuitamente no Amado”, isto é, Jesus é o Filho Amado de Deus como nos mostram os textos de Mt 3.17; 17.5; 2Pe 1.17,18. A obediência voluntária de Jesus ao Pai mostra o Seu amor pelo Pai e do Pai por Ele. A vontade

de Deus era salvar os pecadores, e Cristo cumpriu **voluntariamente** esta vontade entregando a Sua vida espontaneamente (**Jo 10.17,18; cf. Is 53.10**).

Diante dessas preciosas verdades entendemos que Deus deve ser louvado por Sua excelsa Graça que foi revelada à Sua Igreja com a qual (Sua graça) Ele abençoou os Seus eleitos com toda bênção espiritual **em Cristo**:

1) Para torná-los santos e sem mancha em Sua presença (v.4)

Deus salvou-nos com o propósito de sermos “**santos e irrepreensíveis perante Ele**”. Ser “santo” significa ser “separado, consagrado, dedicado com exclusividade” no nosso caso, a Deus. E “irrepreensível” no grego é **ἄμωμος** um adjetivo acusativo masculino plural “**sem mancha, imaculados**”. Usado para indicar a ausência de defeitos nos animais destinados ao sacrifício a Deus (cf. Riencker e Rogers p.386).

É a Graça de Deus em Cristo que santifica e purifica o pecador. Ao serem santificados, os escolhidos deixaram de pertencer ao pecado para pertencerem ao Senhor Jesus. Uma vez separados do mundo, os escolhidos devem viver de forma **irrepreensível** (cf. ARA, ARC, e ACF), ou seja, que no comportamento deles (dos escolhidos) não seja encontrado nada do qual eles possam ser acusados e condenados. Não se trata de “não mais ter pecado”, mas, sim, “**de estar livre de tudo quanto poderia ser usado para acusação e condenação**”, o que aponta para a Obra de Cristo, pois, o crente enquanto estiver neste mundo estará sujeito a pecar, mas, jamais estará sujeito a ser condenado, justamente porque Deus o santificou, purificou e justificou.

Deus deve ser louvado por ter-nos abençoado com toda bênção espiritual em Cristo:

2) Para adotá-los em Sua Família de acordo com a Sua vontade (v.5)

Antes éramos inimigos declarados de Deus (**Rm 5.1-11**), mas, por um ato da Sua livre e soberana vontade, o Pai nos reconciliou Consigo mesmo por meio de Jesus, e também nos adotou em Sua família. A adoção era um costume dos romanos e não dos judeus. A adoção confere a quem foi adotado o *status* de herdeiro que tem o direito a tudo dentro da casa de seu pai. Ao sermos recebidos na Família Divina, Cristo deu-nos o poder de sermos feitos filhos de Deus (**Jo 1.12**). Dessa forma temos livre acesso à Presença de Deus, por meio de Jesus (**Rm 5.2; Ef 2.18; 3.12**).

Como filhos de Deus temos de expressar o caráter santo de Deus neste mundo.

Por fim, Deus deve ser louvado por ter-nos abençoado com toda bênção espiritual em Cristo:

3) Para o louvor da glória da Sua Graça (v.6)

Se Deus não tivesse escolhido e salvo nenhum pecador, se Ele não tivesse derramado nenhuma bênção sobre os eleitos, se Ele tivesse nos desprezado, ainda sim, Ele mereceria todo o louvor por ser o Deus Criador. Contudo, mesmo o homem tendo pecado contra o Senhor, desprezado a Sua Aliança no Éden, Deus se revela ao homem não semente como o Deus Criador, mas, também, como o Deus Salvador. Ele é digno de ser louvado por ser Criador (e só este motivo já seria suficiente), mas Ele também é digno de ser louvado por ser o nosso Salvador. Diante deste maravilhoso Deus Criador e Salvador, nosso coração só pode concordar absolutamente com o que diz o apóstolo: “**Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo...**” (v.3).

Implicações e Aplicações

Em sua vida como um redimido que louva ao Seu Resgatador demonstre:

- 1) **Santidade e pureza no viver.** Deus não nos predestinou somente para o nosso **fim** (o céu eterno), mas, também predestinou o nosso **modo de viver**. Para Deus os meios são tão importantes quanto os fins.
- 2) **Filiação Divina.** Fomos transformados e recebidos como filhos de Deus. Como tais nosso viver deve demonstrar o caráter de Deus.
- 3) **Atitude de gratidão.** Ao contrário do que muitos pensam gratidão não é um sentimento, mas, sim, uma atitude. Não devo ser grato quando sinto que devo agradecer. Simplesmente devo ser grato.

Conclusão

Deus deve ser louvado pela Gloriosa Igreja de Cristo por tão grande obra de salvação.

Rev.Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 23 de setembro de 2012

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(3^a Mensagem)
O Louvor de Um Redimido – Parte II
Ef 1.7-12

Continuando o seu louvor ao Deus Supremo que o elegeu para a salvação, Paulo passa a mostrar como foi que a nossa salvação tornou-se realidade.

A nossa atenção agora é desviada do passado (“antes da fundação do mundo...”) para os dias em que Jesus esteve aqui na terra e realizou o Seu sacrifício pelos eleitos cumprindo a vontade do Pai.

A transição aqui do Pai para o Filho não é feita de forma abrupta, mas, sim, deixando bem claro que a vontade do Pai foi executada plenamente pelo Filho. O mesmo veremos nos v.13,14 quando analisarmos a obra do Espírito Santo em relação ao Pai e ao Filho. Aqui vemos Paulo dirigindo o seu louvor **Ao Filho que executou a vontade do Pai**.

Os v.7,8 mostram que o Senhor Jesus Cristo “pelo seu sangue”, ou seja, Seu sacrifício vicário na cruz, “temos a redenção”. O substantivo “redenção” vem do grego ἀπολύτρωσις que pode ser traduzido por “remissão”, cujo o sentido literal é “comprar de volta no mercado”, aludindo assim, ao tráfico de escravos no mercado de onde eles eram comprados e passavam a servir seus senhores.

Por criação e propriedade pertencemos ao Senhor Deus. Mas, quando o pecado entrou na humanidade, nos fizemos escravos do pecado e passamos a tê-lo como nosso senhor. Em Cristo, o Senhor Deus nos redimiu, nos comprou de volta no mercado do mundo, onde estávamos expostos pelo cruel senhor chamado Pecado. E o preço que Ele pagou não foi prata, nem ouro, nem qualquer moeda, mas, Seu precioso sangue (1Pe 1.19,20). Não existia outra forma dos pecadores se salvarem. Cristo nos substituiu na cruz, uma vez que para haver remissão dos pecados era necessário derramamento de sangue (Hb 9.22). Somente o sangue de alguém perfeito, santo e puro poderia expiar o pecado de todos os escolhidos, a saber, o sangue de Cristo.

Esta graça “...Deus derramou abundantemente sobre nós em toda sabedoria e prudência”. A sabedoria (**σοφία**) que é o conhecimento em ação. É a habilidade para aplicar o conhecimento a fim de se conseguir os melhores resultados, capacitando a pessoa para usar os meios mais eficazes para alcançar as mais altas metas. A prudência, discernimento (**φρόνησις**) que se refere a colocar sabedoria em ação. É a habilidade de discernir modos de ação com vistas ao resultado desejado (cf. RR. p. 387). Indica a escolha do melhor modo de agir.

Naqueles tempos, o Gnosticismo se intitulava a verdadeira sabedoria capaz de dar ao homem o pleno conhecimento. Paulo refuta o Gnosticismo de forma precisa e esplêndida na sua carta aos Colossenses. Contudo, não somente nesta epístola, mas, em outras, como aqui em Efésios. Ele mostra que a verdadeira sabedoria e discernimento advêm somente da Graça de Deus a qual Ele “...derramou abundantemente sobre nós...”, ou seja, fez transbordar, derramar.

O v.9 vem nos dizer que Deus se agradou, teve prazer em nos revelar “o mistério da sua vontade”. William Hendriksen comentando esse verso lembra que (Comentário de Efésios, 1992, p.108):

Nos dias de Paulo, certos cultos obrigavam a seus devotos a fazerem ‘tremendos juramentos’ no sentido de *não* revelarem seus segredos aos não iniciados. Ainda hoje há seitas que exigem que seus membros façam solenes promessas similares sob pena de horríveis castigos caso fracassem em guardá-las. Foi da vontade do Pai que o mais sublime segredo fosse publicado aos quatro

ventos, e que penetrasse profundamente nos corações dos seus. O plano de Deus para a salvação portanto, devia ser dado a conhecer para que pudesse ser aceito pela fé, porquanto é pela fé que os homens são salvos.

Assim é o Evangelho de Cristo: luz para os gentios (**Lc 2.32**), uma candeia que tem de ficar sobre o velador e não debaixo da cama (**Mt 5.15**).

Quanto ao “**mistério da Sua vontade**” quando lemos o **v.10** temos uma explicação do que vem a ser isto. O mistério, a vontade prazerosa (ou beneplácito) e o propósito do Pai formam uma unidade.

E qual o propósito do Pai aqui neste texto revelado em sabedoria e prudência? Mostrar que em Cristo a História encontra o seu sentido. É isso o que Paulo quis dizer com “...de fazer convergir nele a plenitude dos tempos...”, pois, Nele (Cristo) todos os tempos, fatos, e acontecimentos se reúnem, convergem. Ele (Jesus) é o centro da História; sem Ele a História não somente ficaria sem sentido como também nem mesmo existiria.

A **plenitude dos tempos** aponta para o momento exato da História em que o Salvador deveria vir, o momento pré-estabelecido por Deus.

Em Cristo todas as coisas se reúnem “...tanto as do céu como as da terra” apontando assim para a Sua autoridade suprema. Veremos de forma mais ampla esta verdade nos **v.20-22** deste capítulo. Por enquanto vejamos o significado do verbo **ἀνακεφαλαιώσασθαι**, “fazer convergir nele”, que significa: encabeçar, reunir sob uma única cabeça; resumir, colocar debaixo de um só. A ideia do verbo é a da unidade conseguida em meio à diversidade.

O **v.11** vemos que em Cristo “...fomos também feitos herança...”, ou seja, todas as bênçãos descritas desde o **v.3**, as quais se referem não somente ao passado, mas, também as do futuro (o direito à glória futura). **Fomos feitos herdeiros do Seu reino**. Dessa forma o propósito de Deus abrange o passado, o presente e o futuro, e assim, **em Cristo**, tudo se converge.

A forma como Deus executa o Seu propósito é eficazmente (**ἐνεργοῦντος**), ou seja, de forma poderosa, não encontrando nada que possa deter a Sua livre vontade. O propósito de Deus se realiza eficazmente em todas as coisas, cumprindo assim a vontade de Deus. Isto nos mostra que tudo acontece segundo a vontade de Deus; tal verdade é tremendamente confortante para nós.

Por fim, o **v.12** vem nos mostrar que os salvos em Cristo são como “troféus” que mostram a vitória do Senhor sobre o pecado e o mal. É na Igreja de Cristo que Deus revela a Sua glória, pois, ela é a noiva do Senhor, a qual é adornada com a salvação, santidade e pureza (**Ef 5.25-27**).

Paulo conclui: “...nós, os que de antemão esperamos em Cristo”, ou seja, a obra de Cristo já foi realizada, contudo, ainda resta o Dia em que Ele voltará para buscar a sua Igreja. E a garantia de que tal dia acontecerá é o Espírito Santo em nossos corações, como o penhor que o Senhor Jesus nos deu (**v.13,14**). Em outras palavras, o que Paulo está dizendo aqui é: “**nós que fomos alcançados pela Graça de Deus desde então temos a nossa esperança centralizada em Cristo**”. Veremos isto com mais detalhes nos próximos versos. Por hora destacamos as seguintes

Deus revelou à Sua Igreja a Sua excelsa Graça por meio de Jesus. Sendo assim, em Cristo temos:

1) Completa libertação do julgo do pecado, **v.7**

O pecado que nos escravizava e dominava já não mais impera sobre nós. Cristo por meio do Seu sangue lá na cruz resgatou-nos das trevas para o Pai, e remiu-nos (adquiriu-nos de novo) pagando o preço de todas as nossas transgressões.

Dessa forma, estamos livres. Mas, esta liberdade não quer dizer um estado de vida onde não temos de prestar contas a ninguém. Fomos libertos **por** Cristo e **para** Cristo. Não servimos mais à carne, mas, sim, ao Senhor Jesus.

2) Completa sabedoria e discernimento decorrentes do propósito de Deus (v.8 e 9)

Os gregos almejavam e cultuavam a sabedoria, bem como o fizeram outros povos e filosofias. Mas, somente o Evangelho de Cristo é a sabedoria máxima. O Evangelho é o poder de Deus (**Rm. 1.17**) e por isso é insuperável em sua sabedoria. É o mistério de Deus que não deve ficar escondido, antes, deve ser proclamado assim como o Senhor no-lo proclamou. Ao mergulharmos nas verdades do Evangelho descobrimos a perfeição de Deus, planejando e executando os Seus propósitos.

3) Completa certeza de Sua soberania e cumprimento de Suas promessas (v.10 e 11)

A História não tem sentido se interpretada sem a Pessoa de Cristo. Nele, tudo encontra o seu ponto de partida; Ele é a origem de tudo (**Cl 1.15-19**); sem Ele, o universo se desintegra. Ele é o Cabeça de todas as coisas. Por esta razão podemos confiar plenamente Nele. Nenhuma de Suas promessas cairá por terra. Ele, contudo, faz questão de nos provar a Sua fidelidade, pois, ao prometer voltar para buscar a Sua Igreja, deu-nos como garantia o Espírito Santo. Por isso podemos esperar firmemente Nele.

Implicações e Aplicações

- 1) **Fomos libertos por Cristo e para Cristo.** A verdadeira liberdade está em servir ao Verdadeiro Senhor.
- 2) **O Evangelho de Cristo é a Verdade Absoluta.** É a Verdade que nos liberta, e o Evangelho de Cristo é o conhecimento e a sabedoria.
- 3) **A História é o palco da fidelidade de Deus.** Deus revela a Sua fidelidade na História. Ele promete, Ele cumpre.

Conclusão

Cristo deve ser louvado por Sua Noiva, a Igreja, porque Ele pagou o preço do seu resgate. A nossa redenção é realidade!

Rev.Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 07/10/2012

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(4^a Mensagem)

O Louvor de Um Redimido – Parte III

Ef 1.13,14

Qual a importância do Espírito Santo na vida de um crente? Sabemos que Ele é não somente importante, mas, indispensável, e totalmente necessário em nossa vida. Mas, por quê? O que Ele realiza em nós que é tão importante assim?

Nestes versículos o apóstolo Paulo vem nos mostrar qual a importância do Espírito Santo e nossa vida. E como temos visto os v.3-15 são uma doxologia à Trindade Santa. Já que Paulo rendeu seu louvor ao Pai que decidiu nos salvar, ao Filho que executou a vontade do Pai salvando-nos e agora veremos o louvor de um redimido **Ao Espírito Santo que garante a redenção dos filhos de Deus.**

Antes de prosseguirmos quero lhe perguntar: você sabe me dizer qual a relação entre a certeza da salvação e a pessoa do Espírito Santo em seu coração?

Nas palavras destes versos Paulo enfatiza aos efésios (e também a todos os crentes em todos os tempos) que eles realmente estão incluídos na família de Deus, e a prova disso está na graça de Deus que lhes foi revelada por meio do sacrifício de Cristo e da presença real e constante do Espírito Santo em seus corações.

O v.13 diz: “em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa”.

Os dois participios “ouvido” e “crido” aqui neste verso estão conjugados no que é conhecido como participação temporal e expressam tempo contemporâneo “quando vocês ouviram (...) creram” (cf. RIENECKER-ROGERS p. 387), ou seja, no mesmo momento em que os crentes efésios ouviram a Palavra da Verdade, o Evangelho da salvação, também creram em Cristo.

Naqueles dias (e também nos nossos) o que não faltavam eram os falsos evangelhos. Mas, os efésios foram seletos e quiseram ouvir somente a Palavra da Verdade. Por esta razão vieram a crer em Jesus. **Sabemos que quem convence o pecador e o converte é o Espírito Santo.** É Ele quem faz a obra no coração do pecador. Contudo, compete aos pregadores (formais e informais) do Evangelho, pregarem a Palavra da Verdade. O Espírito Santo não lançará mão de um evangelho mentiroso para converter um pecador. **Só há verdadeira conversão quando há pregação da Palavra da Verdade! De outra forma, o Espírito Santo estaria sendo conivente com a mentira! Isto é uma heresia!**

Ao ouvir a Palavra da Verdade o Espírito Santo leva o pecador a crer e neste exato momento acontece o **selo do Espírito Santo**. Neste exato momento o crente é **marcado de uma vez para sempre** e jamais perderá a sua salvação. Ao dizer “**fostes selados**” o apóstolo Paulo empregou o verbo “selar” (**σφραγίζω**) no aoristo do indicativo passivo. O tempo aoristo indica uma **ação que foi concluída completamente quando aconteceu** não deixando nada para se resolver ou completar depois. Assim sendo, o crente que uma vez **recebeu a Cristo** como seu salvador por meio da pregação do Evangelho da Verdade **pode desfrutar** em seu coração da **certeza absoluta** de sua salvação tendo como garantia a **presença do Espírito Santo** O qual jamais se retira dele. Nos tempos antigos os selos eram usados como garantia, indicando propriedade (a quem pertencia uma mercadoria) e também a inspeção e correção do conteúdo. É o que veremos no próximo verso.

No v.14 ele diz: “o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória”.

“o qual” refere-se ao Espírito Santo de quem Paulo vem falando desde o verso anterior. O Espírito é o “... penhor da nossa herança...”, ou seja, um penhor é um pagamento parcial quando uma dívida é assumida. O penhor também é a garantia de que o pagamento será efetuado. A palavra usada por Paulo aqui para “penhor” é **ἀρραβών** que pode até mesmo significar um anel de noivado o qual comprova que um compromisso foi assumido e que se concretizará (cf. FOULKES, 1984, p.49).

“até ao resgate da sua propriedade”. O Espírito Santo no coração do crente é uma garantia tanto para o presente quanto para o futuro. No que diz respeito ao futuro, quando Cristo voltar para buscar a Sua Igreja não deixará nenhum dos que tiverem o “selo”, ou seja, o Espírito Santo. No que diz respeito ao presente momento, quem tem o Espírito Santo de Deus, este tem a salvação e a certeza de ser um filho de Deus.

Pode alguém perguntar: “*Mas como saberei se tenho ou não o Espírito Santo em meu coração?*”. A resposta está nos versos anteriores, especialmente no v.4: por meio de um viver santo e irrepreensível. Além disso, as palavras de Rm. 8.12-17 lançam luz sobre a questão. Quem tem o Espírito Santo em seu coração anda conforme Sua orientação. Veremos mais sobre este assunto em Ef. 4.17-24 e 5.3 – 6.9.

A nossa Eleição efetuada pelo Pai, a nossa redenção por meio de Cristo, e o selo do Espírito Santo, concorrem para o “louvor da sua glória”. Não há méritos humanos; não há glórias às obras dos homens; tudo é por Deus, para Deus e de Deus.

Eu fico pensando na bondade, misericórdia e amor de Deus para conosco; fico maravilhado!

Não mereço o amor de Deus, mesmo assim, Ele me escolheu por Seu amor; não mereço ser salvo, mesmo assim o Senhor Jesus me redimiu com Seu precioso sangue; não mereço tão gloriosa companhia, o Espírito Santo, mesmo assim, Ele não somente habita em mim como também aplica ao meu coração essas preciosas verdades garantindo-me que quando Cristo voltar subirei com Ele para a glória!

É o Espírito Santo quem faz a obra no coração do pecador:

1) Por meio da pregação do Verdadeiro Evangelho, v.13

Para Deus tanto os fins como os meios são importantes e tudo deve obedecer ao critério da Sua santa vontade. Eli Stanley Jones disse: “**um evangelho errado conduz a um cristo errado; um cristo errado conduz a um céu errado; um céu errado é o próprio inferno**”. Não compete a nós dizer quem é e quem não é salvo. A nossa incumbência é sermos fiéis em nossa tarefa de pregar o Verdadeiro Evangelho.

O Espírito Santo converterá a Cristo corações que ouvirem o Verdadeiro Evangelho.

Em Sua oração sacerdotal o Senhor Jesus disse: “**Pai, santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade**” (Jo 17.17).

Insistimos: só há verdadeira conversão quando há pregação da Palavra da Verdade! De outra forma, o Espírito Santo estaria sendo conivente com a mentira! Isto é uma heresia!

É o Espírito Santo quem faz a obra no coração do pecador:

2) Conferindo-lhe a plena certeza da sua completa salvação, v.14

Da perspectiva divina a nossa salvação foi executada plenamente e de uma só vez e não foi feita em etapas. Da perspectiva humana, porém, vemos as etapas. Deus nos escolheu antes da fundação do mundo, mas, nossa redenção foi realizada milênios depois quando Cristo

Se encarnou e veio ao mundo. Essas verdades, porém, passaram a fazer parte da nossa realidade somente quando em nossa existência o Espírito Santo aplicou-as em nosso coração.

O Espírito Santo no coração do crente lhe dá a certeza de que Ele está presente em sua vida hoje, e que no futuro, nos céus de glória, ele (o crente) estará na Vida Eterna preparada por Deus para os Seus eleitos.

Implicações e Aplicações

No começo dessa mensagem eu perguntei se você sabe dizer qual a relação entre a certeza da salvação e a pessoa do Espírito Santo em seu coração. Pois bem, espero que tenha ficado claro que:

- 1) **É Ele quem confirma em meu coração se sou ou não um salvo em Cristo.** Todas as vezes que Satanás tenta colocar dúvidas em meu coração, o Espírito Santo me põe aos pés da cruz e me diz: “Cada gota desse sangue é por você”.
- 2) **É Ele quem me capacita a viver conforme a vontade de Deus.** Deus me salvou para ser santo e irrepreensível (imaculado) perante Ele. Para um nível de vida tão elevado assim eu preciso de alguém com poder infinito, e este alguém é o Espírito Santo.
- 3) **É Ele quem me faz entender e crer na Palavra da Verdade.** Foi Ele quem inspirou Seus santos servos a registrarem a Palavra de Deus (cf. 2Pe 1.20,21), portanto, ninguém há melhor que Ele para me fazer entender o que Ele quis dizer. Mas, não basta somente entender; é preciso crer. O meu coração precisa de ajuda também para crer, pois, por conta da incredulidade em meu coração caído, se Deus não vier ao meu encontro, eu, de mim mesmo não tenho forças para crer em tão maravilhosa verdade.

Conclusão

Deus deve ser louvado por aqueles a quem Ele por meio do Seu Santo Espírito revelou as verdades eternas da Palavra de Deus garantindo-lhes que o amor de Deus por eles é maior do que tudo neste mundo.

Rev.Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 14/10/2012

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(5^a Mensagem)

Ef 1.15-19

Quantas vezes você orou por nossa Igreja nessa semana? Quais pedidos você fez a Deus em relação à nossa Igreja? Se a nossa Igreja tivesse dependido somente de suas orações para continuar existindo e agindo neste mundo será que ela ainda estaria aqui?

Orar por nossos irmãos é um dever do qual não podemos nos esquivar, pois, deixar de fazê-lo é um pecado. Se Deus nos manda orar uns pelos outros, e se não oramos então estamos desobedecendo a Deus.

No presente texto, dos v.15-23 encontramos a primeira das duas orações que Paulo fez pelos efésios enquanto escrevia a sua carta. Como diz o Rev. Franklin Ferreira “Paulo nos deixa claro que todo labor teológico e de ensino deve ser feito com muita oração”.

Hoje veremos a primeira parte dessa oração (v.15-19) na qual consta **O Louvor e Intercessão pelo Progresso da Igreja de Cristo.**

Paulo louva a Deus e intercede junto a Ele pelo progresso espiritual dos crentes efésios, e essa atitude de louvar e interceder pelos irmãos traz consigo alguns aspectos muito importantes que você deve imitar também quando estiver orando pela nossa amada Igreja.

Sua atitude de louvar e interceder pela nossa Igreja:

1) Deve expressar a Fé em Cristo e o amor para com todos, v.15

“Por isso...”, ou seja, pelas insondáveis e eternas bênçãos decorrentes da Graça de Deus que acompanham a Eleição Divina (v.3-14), e “também” pelas notícias a respeito dos efésios as quais confirmavam o progresso deles na fé em Cristo e o amor que eles demonstravam por todos os filhos de Deus.

Quanto tempo é necessário para alguém apresentar frutos tão precisos na vida cristã? Desde que a Igreja de Éfeso foi “plantada” (At 19.10, 26) até aquele tempo em que Paulo se achava prisioneiro em Roma, haviam se passado algo em torno de quatro anos, tempo suficiente para que aquela igreja apresentasse alguns valiosos frutos.

A fé no Senhor Jesus era comum aos efésios e o motivo pelo qual eles haviam desenvolvido espiritualmente era o fato de terem a mesma fé em Cristo. Não há unidade na Igreja de Cristo quando a mesma fé não é compartilhada. Pode até haver alguma opinião diferente quanto a um assunto não tão importante, mas, no que diz respeito à Pessoa de Cristo (veremos a partir do v.20) todos os crentes devem ter a mesma forma de pensar e crer.

Quando há unidade na fé o resultado imediato é o “**amor com todos os santos**”, ou seja, para com todos aqueles que creem no Senhor Jesus e que foram salvos por Ele. O amor e a fé caminham juntos. O amor é fruto da fé, e esta é fortalecida, aprimorada e enriquecida pelo amor.

A sua atitude de louvar e interceder pelo progresso da nossa Igreja também

2) Deve desejar que os outros também cresçam espiritualmente, v.16

O desenvolvimento dos efésios fazia Paulo ser bastante grato (*εὐχαριστῶν*) e essa gratidão era acompanhada de intercessão constante. Contudo, o elogio esteja sendo dirigido aos efésios, o alvo principal desta oração é o próprio Senhor Deus, pois, foi Ele quem promoveu por meio de Sua Graça tamanha transformação nos efésios.

Levando em consideração as circunstâncias em que ele proferiu esta oração, podemos compreender um pouco mais o senso de responsabilidade que Paulo tinha para com seus “filhos” na fé: (1) a regularidade: “não cesso”; (2) a intensidade: “bastante grato”; (3) a

circunstância: dentro de uma prisão. No próximo verso temos o conteúdo da oração do apóstolo.

Sejam quais forem as circunstâncias que você estiver vivendo em sua Igreja, nunca haverá motivos para você deixar de desejar o crescimento espiritual de todos os irmãos.

A sua atitude de louvar e interceder pela nossa Igreja também

3) Deve expressar a obra e o poder de Deus na vida dos irmãos, v.17-19

O conteúdo desta ação de graças aponta para o propósito da mesma: o verdadeiro crescimento espiritual. Mas, o verdadeiro crescimento espiritual:

Vem de Deus: Paulo sabia perfeitamente que quem haveria de dar aos efésios o crescimento espiritual era “**o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória**”. Anteriormente (v.3) ele já havia identificado Deus como “**o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**”. Agora, ele faz um acréscimo: “**o Pai da glória**”. Ele é o Pai a quem toda glória pertence, porque todo o poder e majestade revelados na criação, providência e redenção. A Ele pertencem, e Ele é a origem de tais coisas (cf. FOULKES, 1984, p. 51).

Com espírito de sabedoria e revelação: o Espírito Santo confere ao espírito do crente a capacidade de agir com sabedoria; é Ele quem lhe revela as maravilhosas verdades a respeito de Cristo. Paulo aponta o espírito de sabedoria e revelação como característica principal daquele que está crescendo espiritualmente.

Com seu pleno conhecimento: O pleno conhecimento de Deus vem mediante a Pessoa de Seu Filho Jesus Cristo e pela ação reveladora do Espírito Santo e não por meio de filosofias perniciosas dos homens. Não há crescimento espiritual sem o conhecimento de Deus dado ao crente por meio do Espírito Santo.

Continuando neste assunto, Paulo mostra que este crescimento espiritual descrito no verso anterior ocorre depois que houve a iluminação interior (“...os olhos do vosso coração...”), a qual capacita a todos os crentes a saberem e conhecerem:

“**qual é a esperança do seu chamado**” (chamado de Deus). Na Escritura, o coração é o centro da vida espiritual do homem. Por causa do pecado o coração do homem tornou-se completamente cego, incapaz de ver a verdade, e envolto na mais terrível e densa escuridão. Por isso, necessita de duas coisas: (1) o Evangelho da Verdade, e, (2) da Iluminação do Espírito Santo com a qual poderá compreender o Evangelho. Uma vez ocorrendo esta bendita iluminação o homem pode conhecer “**qual é a esperança do seu chamado**” (de Deus). Paulo entendeu que a melhor forma de vencer as tendências pecaminosas antigas é entregando-se totalmente ao Senhor numa nova vida. Os efésios haviam recebido o **chamado externo** (a anunciação do Evangelho) e agora, o **chamado interno** (a iluminação da alma). A esperança que nasce dessa iluminação interior está totalmente embasada na infalibilidade de Deus em cumprir cada uma de Suas promessas.

“**qual a riqueza da glória da Sua herança nos santos**”. Assim como o Seu chamado, a herança também é dada por Deus. Paulo está falando sobre gloriosas riquezas, das maravilhosas magnitudes e de todas as bênçãos que acompanham a salvação, particularmente aquelas que ainda serão concedidas na grande consumação de todas as coisas. O que dá à herança um caráter ainda mais glorioso é justamente o fato de que ela há de ser desfrutada juntamente com “todos os que amam a sua vinda” (2Tm. 4.8) (cf. HENDRIKSEN, 1992, p.126).

“**qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos**”, poder este que opera em nós “segundo a eficácia da força do seu poder”. O poder de Deus age no interesse dos crentes, e de ninguém mais. Este poder sobrepõe-se em grandeza (ou “suprema grandeza”) que opera eficazmente em nós foi o mesmo usado por Deus para ressuscitar o Senhor Jesus. Fico pensando como temos facilidade de apontar as fraquezas e defeitos dos nossos irmãos. Isso,

antes de depor contra os nossos irmãos depõem contra Deus que e a Sua obra na vida da Sua Igreja.

Implicações e Aplicações

Quero-lhe fazer mais algumas perguntas.

- 1) **Você tem orado por nossa Igreja e louvado a Deus por ela existir?** A intercessão e a ação de graças têm o poder de fortalecer nossa fé em Deus e o nosso amor pelos irmãos.
- 2) **Você tem desejado ver o crescimento espiritual da nossa Igreja?** Enquanto você deseja o crescimento espiritual da nossa Igreja você estará crescendo espiritualmente também porque você faz parte dela.
- 3) **Você tem adotado uma postura de crítica ou de zelo para com a nossa Igreja?** Quem critica e não apresenta soluções, está difamando a obra que Cristo está fazendo na Igreja, mas, quem tem zelo não deixará de apontar os erros dando também a solução pela Palavra de Deus porque conhece o poder de Deus que opera nos crentes.

Conclusão

Louve a Deus e interceda pelo progresso da nossa amada Igreja. Fazê-la crescer não depende de você, mas, louvar e interceder junto a Deus, sim!

São José dos Campos, 28/10/2012

Rev.Olivar Alves Pereira

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(6^a Mensagem)

Ef 1.20-23

Você se considera uma pessoa agradecida? Com que frequência você exerce e demonstra sua gratidão? Entre as bênçãos pelas quais você agradece a Deus qual é a que mais você menciona?

Uma atitude muito bela de gratidão que pode ser vista nas cartas de Paulo, especialmente em suas orações é a sua gratidão a Deus pela Pessoa de Cristo Jesus (cf. Rm 7.25; 2Co 2.14).

Em suas orações você tem agradecido a Deus por Jesus Cristo? Por Ele ter vindo ao mundo, e assumido o seu lugar lá na cruz? Por ter chamado você ao arrependimento e à nova vida?

Nestes versos finais do cap.1 Paulo expressa o seu **Louvor a Deus pela Glória do Senhor Jesus Cristo.**

Ainda que estes versos (v.20-23) façam parte de todo o parágrafo (v.15-23) é importante observar que Paulo agora direciona suas palavras para a glória do Senhor Jesus Cristo pela qual ele (Paulo) louva a Deus. Podemos destacar as seguintes verdades aqui. A glória do Senhor Jesus:

1) Reflete a Glória do Pai, v.20

Com o mesmo poder que Deus operou para nos ressuscitar espiritualmente Ele usou este mesmo poder para ressuscitar a Cristo dentre os mortos.

Essa afirmação é sobremodo importante para a Fé Cristã por três motivos: (1) ao ressuscitar Jesus dentre os mortos, Deus, o Pai, estava chancelando a obra redentora de Cristo, estava dizendo aos mundos físico e espiritual que a justiça foi feita e que o sacrifício de Jesus supriu todas as exigências; (2) por pior que seja o pecador, quem o transforma é Deus com Seu divino poder; (3) temos aqui também a garantia da ressurreição final no Dia do Senhor Jesus quando os mortos em Cristo serão ressuscitados e os vivos, transformados.

Em Ef 1.14 Paulo fala do penhor da nossa salvação, a saber, o Espírito Santo. Com base no v.20 podemos dizer que o crente tem um **duplo penhor** que consiste no fato do Espírito Santo habitar nele e do poder de Deus em ressuscitar Jesus, pois, foi com este mesmo poder que Deus nos transformou e haverá de nos ressuscitar no Dia de Cristo.

Por ocasião da Sua oração sacerdotal o Senhor Jesus Cristo disse: “**e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo**” (Jo 17.5). Desde antes da fundação do mundo Jesus e o Pai compartilhavam da mesma glória; ambos eram o mesmo em Sua essência e autoridade. Mas, ao executar o plano da salvação, o Filho se encarnou, esvaziando-Se da Sua glória (Fp 2.7). Quando Ele morreu, o Pai O ressuscitou, e com isso não somente estava mostrando a todos que o sacrifício de Seu Filho foi plenamente aceito por Ele (o Pai), como também estava Lhe devolvendo a glória que pertencia a Ele desde antes da fundação do mundo “...fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais”. E assim, a glória de Cristo reflete a Glória do Pai porque ambas são uma apenas.

A glória do Senhor Jesus Cristo também

2) É absoluta em todos os aspectos, v.21

Aqui, Paulo tem em vista a extensão dessa posição gloriosa de Cristo. Há aqui uma grande semelhança com Cl 1.16. Ambos os versos destacam a proeminência de Cristo sobre todos os poderes no universo. Todos os poderes, quaisquer que sejam, encontram em Cristo não só o seu começo como também o seu fim. William Hendriksen comenta o seguinte (HENDRIKSEN, 1992, p. 128): “*Considerando esta passagem à luz de Cl 2.18, bem como a presente passagem de Efésios, quando comparada com 3.10, torna-se evidente que as referências são primeiramente aos anjos*”.

Havia naquela região da Ásia, mestres do erro que destacavam a posição dos anjos, conferindo-lhes poderes, nomes e ações o que acabava por contribuir para uma adoração e veneração aos mesmos (cf. HENDRIKSEN, 1992, p.128). Paulo ataca de frente esta ideia deixando claro que os anjos desobedientes e maus foram subjugados por Cristo (Cl 2.15) e estão sujeitos a Ele como Senhor (Rm 8.38; ver também 1Pe 3.22). Os anjos, sejam bons ou maus, não têm poder fora de Cristo. A extensão do Senhorio de Cristo não se limita a um tempo apenas, a este século somente “...mas também no vindouro”.

Todos os poderes, seres e autoridades que possam existir estão totalmente subordinados a Cristo. Ele está acima de todos; Ele governa absoluto no universo e no tempo. Em todas as eras (passado, presente e futuro) não houve e nem haverá jamais alguém que Lhe seja igual, nem mesmo sequer possa se aproximar Dele em glória. Sua autoridade absoluta também aponta para o fato de que todos deverão prestar-Lhe contas.

Precisamos pregar sempre a verdade do Senhorio absoluto de Cristo. Um dos momentos mais difíceis da nossa vida é quando perdemos alguém que amamos para a morte. Este momento torna-se ainda mais difícil quando nos esquecemos de que Deus é o dono de tudo o que existe, inclusive das pessoas que vivem neste mundo (Sl 24.1). Sim, Cristo é Senhor Absoluto e o nosso coração precisa saber, crer e viver essa verdade.

Por fim, a glória do Senhor Jesus Cristo

3) Glorifica a Sua Igreja, v.22,23

Duas verdade centrais encontradas nestes dois versículos que dizem respeito ao Deus Pai em relação a Cristo:

- ✓ Todas as coisas estão debaixo dos pés de Cristo e Ele é o Senhor de tudo;
- ✓ Deu-O como cabeça para Sua Igreja a qual é o Seu corpo

Primeiramente, a submissão total a Cristo, nos mostra Ele como o “Homem Ideal” (“o Filho do Homem” bem como “o Filho de Deus”). O Sl 8.6 alcança aqui o seu pleno cumprimento. Vejam-se também 1Co. 15.27 e Hb. 2.8.

Não devemos limitar “...todas as coisas...” a “todas as coisas na Igreja”. Nem tampouco às coisas descritas no Sl 8.7,8 (ovelhas, bois, animais do campo, aves do céu, peixes, etc.); “...todas as coisas...” aqui abrange **tudo quanto possa ser um estorvo para a esperança dos crentes em relação à glória eterna que lhes foi prometida por Cristo**. A relação deste texto com o Sl 8.6-8 deve ser entendida da seguinte maneira: o referido salmo mostra qual era o propósito de Deus para o homem, a saber, ser Seu vice regente na natureza, tendo absoluto domínio sobre ela. Porém, com a intromissão do pecado, o homem perdeu este posto. **Cristo é o Homem Perfeito**, o Único capaz de estar totalmente livre do pecado e acima de tudo. Por esta razão, em Cristo, a Igreja assume o seu lugar no universo.

Em segundo lugar vemos que Deus o pôs como “...cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja”. Cristo é a cabeça da Igreja, e esta é o Seu corpo. William Hendriksen afirma (cf.

HENDRIKSEN, 1992, p. 130): “O que se enfatiza por meio deste simbolismo de cabeça-corpo é a intimidade do vínculo, o insondável caráter do amor entre Cristo e a igreja, como está claramente indicado em 5.25.33”.

Deve ser ressaltado aqui o amor de Deus e de Cristo pela Sua Igreja, e o amor desta por Ele como resposta.

Paulo diz que a Igreja “... é o Seu corpo...”. Este simbolismo (cabeça-corpo) mostra o amor de Cristo pela Sua Igreja de tal forma que Ele faz com que tudo no universo concorra para o bem dela. Até mesmo as dificuldades e problemas, retaliações e investidas do mal acabam no final de tudo exaltando o amor de Cristo por Sua Igreja, pois, nada, absolutamente nada pode impedir o amor de Cristo por ela.

Também ele diz que ela é: “...a plenitude Daquele que a tudo enche em todas as coisas”. A conclusão que a maioria dos comentaristas chegam sobre essas palavras é que Paulo está afirmando que a Igreja completa Cristo. É claro que não no tocante à Sua Divindade e Essência, mas, no que diz respeito à relação da Igreja com Cristo, ou seja, como Esposo Ele é incompleto sem a Esposa; como Videira, não se pode pensar Nele sem os ramos; como Pastor, não se podevê-Lo sem Suas ovelhas; e assim também como Cabeça, Ele encontra sua plena expressão em Seu Corpo, a Igreja.

Em Cristo, tudo no universo é completado; Nele, todas as coisas encontram seu princípio e fim. Através de Sua obra redentora e reconciliatória, Cristo é o que “...a tudo enche em todas as coisas”. A Igreja é o corpo de Cristo e Ele, que enche o Universo inteiro, está nela em toda a Sua plenitude.

Como cabeça da Sua Igreja, Cristo a glorifica. Tudo no universo corrobora para o bem-estar da Igreja (**Rm 8.28,29**), mas, isto só acontece porque Cristo é quem efetua este propósito. A glória da Igreja está em Cristo, e fora Dele ela perde totalmente o seu sentido e propósito. Na figura da cabeça-corpo, Cristo e a Igreja se completam. Ele como cabeça orienta e governa a Igreja; ela por sua vez, como corpo é quem O leva ao mundo, cumprindo assim o seu papel de “porta-voz” do Reino de Deus.

Implicações e Aplicações

- 1) **Jesus Cristo é o Senhor.** Deus Pai glorificou a Cristo devolvendo-Lhe essa autoridade que sempre Lhe pertenceu. Você mostra essa verdade em sua vida quando obedece à Palavra de Deus.
- 2) **Jesus Cristo é o Senhor Absoluto.** Todos os seres, todas as coisas, todas as eras estão debaixo do Senhorio de Cristo. Nada foge do Seu controle e nem deixa de cumprir a Sua vontade. Quando você obedece ou desobedece à Palavra de Deus, Cristo não deixa de ser Senhor Absoluto, pois, Ele será glorificado quando suas obras foram reveladas.
- 3) **Jesus Cristo é o Senhor Absoluto que torna plena a Igreja.** Cristo deposita em Sua Igreja a Sua glória, e esta é a responsável por levá-Lo ao mundo para ser ali glorificado também. A beleza da Igreja, a sua glória e a sua vida estão em Cristo. A Igreja não deve buscar outra glória além dessa.

Conclusão

A glória de Cristo está na glória do Pai e a nossa glória está em Cristo.

São José dos Campos, 04/11/2012

Rev. Olivar Alves Pereira

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(7^a Mensagem)
Ef 2.1-7

Uma das verdades mais urgentes que todo crente deve aprender em sua jornada de fé é o que o Senhor Jesus disse em Jo 15.5: “... sem mim nada podeis fazer”. O quanto antes o crente aprender e crer nessa verdade ele conseguirá vencer em sua luta contra o pecado e viverá para a glória de Deus.

No presente trecho da carta (2.1 – 3.13) Paulo passa a mostrar a nossa condição de existência e vida em Cristo. Neste trecho ele trata especialmente da condição dos gentios (os não judeus) em Cristo. Mostrando que **sem Cristo nosso estado era de morte espiritual**, completamente incapacitados e até mesmo inconscientes da nossa miséria espiritual, fomos ressuscitados espiritualmente por Cristo porque fomos alvos da Graça de Deus, com a qual Ele nos constituiu Sua família e também embaixadores do Seu reino. Assim, Cristo nos transportou da morte para a Vida, das trevas para a Luz, da condenação para a Glória.

Pela Graça de Deus **somos ressurretos em Cristo**. Falando sobre a nossa ressurreição espiritual podemos afirmar que:

1) **Ela é totalmente necessária, v.1-3**

A nossa situação era: “**Ele vos deu vida estando vós mortos nos vossos delitos e pecados**”. No texto grego não aparece neste versículo as palavras “Ele vos deu vida”. Lá, Paulo começa dizendo: “**E estando vós mortos em vossos delitos e pecados**”. A intenção de Paulo era mostrar a desgraça e ruína em que se encontravam os efésios depois de ter falado sobre a glória de Cristo (1.20-23) contrastando assim a miséria do homem e a Glória de Cristo, a única solução para quem está morto espiritualmente.

As palavras “**delitos e pecados**” trazem consigo a ideia de **errar o alvo, desviar-se do caminho**. O pecado em todas as suas formas é um desvio do homem com respeito à vontade de Deus. É o homem assumindo o controle de sua vida e em seguida, perdendo todo o controle da mesma por fazer as coisas conforme a inclinação da carne. Este desvio do homem levou-o à morte, que aqui no texto refere-se à morte espiritual, ou seja, a separação, o rompimento da comunhão com Deus, comunhão esta que Deus projetou para o homem quando o criou, mas, que este acabou trocando quando decidiu pecar. Essa morte espiritual trouxe sérias implicações: rompimento da comunhão com Deus, perda do livre-arbítrio (o pecado passou a ser o senhor do homem), e por isso há a necessidade de um Mediador perfeito.

-02-

Não estamos dizendo que o ímpio seja incapaz de fazer coisas boas. Essas coisas boas que o homem natural (sem Cristo) faz nada mais são do que o que chamamos de “humanidade”, um “gesto humano”, e nada mais. Porém, em relação às boas obras para salvação o homem natural se encontra totalmente incapacitado de realizá-las.

No v.2 Paulo vai mais a fundo em mostrar como era a nossa vida antes de Cristo nos regenerar e salvar: “**nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o princípio da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência**”; este é o retrato do coração do homem sem Cristo. Ele é:

- ✓ **escravo do pecado:** nos pecados o homem sem Cristo conduz seu coração;
- ✓ **escravo do mundo:** ou seja, é a ideologia desse mundo que rege o seu coração; suas ideias são repetições das ideias do mundo;
- ✓ **escravo de Satanás:** o qual tem como objetivo levar os corações a desobedecerem a Deus.

O que Paulo está mostrando aqui é que o homem natural age em **conformidade** com a vontade do diabo; dessa forma, Satanás não é o culpado sozinho pelos pecados cometidos, pois o homem também o é. Lembre-se que Satanás opera “**nos filhos da desobediência**” valendo-se da ideologia mundana.

Antes que alguém pense que Paulo está aqui a fazer acusações dos pecados dos alheios e se esquivando de sua própria culpa, ele muda do “vós” para o “nós”: “**Entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais**”. Definitivamente essa é a condição de todo ser humano. A honestidade com que Paulo trata do assunto demonstra não só a sua sinceridade, mas, também a capacidade dada por Deus ao homem de anular qualquer complexo de superioridade típico de um coração ímpio.

Desde que o homem rompeu sua comunhão com Deus entrando assim no chamado estado de morte espiritual, a necessidade do restabelecimento dessa comunhão (ressurreição espiritual) se fez presente. Como poderia o morto sair de sua própria cova, se nem mesmo sequer podia dar-se conta de que estava morto? O estilo de vida (ou seria de morte?) que cada qual levava acentuava a degradação e a apatia em que se encontrava em relação a Deus. Por tudo isso, a nossa ressurreição espiritual se faz totalmente necessária.

Além disso, a nossa ressurreição espiritual

2) É somente fruto da misericórdia, graça e amor de Deus, v.4,5

Paulo em seu pensamento segue um “fluxo e refluxo”, ou seja, ele fala da Glória de Deus, e depois mostra a miséria do homem, para voltar novamente a falar sobre a Glória de Deus.

Apesar de todo o pecado e depravação total do homem, Deus teve misericórdia deste. “**Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou**” (v.4).

A misericórdia e o amor de Deus são sinônimos. Tentar explicá-los é não somente uma tarefa difícil, mas, impossível. Não há palavras, expressões e definições que apontem com exatidão o significado deste amor por nós. Por meio de Sua Graça e Amor Deus nos vivifica e nos capacita a vivermos de forma santa e irrepreensível perante Ele.

No v.5 lemos: “**e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, – pela graça sois salvos**”. As nossas transgressões nos levaram à morte espiritual (rompimento da comunhão com Deus e degradação moral), mas, Deus, por Sua misericórdia, amor e graça nos trouxe à vida (regeneração espiritual e comunhão com Ele) juntamente com Cristo.

O final deste versículo (“**pela graça sois salvos**”) é uma lembrança a todos nós de que não merecemos a salvação, não merecemos uma gota da rica misericórdia de Deus; se a recebemos é por Graça somente.

Que isto está claro no texto não há o que discutir. Contudo, devemos sempre lembrar que somente um Deus que é **rico em misericórdia** e de **grande amor** poderia fazer o que foi feito por nós, isso porque nossa condição não poderia ser resolvida de outra forma, a não ser por uma misericórdia tão rica e por um amor tão grande. Quando afirmamos que Cristo é o nosso **Único Salvador**, devemos lembrar que isso não quer dizer apenas que nós não devemos repartir com outros deuses a glória Dele, mas que, não se pode repartir a Sua glória por que ela é única; só Deus é como Ele é; somente Ele poderia nos salvar, pois, só Ele tem todo esse amor, misericórdia e graça para que com poder supremo pudesse nos salvar.

Por fim, ressaltamos que a nossa ressurreição espiritual

3) É testemunha do poder de Deus, v.6,7

É maravilhoso vermos o que o Espírito Santo pode fazer com a mente de uma pessoa. O pensamento de Paulo flui com uma leveza que nos impressiona, e ao mesmo tempo mergulha numa profundidade que nos deixa extasiados. O contraste que Paulo apresenta nestes versos com o “outrora” e o “agora” é completo. Veja:

Outrora, estávamos mortos em nossas transgressões e pecados; **a**gora, estamos vivos e ressurretos juntamente com o Cristo ressurreto, ou seja, tão certo como Cristo está vivo nos céus estamos nós vivos espiritualmente.

Outrora, éramos escravos daquele que opera na esfera espiritual, Satanás; **a**gora, estamos assentados com Cristo nos lugares celestiais, ou seja, antes vegetávamos nas garras de Satanás, no seu campo de atuação, mas, agora em Cristo, assumimos a posição de regentes com Ele sob o universo, tanto físico, quanto espiritual. Há de se lembrar que aqui Paulo não está afirmando que já aconteceu este nosso assumir os tronos ao lado de Cristo, mesmo porque isto está reservado para a Eternidade quando Cristo vier buscar a Sua Igreja. Antes, Paulo está vislumbrando esta verdade como se ela tivesse acontecido de fato. Em outras palavras, isso é tão verdadeiro e garantido a nós, que Paulo trata do assunto como se já tivesse acontecido literalmente. Assim deve ser a nossa esperança. Ela deve expressar não só uma aceitação das promessas de Deus, mas, acima de tudo, plena convicção de que elas serão executadas por Ele no tempo certo e estipulado por Ele mesmo.

Ainda mostrando o contraste entre o **outrora** e o **agora** no pensamento de Paulo neste trecho, podemos ver que **outrora**, a condição de morte espiritual era deprimente, degradante e aviltante, mas, **agora**, nossa condição em Cristo mostra “... a suprema riqueza da Sua graça em bondade para conosco, em Cristo Jesus”. Por isso Paulo diz “...onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm. 5.20).

Ao nos ressuscitar juntamente com Cristo, ao nos fazer assentar com Ele nos lugares celestiais, Deus assim o fez para mostrar a todas as gerações, e em especial, no Dia da Volta de Cristo, a suprema riqueza da Sua Graça. Todos não somente verão como devem ver desde já a obra maravilhosa que o Senhor Deus realizou em nós por meio da Sua Graça. Somos apenas os instrumentos que Deus usa para mostrar a Sua Graça, por isso mesmo, a honra e a glória devem ser creditadas somente a Deus. A nós pertence a alegria, a felicidade e a paz resultantes dessa maravilhosa obra, a saber, a nossa ressurreição espiritual, o nosso restabelecimento diante de Deus em comunhão com Ele.

Implicações e Aplicações

Este trecho da carta pode ser resumido em três palavras: outrora, agora e aurora.

- 1) **O**utrora éramos mortos espiritualmente: nada havia em nós que pudesse mudar essa situação. Somente pela Graça de Deus é que pudemos sair dessa deplorável condição espiritual, e
- 2) **A**gora estamos vivos espiritualmente: Cristo entregou a Sua vida para que pudéssemos ressuscitar espiritualmente, e por isso na
- 3) **A**urora celeste reinaremos com Ele eternamente: e a certeza dessa promessa pode ser desfrutada desde já como se ela já estivesse acontecendo.

Diante dessas implicações e aplicações podemos afirmar que o crente não tem motivo algum para viver esmorecido diante das lutas dessa vida. O que éramos, o que somos e o que seremos dá à nossa vida o verdadeiro sentido de ser.

Conclusão

Nas palavras de John Newton: “Eu não sou quem eu deveria ser. Eu não sou quem eu quero ser. Eu não sou o que eu espero ser. Contudo, eu não sou o que eu costumava ser. E, pela graça de Deus, sou o que sou”.

Rev. Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 11 de novembro de 2012

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(8^a Mensagem)
Ef 2.8-10

Estamos na mira de Deus. De forma geral, todos os seres humanos estão sob a mira de Deus. A diferença é que os eleitos de Deus estão sob Seu olhar gracioso e cheio de amor, ao passo que os demais pecadores estão sob a mira da ira de Deus.

O apóstolo Paulo vem desenvolvendo seu argumento desde o **cap.1** onde ele mostrou que Deus tem Seus eleitos para serem salvos, mas, também para serem santos e irrepreensíveis. Afinal, Deus nos os predestinou somente para o céu, mas, para viverem neste mundo caído como cidadãos do céu.

Ainda que o assunto destes versos esteja totalmente ligado ao assunto do texto anterior, é importante fazermos a distinção aqui, não do assunto, mas, dos termos. No parágrafo anterior o termo principal é **ressurreição**, enquanto que aqui o termo principal é **graça**.

Na última mensagem quando estudamos **Ef 2.1-7** vimos que Deus nos deu vida por meio de Cristo Jesus, pois, estávamos mortos em delitos e pecados. Tal bênção não se restringe somente aos judeus, mas, também aos gentios (os que não são judeus, a saber, todo o restante da humanidade).

Sim, os eleitos de Deus, tanto de entre os judeus quanto dos gentios, são alvos da graça de Deus. E é justamente esse o tema da nossa mensagem hoje: **Somos Alvos da Graça de Deus.**

Como certa vez um aluno no seminário me perguntou: “Pastor, mas, por que Deus me escolheu? Por que eu?”. Eu confesso que essa pergunta também me inquieta. E todas as vezes que eu pergunto: “Porque eu, Senhor?”, a resposta que me vem é: “Porque és Tu, Senhor”. Não foi porque eu sou bom, até mesmo porque eu não sou, pois, não há bem algum em mim sem Cristo. Fui salvo porque Deus que é amor, rico em misericórdia quis me salvar. Fui (e sou) alvo da graça e amor de Deus.

Assim sendo podemos afirmar que a nossa salvação é:

1) Dom de Deus, v.8,9

“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus”. Temos aqui uma aparente dificuldade. Quando Paulo diz: “...e isto não vem de vós; é dom de Deus”, está ele se referindo à graça ou à fé? O pronome demonstrativo “isto” se refere a qual das duas? Se o atribuirmos à graça, estariamos tirando do homem qualquer responsabilidade de decisão? E se o atribuirmos à fé, estariamos tirando de Deus todo o mérito pela nossa salvação?

O pronome demonstrativo “isto” refere-se à nossa salvação, a qual é o dom de Deus. A nossa salvação é o resultado da Graça de Deus a qual gera em nós a Fé Salvadora. Quando analisamos o texto grego, não fica dúvida. O substantivo “graça” (**χάριτι**) é um dativo feminino singular, enquanto que o substantivo “fé” (**πίστεως**) é um genitivo feminino singular. O pronome demonstrativo “isto” (**τοῦτο**) é nominativo neutro. Como vemos não há correlação entre os termos. A única palavra que nos dá uma ligação com este pronome é o particípio “sois salvos” (**σεσῳμένοι**) que é um nominativo masculino, que embora não concorde com o gênero (um é neutro e o outro é masculino) nem com o número (um singular e o outro é plural), mas concordam com o caso (ambos são nominativos) e como acontece na gramática grega, o nominativo aponta o sujeito da frase.

Numa paráfrase colocamos o verso da seguinte forma: “**O dom de Deus que é a salvação de vocês aconteceu pela graça Dele e através da Fé que Ele gerou em seus corações**”. Dessa forma Deus é o único que merece toda a glória pela nossa salvação (porque este dom vem Dele) e somos também responsáveis diante Dele se recusarmos este presente (dom), assim como também a nossa Fé é a resposta a essa Graça, a qual (a Fé) também é dada por Deus (lembre-se de que o morto por si só não tem capacidade de crer em Deus para a salvação, a menos que o Senhor o arranque de sua cova e o capacite a crer, porém, uma vez capacitado a crer, ele é o responsável pelo que faz com sua Fé).

E o v.9 completa dizendo que a nossa salvação não vem “**de obras, para que ninguém se glorie**”. Ainda bem que estas palavras seguem imediatamente o que foi dito anteriormente, do contrário, teríamos reforçada a tendência de colocarmos no homem toda a glória pela sua salvação (ainda que esta tendência não encontre respaldo bíblico algum).

Não nos esqueçamos: a nossa salvação é dom de Deus, ela **vem** de Deus, e uma vez que Ele nos salvou também nos deu a capacidade de crermos Nele. Mas, não pensemos que esta capacidade de crer Nele é natural em nós. Por causa do nosso pecado estávamos totalmente desprovidos de qualquer capacidade de respondermos a Ele. Mas, depois que Ele nos salvou, dotou-nos de poder para crermos e confirmarmos na promessa da nossa salvação. Porém, tomemos muito cuidado! Mesmo que pratiquemos boas obras, as únicas coisas que nos garantem diante de Deus são a Sua graça e a Fé Salvadoras exclusiva no sacrifício de Jesus!

Paulo está falando tanto a judeus que confiavam nas obras decorrentes do cumprimento da Lei de Moisés, as quais não podem justificar o homem, pois, cumpri-las é o dever de todo homem, e em especial dos crentes, bem como também ele está falando aos gentios convertidos que as boas obras não produzem a salvação, antes, são fruto da salvação.

Diante de Deus ninguém tem do que se vangloriar. Se um crente praticou boas obras não fez nada mais que a obrigação; se deixou de fazê-las, prestará contas a Deus, pois, o Senhor dotou tal pessoa com condições para praticá-las. Definitivamente, temos de compreender que a nossa salvação partiu de Deus, foi realizada por Ele, e é aperfeiçoada por Ele e Nele. É o que veremos no próximo verso.

Graça e dom são palavras que nos mostram que Deus **quis** fazer tal coisa por nós. Trata-se do maior e mais belo presente que poderíamos receber de alguém. Ele é quem merece receber dons e presentes de nossas mãos. Mas, o que mortos espiritualmente poderiam oferecer-Lhe senão, fedor, podridão e imundície? Ele nos salvou desse estado horrível para que: “**Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome**” (Hb 13.15).

Por fim, a nossa salvação é

2) Confirmada pela nossa obediência, v.10

“**Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas**”.

William Hendriksen apresenta o que ele chama de “**obras reprovadas**” (a salvação não é pelas obras humanas para que não haja nenhuma vanglória do homem), “**obras preparadas**” (Deus preparou as boas obras de antemão – mas uma vez vemos o plano de Deus sendo traçado completamente e não em fragmentos), “**obras esperadas**” (para que andássemos nelas) e, por fim, “**obras aperfeiçoadas**” (uma combinação entre as obras preparadas e as esperadas, mostrando assim o plano de Deus sendo executado obedientemente por nós). E ele então conclui: “*Esta doutrina das boas obras, quando aceita pela fé, priva o homem de toda e qualquer razão para se vangloriar, mas, ao mesmo tempo, o livra de todo motivo de desespero. Glorifica a Deus*” (cf. HENDRIKSEN, 2005, p.150).

As boas obras que Deus preparou para aqueles a quem quis salvar, devem ser aperfeiçoadas e embelezadas pela obediência a Deus. O verbo “**andar**” neste parágrafo (v.2,3 e 10) tem o sentido de **comportamento, postura, conduta**. Literalmente, significa “**pisar em volta**”, ou seja, há um ponto central ao redor do qual a nossa vida “gira”, e este ponto é a glória de Deus. Quando estudamos Ef 1.10 vimos que Cristo é o centro de tudo. Dessa forma, Ele é o centro da nossa vida, ao redor do qual nos comportamos, andamos e nos conduzimos. Isto tudo pode ser resumido numa única palavra: **obediência**.

Implicação e Aplicação

Destacamos aqui somente uma implicação (embora outras possam ser destacadas) e sua aplicação.

Falando sobre as obras que você realiza fica a pergunta: **suas obras confirmam que você é um eleito e, portanto, um salvo?**

Conclusão

Somos alvos da Graça de Deus e isso deve fazer com que Deus seja o alvo do nosso coração.

Rev.Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 18/11/2012

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(9ª Mensagem)

Ef 2.11-22

“Todo mundo é filho de Deus”. Você concorda com essa afirmação? Bem, eu particularmente, não concordo. Como temos visto em nossa exposição da Carta aos Efésios, e em textos como **Jo 1.12**, filho de Deus é somente aquele que recebeu a Cristo como seu Senhor e Salvador. Quem não nasceu de novo é apenas criatura de Deus.

A todos quantos receberam a Cristo como seu único e suficiente Salvador e Senhor, foram também recebidos na Família de Deus. E este é o tema da nossa meditação nessa ocasião: **Recebidos na Família de Deus por meio da Cruz**.

O sacrifício do Senhor Jesus Cristo abriu-nos as portas do Reino de Deus, e, assim fomos recebidos em Sua Família, que é a Sua Gloriosa Igreja.

A Confissão de Fé de Westminster afirma no Cap.XXVI, §II:

“A Igreja Visível, que também é católica ou universal, sob o Evangelho (não sendo restrita a uma nação, como antes sob a Lei) consiste de todos aqueles que, pelo mundo inteiro, professam a verdadeira religião (**1Co 1.2; 1Co 12.12,13; Rm 15.9-12**), juntamente com seus filhos (**Gn 17.7; Gl 3.7,9,14; Rm 4; At 2.39; 1Co 7.14; Mc 10.13-16**); é o Reino do Senhor Jesus Cristo (**Mt 13.47; Cl 1.13; Is 9.7**), a casa e família de Deus (**Ef 2.19**), fora da qual não há possibilidade ordinária de salvação (**Mt 28.19; At 2.38; 1Co 12.13; Mt 26.26-28**)”.

Pelo sacrifício de Cristo, judeus e gentios são um só corpo, somos a Família de Deus, por isso:

1) Em Jesus temos a Paz, v.11-14

Os crentes efésios eram gentios, e, por isso mesmo, incircuncisos. Por essa razão, os judaizantes (judeus que se diziam convertidos a Cristo, mas, que ainda sustentavam práticas do Judaísmo para conquistarem a salvação por sua própria conta) agiam com discriminação para com os crentes gentios porque estes não eram circuncidados (**v.11**). Paulo então lembra aos crentes efésios que a circuncisão que realmente importa é a que é feita no coração, a qual é obra do Espírito Santo, e não uma cirurgia num membro do corpo, o qual é feita “**...na carne, por mãos humanas**”. Essa obra do Espírito Santo no coração do pecador convertido recebe o nome de Regeneração. O coração é purificado, é retirado toda a podridão, e o crente recebe um novo coração.

No **v.12**, Paulo lembra-lhes de quem eles eram:

Sem Cristo: isto não quer dizer que Cristo não atentava para os efésios antes da conversão deles, mesmo porque em **Ef. 1.3-14**, fica bem claro que eles já estavam contados com o grupo dos escolhidos de Deus desde antes da fundação do mundo. O que Paulo está afirmando aqui é que antes da conversão deles, eles não haviam experimentado ainda esta união com Cristo. Viveram anteriormente na mais profunda e densa escuridão do pecado, totalmente afastados de Cristo.

Sem cidadania: estavam separados da comunidade de Israel. Somente os judeus tinham até então o privilégio de serem considerados povo de Deus. E por isso mesmo

Sem as alianças da promessa: até a vinda de Jesus ao mundo, os gentios não desfrutavam das bênçãos das alianças de Deus, e consequentemente, ainda eram inimigos de

Deus. E por não terem as promessas de Deus realizadas em suas vidas (ainda que tudo já estivesse nos planos de Deus, a saber, a eleição deles) eles também estavam

Sem esperança: essa esperança é o resultado da promessa de Deus de ser o Deus de seu povo. Como poderiam os gentios (no caso, os efésios) terem esta esperança se não lhes tinha sido anunciada a promessa de Deus? Em vez de esperança, viviam dominados pelo medo, pela incerteza e insegurança porque estavam:

Sem Deus no mundo: a palavra que Paulo usa aqui para descrevê-los é **άθεοι** da qual origina-se a nossa palavra “ateu”. Não quer dizer que eles viviam abandonados por Deus, mas sim, que viviam sem qualquer conhecimento do Deus verdadeiro, assemelhando-se a marinheiros enfrentando a fúria do mar sem bússola, sem guia, num navio sem timão. Eles é que viviam afastados de Deus, e não o contrário.

Mas, “agora”, diz Paulo, uma profunda transformação foi efetuada neles: “...antes estáveis longe, fostes aproximados...”. Nos tempos do Antigo Testamento, o Templo em Jerusalém era considerado “a morada de Deus”. Dessa forma, Israel estava “perto” e consequentemente, os gentios, “longe”. Com o advento do Evangelho, os que estavam longe foram trazidos para perto. Esta frase é um eco de **Is 57.19** a qual também encontramos em **At. 2.39**.

Esta aproximação foi efetuada por meio do “**sangue de Cristo**”. O pecado é a causa básica da separação entre Deus e o homem, por isso Cristo deu-se a Si mesmo a fim de aproximar os homens da presença de Deus.

Não basta dizer que Cristo trouxe a paz; é necessário afirmar categoricamente que “**Ele é a nossa paz...**”. Ao dizer isso, Paulo está afirmando que Jesus, tão somente Jesus, é a nossa paz. Não são os sacrifícios, os rituais (circuncisão), ou quaisquer outras coisas, mas, somente Jesus é a nossa paz. Por meio do Seu sacrifício Ele uniu as partes que estavam separadas: uniu-nos a Deus, e por isso mesmo, uniu também os judeus crentes e os gentios crentes.

A “**parede da separação, a inimizade**” foi destruída. Por isso mesmo

2) Em Cristo temos a liderança, v.15,16

Ao dizer que Cristo aboliu a lei dos mandamentos, Paulo não está dizendo que Cristo a tornou nula, mas, sim, que Ele cumpriu em Sua carne todas as exigências da Lei, para que nenhum judeu convertido a Ele se sentisse tentado a cumprir a Lei para ser salvo e muito menos usasse isso como pretexto para humilhar os crentes gentios a quem a Lei não foi dada. Assim, tanto os judeus convertidos a Cristo quanto os gentios crentes devem agora cumprir a Lei como expressão de amor e gratidão a Deus demonstrando o desejo de honrá-lo e bendizê-Lo com suas ações.

Assim, Cristo criou em Si mesmo “**um novo homem**”, uma nova humanidade (cf. **Ef 4.24; Cl 3.10,11**). Em Cristo todos foram feitos nova criação (**v.10**). Nada mais e nada menos que o Sacrifício de Cristo é exigido para que sejamos salvos.

Mas essa reconciliação efetuada por Cristo lá na cruz entre os gentios e os judeus não parou aí. Ela tinha como objetivo maior a reconciliação de todos com Deus: “**e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade**” que havia entre judeus e gentios e de todos estes com Deus. E por isso mesmo:

3) Em Jesus temos acesso ao Pai, v.17-19

O **v.17** é uma referência a toda a obra de Cristo neste mundo. Ele estendeu a mensagem de salvação primeiramente aos judeus e depois a todos; não só as ovelhas da casa de

Israel, mas, muitas outras (Jo 10.16). Tanto aos de longe quanto aos que estavam perto “**evangelizou paz**”, isto é, proclamou a salvação e a reconciliação com Deus.

Essa unidade também se expressa “...em um Espírito...”, e garante a ambos o “...acesso ao Pai”. Nem mesmo os judeus tinham esse privilégio sem restrições. Eles necessitavam de um sacerdote como mediador. Mesmo tendo recebido os oráculos de Deus, não desfrutavam de um acesso livre à presença de Deus. Em Cristo, o judeu e o gentio têm o acesso a Deus dispensando a presença de sacerdotes, uma vez que todos agora são sacerdotes de Deus tendo Cristo como o Sumo Sacerdote sobre todos.

Se antes eles eram “**estrangeiros**”, agora são “**concidadões dos santos**”. Agora eles têm uma pátria, a mesma Pátria Celestial dos seus irmãos judeus convertidos. Agora todos os convertidos não importando de qual etnia sejam, são “**família de Deus**”. E dessa forma:

4) Em Jesus somos um edifício para a glória de Deus, v.20-22

Somos o “**edifício de Deus**” e como tal:

Temos um fundamento: a base, o alicerce desse edifício é o mesmo em que os apóstolos e profetas de Deus edificaram: o Senhor Jesus Cristo, “**a Pedra Angular**”. Tanto a doutrina dos apóstolos como as profecias dos profetas do Antigo testamento apontam para Jesus. Como vimos em Ef 1.10, em Cristo tudo se converge. Ele é o centro da História, a razão de ser da Igreja.

Todas as partes se encaixam e crescem: as colunas desse edifício são os apóstolos (veja Gl 2.9) e os crentes são as pedras vivas que se encaixam umas nas outras (cf. 1Pe 2.4,5).

Este é o propósito de Deus para a Sua Igreja. Ela tem de estar devidamente encaixada em Cristo. Os membros unidos uns aos outros, crescendo em santidade e pureza diante do Senhor, sendo a habitação Dele no Espírito Santo.

Os verbos nestes versos estão conjugados de tal forma a transmitir a ideia de que a edificação da Igreja se dá constantemente e só terminará quando o último membro dessa edificação for devidamente colocado e encaixado na construção. Em outras palavras, a Igreja será totalmente concluída somente quando o último escolhido de Deus for convertido. Enquanto este dia não chega, mais e mais membros (pedras vivas 1Pe 2.5) estão sendo colocados e devidamente ajustados sobre a Grande Pedra Angular, Jesus Cristo!

Implicações e Aplicações

Na Família de Deus **não pode haver**:

- 1) **Preconceito:** nem judeu nem gentio; o que Deus vê são Seus filhos que foram lavados pelo mesmo Sangue purificador;
- 2) **Disputa:** Cristo é a Cabeça da Igreja; Ele é quem Se sacrificou para reunir-nos todos em Si; não deve haver em nós e em nossa Igreja disputa entre os membros;
- 3) **Soberba:** Temos acesso ao Pai por causa de Cristo, e não por que há algum merecimento em nós.
- 4) **Individualismo:** cada um de nós depende do outro para que devidamente ajustados cresçamos em tudo Naquele que é a Cabeça, Jesus Cristo, para que Deus seja glorificado em nós. O individualismo leva ao isolamento, e no isolamento não há crescimento porque não há vida. Só existe vida em Cristo, na vida em comunhão, na Igreja, na Família de Deus.

Conclusão

Só faz parte da Família de Deus quem é filho Dele por meio do sacrifício de Jesus Cristo.

A cruz de Cristo é a chave que abre para nós as portas do Edifício de Deus onde Ele habita por meio do Espírito Santo.

Rev. Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 25/11/2012

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(10^a Mensagem)
Ef 3.1-13

No Cap.2.11-22 vimos que Deus por meio do sacrifício de Jesus constituiu para Si mesmo a Sua Igreja composta de judeus e gentios.

Uma vez que as mesmas insondáveis bênçãos que foram derramadas sobre os judeus, agora também foram derramadas sobre os gentios, uma vez que a parede da separação foi derrubada e em lugar desta parede Deus levantou para Si um santuário, um templo, uma edificação, a saber, a Sua Igreja composta tanto de judeus como de gentios convertidos, Paulo então passa a mostrar que os membros da Igreja de Cristo são **Transmissores do mistério de Deus**.

Nestes versículos ele se refere a esse mistério mostrando que este estivera oculto por séculos, mas, agora em Cristo e em Seu Evangelho.

O mistério a ser transmitido por aqueles que foram recebidos na Família de Deus é:

1) Cristo fez para Si uma Igreja formada de judeus e gentios, v.1-6.

No v.1 Paulo se identifica como “**o prisioneiro de Cristo Jesus**”. Todas as vezes que ele foi para a cadeia foi por causa de Cristo. Ele não via isso como desonra, mas, como honra para si mesmo. Mas, por que Paulo lançava mão desse fato? Ele sempre foi colocado em dúvida pelos seus oponentes quanto à sua autoridade apostólica. Mas, diferentemente daqueles que dele duvidavam, ele sofria por amor a Cristo.

Ele não queria despertar no coração dos efésios sentimentos de compaixão ou até mesmo de culpa, mas, sim, queria que eles compreendessem que seu ministério como apóstolo estava sob a orientação de Deus e que Ele tinha um propósito muito bem definido para aquela situação. Paulo queria sim, encorajá-los!

Nos v.2-5 ele lembra aos efésios de que ele havia recebido a revelação desse mistério diretamente de Deus, e, lhes transmitiu por meio de escritos os quais, quando lidos pelos efésios deixariam bem claro o discernimento de Paulo em relação a esse mistério. Assim como ele recebera de Deus a revelação desse mistério e o discernimento do mesmo, ele comunicou aos efésios para que eles também desfrutassem da preciosa Graça de Deus.

Paulo sempre usou como argumento a seu favor o fato de ter recebido diretamente de Cristo a revelação do Evangelho. Não fora comissionado pelos outros apóstolos, mas, fora diretamente comissionado por Cristo. Por esse motivo, sempre lhe foi mais fácil compreender que o Evangelho deveria ser pregado também aos gentios. Pedro só veio a compreender que os gentios também precisavam receber o Evangelho depois que teve a visão do lençol (At 10.9-16).

Mas, afinal, que mistério de Cristo era esse que Paulo tanto falava? A resposta está no v.6. Por enquanto, no v.5 temos apenas a informação de que este mistério “...em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos Seus santos apóstolos e profetas, no Espírito”. Dessa forma Paulo informa que chegou o tempo em que aos gentios Deus manifestara também a Sua Graça, através de Seu Filho Jesus Cristo, e pela revelação do Espírito Santo operando através da instrumentalidade dos apóstolos e profetas.

Vejamos agora o conteúdo deste mistério (v.6). Os gentios são:

- ✓ **Coerdeiros:** a mesma herança dos crentes judeus é a mesma dos crentes gentios.
- ✓ **Membros do mesmo corpo:** isto é, são membros da Igreja de Cristo.
- ✓ **Coparticipantes da promessa em Cristo Jesus:** e isso por meio do Evangelho.

É a proclamação do Evangelho que apresenta aos pecadores essas verdades, a saber, que Deus os amou e os escolheu em Cristo para salvá-los e fazer deles o Seu povo amado. E esta é justamente a outra característica do mistério a ser transmitido pelos salvos ao mundo:

2) Cristo comissiona Sua Igreja a proclamar este mistério, v.7-9,13.

Paulo agora afirma que foi feito ministro (um que serve, um mordomo) deste mistério, não por conta própria, mas, “...conforme o dom da graça de Deus (...) concedida segundo a força operante do seu poder” (v.7). Somente o poder de Deus pode transformar um pecador num filho de Sua glória. **A nossa salvação é obra poderosa da Graça de Deus somente.**

Mas, a Graça de Deus é maravilhosa em todos os aspectos, pois, Deus concede anos o privilégio de proclamarmos a mensagem da Salvação ao mundo. Paulo reconhecia isso e por isso disse: “**A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Deus e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus, que criou todas as coisas**” (v.8,9).

Em meio a toda esta grandeza do Evangelho, Paulo não se deixava dominar por sentimentos orgulhosos e soberbos; antes, lembra-se todo o tempo de que ele era “**o menor de todos os santos**”. Ele sabia que ele era um vaso de barro contendo o rico tesouro do Evangelho (2Co 2.7). Sim, este maravilhoso mistério esteve oculto por muitos anos, mas, o Senhor Deus quis revelá-lo aos gentios e para isso escolheu Paulo (e outros mais) para proclamarem essas preciosas verdades. Passar por toda espécie sofrimento por causa do Evangelho, para Paulo era motivo de imensa alegria, pois, ele considerava o Evangelho a graça que lhe foi dada para anunciar.

No v.13, Paulo admoesta-os a que fiquem firmes com ele em suas tribulações. As tribulações que ele se refere aqui são sem dúvida alguma (e especialmente) a prisão. Por pregar o Evangelho, Paulo estava preso. Ser preso por motivo de um crime é algo extremamente vergonhoso; mas, ser preso por causa de Cristo e do Seu Evangelho não somente é motivo de alegria e honra como também deve ser motivo de encorajamento para os demais crentes, pois, não no sofrimento em si, mas, na obediência a Deus (Paulo havia sido designado por Deus para ser um proclamador do Evangelho e assim o fez) é que está a nossa glória.

E o Deus “...que criou todas as coisas” tinha Consigo este mistério, mas, que, no tempo por Ele determinado veio a ser transmitido com uma finalidade. E aqui temos a outra característica desse mistério:

3) Cristo por meio da Sua Igreja reflete a sabedoria de Deus, v.10-12

Apesar de haver muita discussão sobre “**principados e potestades**” aqui ser uma referência aos anjos caídos e malignos ou aos santos anjos que assistem na presença de Deus, preferimos esta segunda interpretação, a saber, “**principados e potestades**” aqui se refere aos santos anjos que assistem na presença de Deus. Isto não só é mais coerente com a estrutura do texto (pois, não há qualquer referência aqui a um conflito entre as forças do Bem e as do Mal) como também enaltece ainda mais a Obra de Deus através da Igreja. Ao efetuar a salvação de Seu povo composto de pessoas de todas as raças e povos, Deus opera através da Igreja mostrando assim a sua multiforme sabedoria de Deus. O adjetivo “**multiforme**” (**πολυποίκιλος**) indica a infinita diversidade e a resplandecente beleza da sabedoria de Deus. Podemos vê-la na Criação, na Redenção e por fim, a veremos na Glória Eterna. Contudo, é **através da Igreja** que Deus hoje mostra essa “**multiforme sabedoria**”. Este é o **propósito eterno** de Deus para Sua

Igreja realizado através de Cristo. Esta multiforme sabedoria de Deus é vista através da Igreja especialmente quando esta (a Igreja) se dispõe a viver para glorificar a Deus acima de tudo.

A Igreja é chamada a viver com “ousadia” na presença de Deus; não uma ousadia frívola e sem temor, mas, sim totalmente calcada na pessoa de Cristo, O qual nos abriu acesso à presença do Pai. Somente por meio de Cristo é que pecadores podem ter acesso ao Soberano e Sábio Deus.

Implicações e Aplicações

Trazendo uma admoestação lembrando-nos do que é ser Igreja de Cristo e da responsabilidade que pesa sobre nós afirmamos que:

- 1) **Sermos Igreja é superarmos as diferenças por meio do sacrifício de Cristo.** Podemos ter diferenças e dificuldades em nossos relacionamentos como irmãos, mas, quando olhamos para a perfeição de Cristo teremos condições de olharmos para as nossas próprias imperfeições e trabalha-las.
- 2) **Proclamar o Evangelho é a nossa glória; deixar de fazê-lo é a nossa vergonha.** A Igreja não pode sucumbir à tentação de mudar a sua mensagem. A nossa mensagem é o Evangelho; a nossa honra é o Evangelho.
- 3) **A Igreja é a portadora da sabedoria de Deus neste mundo.** Sempre tentaram calar a Igreja. Hoje, porém, a Igreja está se calando, ou pior ainda, está mudando sua mensagem pregando filosofias e heresias mundanas. Não caiamos nesse pecado. Nunca a sabedoria do homem poderá ser comparada à sabedoria de Deus revelada no Evangelho.

Conclusão

O mistério de Deus nos foi revelado, cumpre a nós proclamá-Lo ao mundo para a Glória de Deus.

Rev.Olivar Alves Pereira

São José dos Campos, 02/12/2012

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(11^a Mensagem)
Ef 3.14-21

É preciso trabalhar como se tudo dependesse de nós, e é preciso orar sabendo que tudo depende de Deus. A oração é um dos meios da Graça que Deus preparou para nós. Por meio da oração expressamos nossa fé em Deus, nossa dependência total do Seu poder, e a certeza de Sua presença em nossa vida.

Toda a nossa atividade diária deve ser realizada sob oração. Perdemos muito quando deixamos de orar, e ganhamos tudo o que precisamos quando oramos.

Mais uma vez em sua carta aos Efésios, Paulo põe-se a orar por eles. Quando estudamos o **Cap.1.15-23** vimos a primeira oração que ele fez em favor desses irmãos. Agora, no **Cap. 3.14-21** encontramos sua segunda oração a Deus. Essa segunda oração segue a mesma estrutura da primeira: louvor a Deus por Sua misericórdia e bondade, e intercessão pelos irmãos para que continuem progredindo na Fé Cristã. Só que aqui essa ordem fica invertida. Primeiro ele intercede pelos irmãos e, depois, louva a Deus por ser Ele mercedor de todo louvor.

Vejamos então esses dois motivos da intercessão de Paulo pelos crentes efésios e como isso também diz respeito a nós como igreja de Cristo. O primeiro motivo da intercessão de Paulo pelos Efésios foi pedir a Deus que para que fortalecesse aqueles irmãos, pois, somente quando fortalecidos por Deus é que crentes podem chegar à maturidade espiritual e saber como viver de forma a agradar a Deus.

Por isso meditemos sobre: **O Fortalecimento que leva à maturidade espiritual.** O fortalecimento que leva à maturidade espiritual vem por meio:

1) De um forte desejo do nosso coração transformado, v.14 e 15

Paulo se punha de joelhos intercedendo pelos efésios. O interesse pelo bem e progresso espiritual dos efésios consumia o seu coração. O mesmo desejo deve estar em nossos corações em relação aos nossos. Devemos querer não só para nós, mas, também para todos esse crescimento e fortalecimento que leva à maturidade espiritual. A maturidade espiritual caracteriza-se não pela independência de cada crente, mas, sim, pela interdependência dos membros.

Nos **v.14,15**, refletindo sobre tudo o que Deus fizera pelos efésios, que eram gentios que foram recebidos na Família de Deus, “**Por esta causa...**” ele se punha de joelhos “**diante do Pai**”.

Que uma postura relaxada do corpo é inconveniente e até mesmo abominável diante de Deus, isso ninguém discorda. Contudo, as Escrituras não determinam esta ou aquela postura do corpo durante uma oração. O que precisa ser levado em conta é que quando se ora, todo o ser está na presença de Deus, e, portanto, a postura do corpo deve mostrar a reverência do coração. A postura “**de joelhos**” na presença de Deus sempre demonstra humildade. Contudo, há de se tomar todo cuidado, pois, pode se estar de joelhos dobrados, mas, o coração continuar duro e empedernido.

Diante de Deus, “**de quem toma o nome toda a família, tanto no céu como sobre a terra**”, isto é, os crentes da Igreja Triunfante (os que estão no céu) e os da Igreja Militante (os que estão na terra, ainda que nem todos os que estão na Igreja Militante sejam de fato crentes), ele se punha de joelhos e orava pelos seus irmãos.

Deve haver em nosso coração esse desejo de ver nossos irmãos crescerem no conhecimento de Cristo Jesus, de desfrutarem da maravilhas da Graça de Deus, de vencerem

dia a dia a lutas e de glorificarem a Deus cada vez mais. Tal desejo só pode ser encontrado num coração que foi transformado por Cristo que sabe o que é viver para a Glória Dele. E é justamente isso que constatamos no próximo ponto.

O fortalecimento que leva à maturidade espiritual vem por meio:

2) Da Obra do Deus Triúno realizada em nós, v.16 e 17a.

Pensar na glória de Deus é pensar em algo tão belo, tão majestoso e rico, que a nossa mente jamais consegue imaginar. E é “segundo a riqueza” da glória de Deus que cada crente é fortalecido, com o poder proveniente do Espírito Santo, O qual interage com o Senhor Jesus Cristo que habita em cada coração que tem fé nesta verdade.

É errôneo o pensamento de que o Espírito Santo age de certa forma, separadamente de Cristo no coração do pecador. Neste verso fica claro que o Deus Triúno age simultaneamente no coração do pecador. Uma ideia muito difundida entre os vários grupos evangélicos é a da “Segunda Bênção”, que segundo seus proponentes é o mesmo que o “batismo com (ou no) Espírito Santo”. Essa ideia afirma que quando uma pessoa recebe a Cristo como Salvador posteriormente recebe a “visitação” do Espírito Santo, O qual batiza esta pessoa com Seu poder, dando-lhe poder e dons extraordinários. A Bíblia não fala em momento algum dessa “segunda bênção” (não pelo menos nos moldes apresentados por muitos hoje em dia) mas, sim, que, no exato momento em que uma pessoa recebe a Cristo como Salvador também recebe o selo do Espírito Santo. O que vem a partir daí é uma vida de santidade e consagração a Deus, o que resultará num enchimento e plenitude do Espírito na vida do crente.

As palavras “...homem interior...” e “...coração...” são sinônimas e indicam que a obra transformadora de Deus é realizada no coração, no interior, na alma de cada pessoa. É também ali que se processa a fé. E o resultado disso tornar-se-á visível a todos.

Logicamente, esse desejo de ver toda a Igreja em pleno crescimento não é fruto do nosso próprio coração, mas, sim, da obra do Deus Triúno realizada em nós. Essa obra é realizada dentro do nosso coração e não no exterior. É claro que o exterior é maravilhosamente transformado também, mas, isto só é possível porque o coração foi transformado. Não se força uma conversão. Ou Deus opera no coração do pecador, ou não resta chance alguma de mudança para este. Por meio da riqueza da Sua glória, Deus faz com que pelo poder do Espírito Santo, o pecador seja transformado em edifício para a morada de Jesus Cristo.

O fortalecimento que leva à maturidade espiritual vem por meio:

3) Da comunhão dos santos no amor de Cristo (v.17b a 19)

No amor os efésios (e todos os crentes) estariam “arraigados” (*ἔρριζωμένοι*) e “alicercados” (*τεθμελιωμένοι*). Esses dois participios fazem alusão ao que já foi dito no Cap.2 no que diz respeito à “edificação...” que “... cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito” (2.20-22). O amor é “o vínculo da perfeição” (Cl 3.14). É por meio do amor de Deus que o pecador obtém a salvação; é por meio do amor de Cristo que o pecador recebe a remissão dos seus pecados; e é em amor que os crentes crescem como edifício onde habita o Espírito Santo de Deus. O resultado desse divino amor se faz ver no relacionamento entre “todos os santos”, os quais são capacitados (*ἐξισχύσητε* - a preposição é perfeita e indica uma força exercida até que seu objetivo seja alcançado), através da união fraternal (“...com todos os santos...) e não isoladamente. O propósito de Deus aqui para sua Igreja é que esta venha a compreender,

aprender, “pegar mentalmente” (**καταλαβέοθαι**), a dimensão total desse amor (largura, comprimento, altura e profundidade).

Somos chamados a mergulharmos num conhecimento tão profundo que a nossa mente é incapaz de compreender totalmente, a saber, o conhecimento de Cristo. Ainda que não consigamos comprehendê-lo, não há conhecimento melhor e mais valioso pelo qual nossa mente deve labutar. **Um coração que está focado em conhecer a Deus mais e mais não se entregará ao pecado.**

Com respeito à “**plenitude de Deus**” que Paulo menciona aqui, devemos sempre ter em mente que o amor, a sabedoria, a graça e amor de Deus são derramados no coração de cada crente. O coração do homem é apenas um vaso limitado, e como não pode um vaso limitado por seu tamanho e estrutura suportar e reter a grandeza de um rio caudaloso, da mesma forma o crente ao ser alcançado pelo amor de Deus, transborda espiritualmente, pois, o amor ilimitado de Deus não pode ser contido pela limitação do nosso coração. O resultado disso é um transbordar, uma plenitude, um derramamento. Ser **pleno em toda plenitude de Deus**, não quer dizer em hipótese alguma como muitas seitas heréticas afirmam que um dia o homem será como Deus. Mesmo no estado de glorificação, jamais seremos como Deus em Sua essência. Deus sempre será Deus e infinito, e nós, mesmo glorificados, não deixaremos de ser obras de Suas mãos.

Como foi visto nos **v.14 e 15**, a interdependência dos membros possibilita esse fortalecimento que leva à maturidade (plenitude de Deus). A caminhada cristã foi planejada para ser vivida em comunidade e não solitária. Nas palavras de João “**nós amamos porque ele nos amou primeiro**” (1Jo 4.19) encontramos essa verdade. Só podemos desfrutar cada vez mais do amor de Deus à medida que estamos dispostos a vivermos em comunhão com os irmãos e neste amor sermos aperfeiçoados. O amor de Cristo que é muito além do que podemos imaginar e compreender, é derramado em cada coração com o propósito de levar toda a Igreja a esta maturidade. Este ideal de Deus não é só para um grupo seletivo dentro da Igreja, mas, para toda a Sua Igreja, toda a Sua família.

Implicações e Aplicações

Uma vez fortalecidos espiritualmente é nosso dever

- 1) Trabalhar para o crescimento da Igreja de Cristo na Graça de Deus.
- 2) Evangelizarmos para que mais pessoas sejam transformadas pela Graça de Deus.
- 3) Focarmos no conhecimento de Deus para não cairmos no pecado.

Conclusão

Corações transformados amam a Família de Deus e se fortalecem na comunhão dos irmãos.

Rev.Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 09/12/2012

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(12ª Mensagem)
Ef 3.20-21

Pense em algo que vai além do seu entendimento. Bem, isso não é possível. Como imaginar algo inimaginável? Com o medir algo imensurável? Pois bem, com muita facilidade diante das dificuldades dessa vida, esquecemo-nos de que o poder de Deus que opera em nós, vai infinitamente mais além do que podemos pedir ou pensar. Porque então deixamos nos abater diante das lutas e dificuldades, se temos operando em nós o poder infinito do Deus Eterno?

O segundo motivo da oração de Paulo neste parágrafo nos mostra justamente a grandiosidade do poder de Deus e por isso devemos **Render toda glória ao Senhor Deus**. Depois de examinar as maravilhosas misericórdias de Deus efetivadas por meio do supremo sacrifício de Seu amado Filho, introduzindo em sua própria família aos que noutro tempo eram filhos da ira, e dando-lhes “a ousadia de confiante acesso”, o privilégio de contemplar em todas as suas gloriosas dimensões o amor de Cristo, e a inspiradora tarefa de instruir os anjos nos mistérios da multicolorida sabedoria de Deus, Paulo tem a sua alma envolta em êxtase, amor e louvor, e assim expressa a doxologia (cf. William Hendriksen).

As palavras de Paulo nestes versículos nos revelam aspectos maravilhosos do ser de Deus e nos mostram razões pelas quais devemos louvá-Lo.

1) Porque Ele é Todo-Poderoso, v.20

Este versículo diz que Deus é “**poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós**”.

De imediato podemos ver que esta doxologia não é somente a conclusão adequada à oração, mas também uma expressão muito apropriada de gratidão e louvor por todas as bênçãos tão generosamente derramadas sobre a igreja, como descrito em todo o conteúdo precedente da carta.

Paulo intercedia com intensidade pelos seus irmãos na fé, porque sabia que Deus era (e é) capaz de responder às suas orações, superando em muito as suas expectativas. A onipotência de Deus ao responder as orações de Seus filhos, não é uma fantasia criada pela imaginação, mas está em consonância com aquela espantosa operação de Seu poder que já se acha em plena manifestação e ação em nossos corações, e também esteve presente na ressurreição de Cristo (**Ef 1.20-23**).

Com este infinito poder que Deus continua operando em nossos corações podemos descansar nas Suas mãos que cuidam de nós e não nos deixa faltar absolutamente nada. **A ansiedade é um pecado justamente porque ela rouba do nosso coração a plena confiança no poder de Deus.**

O Seu poder não se limita ao que pedimos e até mesmo imaginamos que Ele possa fazer. O Seu poder transcende a tudo o que a lógica humana pode cogitar. **Mas, o Seu poder pode ser sentido em nossa vida, não só em nossa manutenção e preservação, mas principalmente em nossa salvação e redenção.** O mesmo poder que Deus efetuou na ressurreição de Cristo é o mesmo com que Ele age em nossa vida. Se Deus não quisesse derramar bênção alguma sobre nós, se Ele quisesse se manter afastado de nós, ainda assim Ele mereceria todo o louvor simplesmente pelo fato Dele ser Deus.

Você já foi surpreendido alguma vez pelo poder de Deus dando a você algo que você não pediu, nem sequer imaginou? Há uma situação específica em que todo pecador é surpreendido por Deus: quando a Sua graça o alcança.

Nestes versículos ainda vemos que Deus deve ser louvado

2) Por meio da Igreja em Cristo Jesus, v.21

Willian Hendriksen comentando este verso diz

“Portanto, àquele que não carece de esforçar-se extremamente a fim de concretizar nossas aspirações, senão que pode levá-las a bom termo facilmente, ‘seja a glória na igreja e em Cristo Jesus’. Em outras palavras, que homenagem e adoração sejam rendidas a Deus em virtude do esplendor de seus admiráveis atributos – poder (1.19; 2.20), sabedoria (3.10), misericórdia (2.4), amor (2.4), graça (2.5-8), etc. – manifestados na igreja, que é o corpo, e em Cristo Jesus, sua soberana cabeça”.

A Igreja é a esfera da operação do propósito de Deus sobre a terra, ou seja, tudo quanto Deus executa na Igreja serve para mostrar ao mundo a Sua excelsa graça. Dessa forma a Igreja reflete a glória de Deus no mundo e é chamada a viver assim. E em Cristo Jesus, por meio da Sua obra que glorifica a Deus como o Supremo Benfeitor. Assim a unidade de Cristo e Sua Igreja expressam a glória de Deus.

A frase “...por todas as gerações...” aponta para o louvor que deve ser rendido a Deus até à consumação dos séculos, ou seja, até o dia da volta de Cristo. Este louvor passa de uma geração para outra. Isto está em pleno acordo com todas as Escrituras, pois, o plano de Deus e Sua Aliança é com os pais e seus filhos através das muitas gerações (Ex. 20.6).

Enquanto isso, a frase “...pelos séculos dos séculos...” embora soe como sinônima da anterior (“por todas as gerações”) alude à eternidade na qual estarão todos aqueles que compõem a Igreja Gloriosa de Cristo. Em outras palavras, tanto a Igreja Militante quanto a Triunfante exaltam a Deus por meio de Cristo Jesus, não só agora como eternamente. Esta frase refere-se ao curso dos momentos, levando-se em conta o passado, o presente e o futuro, continuando sem cessar e sem jamais chegar ao fim.

A figura “Cabeça e corpo”, “Pastor e ovelhas”, “Noivo e noiva”, etc., mostram a unidade da Igreja com Cristo. A Igreja sem Cristo perde a razão de ser. Logo se a Igreja quer glorificar a Deus deve fazê-lo por meio de Cristo Jesus. Ele tornou-a aceitável diante de Deus, e nela, Deus executa Seu propósito que redonda em glória ao Seu santo Nome. Este louvor por meio da Igreja totalmente fiada em Cristo deve romper de geração em geração até que o tempo se converta em eternidade e assim, pelos séculos dos séculos ecoe na presença do Senhor Deus.

Nas palavras de John Newton

“Quando tivermos no céu desfrutado dez mil anos,
Resplandecentes como o sol em esplendor,
Teremos não menos dias para cantar louvores
ao Deus a quem amamos
Do que quando iniciamos com ardente amor”

Implicações e Aplicações

Rendemos toda honra e glória a Deus quando

- 1) Demonstramos plena confiança em Seu poder.
- 2) Preservamos a unidade de Cristo e Sua Igreja.

Conclusão

Deus nos surpreende com Seu amor.

Rev.Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 17/12/2012

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(13^a Mensagem)
Ef 4.1-6

Um conceito muito errado que se instalou na mente de muitos crentes é o de que doutrina bíblica nada tem de prático, ou seja, é só teoria, coisa que teólogo gosta de discutir, mas, que, no dia a dia nada tem a nos oferecer de prático. Essa concepção errônea é culpa tanto da liderança como dos membros da Igreja. A liderança por tratar de assuntos tão importantes, mas, de forma densa e até mesmo pedante, e os membros por não se esforçarem para conhecer mais e mais das verdades bíblicas que sustentam a nossa fé.

Porém, tal dicotomia nunca existiu nos escritos bíblicos. Exemplo disso é a carta aos Efésios onde vemos que do **Cap.1 – 3** Paulo apresenta profundas doutrinas da Fé Cristã e, a partir do **Cap.4 – 6** vemos como essas doutrinas são aplicadas ao nosso dia a dia. Na primeira metade ele falou sobre **A Graça de Deus revelada em Cristo à Sua Igreja**, e agora, na segunda metade ele fala sobre **A Graça de Deus revelada em Cristo através da Sua Igreja**.

Do **Cap.4.1 – 6.9** Paulo trata do nosso **Zelo pela nova condição de vida em Cristo**, mostrando o quanto somos responsáveis por isso.

Para a nossa meditação nessa ocasião veremos o **Cap.4.1-6** cujo assunto é: **O cuidado com a unidade da Igreja**.

Até **Ef 6.9**, veremos a aplicabilidade dessas doutrinas às várias relações na vida do crente com as quais ele deve ser zeloso, pois, que em Cristo, ele recebeu uma nova condição de vida. Os efésios eram gentios, e como tais, estavam separados da família de Deus. Em Cristo, eles foram reunidos à família de Deus a qual era composta apenas pelos judeus. Agora, ambos são a Família de Deus; a única e una Família. Antes, estavam alienados e separados; agora estão unidos a Cristo.

A primeira área dos relacionamentos a serem aplicados os ensinamentos da seção anterior, diz respeito à vida na Igreja, à comunhão e união fraternal (**Ef 4.1-16**).

A unidade interna da Igreja é:

1) **Preservada pelo comportamento digno dos crentes, v.1-3**

Em conexão com o que ele disse até aqui sobre a Graça de Deus que foi revelada em Cristo à Sua Igreja, Paulo então diz: “**Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados**” (v.1).

O verbo “**rogar**” (**παρακαλῶ**) denota a vontade de Paulo que apela ao coração; ao mesmo tempo, é calorosa, pessoal e urgente. Era de suma importância que os efésios entendessem não só a necessidade, mas, também a urgência de um comportamento “**digno**” (**ἀξίως**) (trazendo a ideia de pratos que se equilibram numa balança). Andar com dignidade então quer dizer sempre conferir as coisas ao nosso redor com o que diz a Palavra de Deus.

É importante ressaltar a situação em que Paulo se encontrava enquanto exortava os efésios. Ele estava preso. Que dignidade pode um prisioneiro exigir de outras pessoas? A não ser que o motivo da sua prisão também seja algo honroso! Este era o caso de Paulo. Ele era prisioneiro “**no Senhor**”, ou seja, por causa do Senhor ele estava preso. Por ser fiel ao Senhor Jesus, Paulo se achava agora na prisão. Por esta razão tinha toda a autoridade para exortar os efésios e serem fiéis também ao Senhor Jesus. Comportar dignamente é o mesmo que viver fielmente a Cristo. Foram chamados para mostrarem sua fidelidade a Cristo, e, portanto, deveriam viver assim.

Eles haviam sido predestinados para serem adotados na Família de Deus (cf. 1.5), então, que se comportassem como filhos adotivos de Deus para a glória Dele.

Desta forma, temos aqui um princípio que norteará todas as outras recomendações que seguem até o final desta seção. Quem se comporta dignamente por causa da vocação a que foi chamado, glorificará o nome de Cristo em todas as relações interpessoais.

Os crentes foram chamados a se assentarem com Cristo nas regiões celestiais, por isso, enquanto neste mundo viverem devem refletir esta maravilhosa glória a que foram chamados.

Nos v.2,3 Paulo apresenta uma lista de virtudes que devem estar presentes em nossos relacionamentos como Igreja de Cristo.

Humildade (**ταπεινοφροσύνη**): tendo sido alvos de uma graça tão maravilhosa, resta aos pecadores um viver humilde, pois, não há nada neles que os faça merecer a mesma. Observe a ênfase: “**toda humildade**”.

Mansidão (**πραΰτητος**): o indivíduo manso é lento para reivindicar seus direitos perante os homens, e perante Deus, jamais os reivindica, pois, sabe que sua salvação é obra da Livre Graça de Deus. Ele prefere sofrer o dano a causa-lo (1Co.6.7). A humildade gera mansidão e a mansidão gera:

Longanimidade (**μακροθυμία**): na igreja primitiva era necessário enfatizar esta virtude, quando então os crentes sofriam incompreensão, aspereza e crueldade por parte daqueles que não eram crentes. No caso de uma mulher crente casada com marido não crente que consentia em viver com ela, a mesma deveria ter muita longanimidade no trato com ele (1Co.7.13).

Tolerância: o particípio “**suportando-vos**” vem do grego, a palavra indica ter paciência com alguém até que termine a provocação. Este ato de “suportar” deveria ser realizado “**em amor**”. Dessa forma eles deveriam ser clementes com as fraquezas uns dos outros. Algo que é muito importante na Igreja de Cristo é a clemência de uns para com os outros, o que não significa fazer vistas grossas ao pecado, mas auxiliar um ao outro a vencer suas fraquezas e pecados.

Esforço em manter a unidade: não um mero esforço, mas, sim um esforço completo, ao máximo, para que seja mantida a unidade interna da Igreja promovida pelo Espírito Santo através do “**vínculo da paz**”. Em Rm 12.18 lemos: “**se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens**”. Devendo haver este empenho no tocante a “**todos os homens**”, muito mais deve haver no tocante a todos os irmãos em Cristo, porque a união destes se dá pela ação do Espírito Santo que vincula e une todos por meio da paz. A unidade que foi conquistada através da obra de Cristo (Ele estabeleceu a paz entre nós e Deus, e entre judeus e gentios) deve ser mantida com todo o esforço. Infelizmente, muitos crentes parecem não se importar com essa verdade, e em vez de se empenharem para manter esta unidade, acabam por promover ainda mais divisão e facção dentro da Igreja de Cristo.

Quando os crentes se empenham com toda dedicação e esforço para manterem a unidade da Igreja de Cristo, comportar-se-ão com humildade, mansidão, longanimidade e tolerância para com aqueles que são mais fracos, visando o fortalecimento deles. Através de um modo digno de viver, o qual honra ao Senhor Jesus, a Igreja glorifica o Seu nome. O fato de Paulo ter rogado aos efésios, pedindo-lhes para que se esforçassem neste objetivo, demonstra que esta tarefa não somente é importante como também urgente na vida da Igreja. A melhor forma de trazermos as pessoas para Cristo, ainda continua sendo com a nossa vida que confirma as nossas palavras quando pregamos o Evangelho.

A unidade interna da Igreja é:

2) Gerada pela ação do Deus Triúno, v.4-6

Estes versos tocam num ponto que temos enfatizado desde o início de Efésios: é Deus que opera em nós tanto o querer quanto o realizar.

Obviamente, Paulo está se referindo aqui à Igreja de Cristo quando diz que “**há somente um corpo**”. Embora sejamos muitos, somos apenas um diante de Deus. E neste Corpo opera somente “**um Espírito**”, e este é o Espírito Santo de Deus.

A origem dessa Igreja não é humana, mas, sim divina. Foi a ação de Deus fazendo de todos um só corpo, colocando neste “corpo” o Seu único Espírito Santo. A seguir, Ele chamou **externamente** sua Igreja, e **internamente** esta vocação se processou, gerando nos seus corações a única esperança eterna.

Um tema frequente na carta aos Efésios é “**em Cristo**” ou “**estar em Cristo**”. Para isso se faz necessário estar na Sua Igreja, a qual é o Seu corpo. Não valorizar a Igreja de Cristo (não estamos nos referindo à denominação eclesiástica, mas sim, à Igreja Real) é o mesmo que não dar o devido valor a Cristo. Daí a realidade de que precisamos estar unidos uns aos outros e em Cristo. A verdadeira união é tanto com Deus quanto com nossos irmãos. A unidade da Igreja está também no fato de que o mesmo Espírito Santo habita o coração de todos os membros. Por isso, o resultado não pode ser outro senão, todos terem a mesma esperança. Por esta razão, todos quantos experimentam tal unidade na Igreja de Cristo, não consideram perda de tempo e desnecessário todo o esforço para manter esta comunhão por meio da unidade interna da Igreja.

“**há um só Senhor**” e Ele é Jesus Cristo. Ele é o dono, proprietário e soberano sobre tudo que há neste universo.

Há também “**uma só fé**” e esta refere-se à confiança nas promessas de Cristo, as quais formam o corpo doutrinário da Igreja, pois, esta prega as promessas de Cristo.

Quanto a “**um só batismo**”, Paulo não está falando aqui contra as formas aspersão, imersão e efusão, mas, sim, do significado do batismo: regeneração, nova vida em Cristo. Assim, tanto a cerimônia do batismo quanto o batismo no Espírito Santo que acontece no momento da conversão do pecador têm o mesmo significado: Nova Vida em Cristo, assunto central nesta segunda parte da carta.

Paulo já falou do Espírito Santo e do Senhor Jesus. Agora (v.6), completa seu argumento falando do Deus Pai.

O pensamento de Paulo é muito bem estruturado. A primeira seção de sua carta começa mostrando a ação da Trindade Santa **na salvação** dos pecadores. Na segunda seção começa falando da ação da Trindade Santa **na unidade** da Igreja de Cristo.

“**Um só Deus e Pai de todos**”. Logicamente, este texto não está pregando universalismo. O adjunto pronominal “**todos**” refere-se aos judeus e gentios, ou seja, todos os dois grupos, e não cada indivíduo na face da terra.

“**o qual é sobre todos**”. O mesmo Deus que habitou com os judeus no deserto é o mesmo que habita agora nos gentios (Ef 2.22).

“**age por meio de todos**”. Tanto os judeus como os gentios, todos são instrumentos nas mãos de Deus. Ele age por meio de todos eles, afinal, todos (judeus e gentios) são agora a Igreja Gloriosa do Senhor Jesus Cristo e é através da Sua Igreja que Deus expande Sua glória na terra.

“**e está em todos**”. Alguém já disse com muita propriedade que a obra que Deus tem para realizar **em** nós é muito maior do que aquele que Ele tem para realizar **através** de nós. Deus age tanto nos judeus como nos gentios, pois, ambos são um só corpo em Cristo.

O Deus Triúno age em Sua Igreja. Como corpo de Cristo temos por meio do Espírito Santo a esperança. Ele é o penhor da nossa salvação. Ele em nós fortalece a nossa esperança de que Cristo voltará para nos buscar. Por meio de Cristo temos a mesma fé e o mesmo batismo. E por meio de Deus temos a certeza de que Ele é nosso Pai, que Ele está sobre nós e age em e através de todos nós. Em outras palavras, a unidade da Igreja nada mais é do que um reflexo da unidade do Deus Triúno.

Implicações e Aplicações

O que Deus quer que você faça?

- 1) **Cuide de si mesmo.** Seja maduro. Deus lhe deu todos os recursos para isso.
- 2) **Andando de modo digno.** Você fará muito bem à Igreja de Cristo se mantendo fiel a Ele.
- 3) **Confiando somente em Deus.** Você deve depender somente de Deus. É impossível honrá-Lo confiando em si mesmo.

Conclusão

A unidade da Igreja de Cristo é obra Dele; manter essa unidade é o nosso dever.

Rev.Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 23 de dezembro de 2012

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(14^a Mensagem)
Ef 4.7-16

Na mensagem anterior vimos que o assunto central é a **unidade da Igreja de Cristo**. Neste presente parágrafo o tema principal é a **diversidade, variedade e a unidade** dos dons que Cristo concedeu à Sua Igreja. Na unidade da Igreja temos a diversidade como um dos elementos principais. A singularidade da Igreja de Cristo é sustentada pelo Seu poder que opera na diversidade dos dons que Ele concedeu à Sua Igreja.

Você sabe qual o dom que Cristo lhe deu quando Ele o salvou? Quando Ele converte um coração Ele também o capacita com dons, habilidades e talentos com um propósito específico: glorifica-Lo através do serviço na Igreja edificando outras vidas.

Por isso, meditaremos hoje sobre: **Entendendo os dons concedidos à Igreja de Cristo**. O que devemos saber sobre os dons para coloca-los em prática e assim honramos a Cristo?

1) **A variedade dos dons na Igreja de Cristo,**
v.7-10

Algo muito importante que precisamos entender sobre os dons é que Cristo concedeu como dons aqueles que foram comprados por Seu sangue. **Cada crente é um dom de Deus à Sua Igreja**. Muito mais do que talentos que uma pessoa possa receber de Cristo, é a própria pessoa que é dada por Cristo à Sua Igreja, para que através da mesma (da Igreja) a pessoa venha servi-Lo. Na Igreja de Cristo há uma variedade tremenda de dons (pessoas!).

Não penso que isso seja um “antropocentrismo”, mas, sim, reconhecer o valor que cada crente tem aos olhos de Deus, especialmente depois que Cristo o salvou. Vejamos o que dizem esses versos.

No v.7 lemos: “**E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo**”. Em outras palavras, Cristo distribuiu a Sua graça a cada membro de Sua Igreja dentro dos limites determinados por Ele mesmo. Como bem observa Francis Foulkes: “*Deus não estabeleceu uniformidade, mas uma variedade infinda de dons para os membros do corpo, porque, em Sua sabedoria, quer que cada um dependa dos outros*” (Comentário do NT 2005, p.95).

Paulo estava mostrando aos efésios que Deus não trabalha com **uniformidade**, mas com **unidade**; não edifica a Sua Igreja com o dom de um único membro, mas, com a diversidade de dons que concedeu a todos os membros, isto para que haja no coração de cada membro um forte sentimento de interdependência.

Willian Hendriksen ressalta que **cada membro deve reconhecer que seu dom é uma dádiva de Deus e não resultado de seu próprio esforço**; que é apenas um dom entre muitos, e que é limitado em seu alcance; e por fim, que deverá usá-lo não para sua autopromoção, mas, para a edificação da Igreja e para a glória de Deus (Comentário do NT, 2005, p.223).

Na mente de cada cristão, não importando a época em que este viva, deve ficar bem claro que os dons que cada um tem são dados por Cristo para unir a Igreja e não para exaltação deste ou daquele membro. Todos quantos se portaram com soberba em relação aos dons recebidos, foram derrubados por Deus; a História está cheia de exemplos!

Poderia alguém questionar: “*Como pode aquele galileu, um simples carpinteiro, que morreu de forma tão humilhante, conceder dons tão maravilhosos às pessoas?*”. E Paulo então, responde

com os v.8-10. O que ele está dizendo aqui é que não resta dúvida alguma. Para que Cristo tivesse subido aos céus (referência clara à Sua ressurreição), Ele precisou antes, descer até à terra, Se submeter à forma de servo e ser obediente ao Pai até o fim, para que depois de Sua morte, fosse pelo Pai, ressuscitado dentre os mortos e recebesse o Nome mais sublime, mais poderoso e mais glorioso que existe, tendo assim todo o poder e condição de outorgar à Sua Igreja os dons de que ela necessita para seu crescimento e fortalecimento.

O v.8 é uma citação do Sl 68.18. Willian Hendriksen sintetiza muito bem o pensamento aqui. Ele lembra que na antiguidade, quando um rei saía para guerrear contra outro, o vencedor trazia os despojos, ou seja, os bens que adquirira com a vitória sobre o adversário. Em chegando ao seu reino, o rei vitorioso distribuía os despojos com o povo. Paulo então, orientado pelo Espírito Santo, toma o Sl.68.18 e faz uma aplicação muito prática: Cristo veio ao mundo venceu os nossos inimigos e tomou-nos para Si mesmo e em seguida deu a cada membro que foi comprado com Seu sangue, dons, e até mesmo deu cada membro como dom de Deus à Sua Igreja (Comentário do NT, 2005, p.226). Dessa forma, cada crente não somente tem um ou mais dons, como ele próprio é um dom de Cristo para Sua própria Igreja.

A expressão “...levou cativo o cativeiro...” é muito significativa. A palavra “cativeiro” (*αἰχμαλωσία*) é o mesmo que “aqueles que estavam cativos”. Ele os libertou e os levou cativos com Ele, como numa grande procissão, cada crente estando preso a Ele. Como pode ser visto em outras partes no Novo Testamento, Jesus nos libertou do império das trevas e nos comprou para Ele; não fomos libertos dos pecados para vivermos de qualquer maneira, mas, para servirmos a Cristo (Ap 1.5 e 6; Cl 1.13 e 14).

E assim, cada crente dotado com dons e talentos concedidos pelo Senhor Jesus coopera para através de Cristo atuar na Igreja “para encher todas as coisas”, ou seja, completar a Igreja de Cristo e aperfeiçoá-la, como veremos nos próximos versos.

Outra verdade sobre os dons é

2) A necessidade dos dons na Igreja de Cristo, v.11-14

No v.11 não temos uma classificação hierárquica, mas, sim, uma qualificação estrutural da liderança da Igreja. Os quatro ofícios aqui são: apóstolos, profetas, evangelistas e pastores/mestres. Cada um atuando numa área específica e contribuindo para o crescimento da Igreja. Nem todos esses ofícios continuaram, por exemplo, o de apóstolos. O que se tem hoje como “ofício apostólico” é uma exibição de vaidade e nada mais. Vejamos a descrição de cada dom alistado aqui.

“Apóstolos” do grego *ἀποστόλους* que quer dizer “enviados, delegados”. Originalmente, este ofício diz respeito apenas àqueles que foram comissionados por Cristo pessoalmente. Contudo, temos alguns casos “extras”. Paulo foi chamado por Cristo algum tempo depois da Sua ascensão (At.9.1-9). Em At 14.14, Barnabé é chamado de “apóstolo”. Contudo, em nossos dias haja um frenesi por posições e status entre os homens, pois, muitos não contentando com o “título” de pastor, ou bispo (o mesmo que presbítero) têm se intitulado “apóstolos”, não no sentido de ser um missionário, um enviado de Cristo a falar àqueles que ainda nada sabem sobre Ele, mas, sim, como “superiores”, “administradores”, etc. Todos quantos são reconhecidamente apóstolos à luz das Escrituras, foram pessoas investidas de autoridade para trazerem a **revelação da Doutrina do Evangelho** aos homens. Intitular-se apóstolo é o mesmo que dizer que a Bíblia ainda não está completa e que mais revelações da parte de Deus estão acontecendo. Isso contraria a Bíblia explicitamente (Gl 1.8; Ap 22.18,19).

“Profetas” do grego *προφήτας*. Novamente, aqui é no sentido restrito, são os órgãos ocasionais de inspiração, por exemplo, Ágabo (At 11.28; 21.10 e 11). Os profetas estão ligados

aos apóstolos como sendo “o fundamento da Igreja” (veja o comentário de Ef 2.20 e 3.5). Eles podiam de vez em quando falar coisas referentes ao futuro desconhecido, mas, em geral, como os profetas do Antigo Testamento, se encarregavam de proclamar a Palavra de Deus e denunciar o pecado dos homens. Num sentido mais abrangente, todo crente é um profeta (pelo menos todo crente obediente a Deus que prega a Palavra!).

“**Evangelistas**” do grego **εὐαγγελιστής**. Estes eram uma espécie “missionários itinerantes”. Apenas dois homens em todo o Novo Testamento são descritos como evangelistas: Filipe (At 6.2) e Timóteo (1Tm 4.14) que fora exortado por Paulo para cumprir a obra de um evangelista. Francis Foulkes admite que os evangelistas são aqueles enviados a levarem os ensinamentos que receberam dos apóstolos, e não suas (dos evangelistas) próprias doutrinas. Um evangelista era a pessoa que pregava o Evangelho recebido dos apóstolos. Ele era, particularmente, um missionário que levava o evangelho a novas regiões.

“**Pastores e Mestres**” do grego **ποιμένας καὶ διδασκάλους**. Francis Foulkes admite que as palavras “pastores e mestres” descrevem os ministros da igreja local, enquanto que “apóstolos, profetas e evangelistas” descrevem a Igreja Universal. Todo pastor deve estar e ser apto a ensinar. O pastor cuida do rebanho protegendo-o dos inimigos; isto ele faz através da Palavra de Deus a qual ele deve ensinar (ofício do mestre) às ovelhas.

Todos esses dons (**todos relativos à pregação da Palavra de Deus**) foram dados “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (v.12).

O aperfeiçoamento aqui traz a ideia de uma preparação adequada, ou seja, cada crente é colocado por Cristo numa posição estratégica dentro da Sua Igreja, para que este desempenhe um serviço visando a edificação de todo o Corpo.

Dessa forma precisamos uns dos outros para crescemos juntos e adequadamente em Cristo, “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (v.13). Nossa alvo é Cristo. Nossa esforço deve ser para nos tornarmos cada vez mais parecidos com Cristo (Rm 8.28-30). Ele é a “perfeita varonilidade”, ou seja, o homem adulto e pleno que contrasta com os “meninos agitados” que somos, que se deixam levar por qualquer “vento de doutrina e artimanha dos homens, pela astúcia dos que induzem ao erro” (v.14). A Igreja atinge a unidade da fé e do pleno conhecimento de Cristo quando decide viver para a glória Dele somente, quando deixa as disputas infantis e caminha sob a autoridade da Palavra de Deus ministrada pelos ofícios alistados no v.11.

Porém, quando a Igreja não caminha coesa com sua liderança, e a liderança não se submete totalmente à Palavra de Deus o resultado será a imaturidade e a inconstância na fé. Tal grupo não poderá se manter em pé e nem mesmo se identificar como “a Gloriosa Igreja de Cristo”.

Cada crente quando executa o seu papel na Igreja contribui para o crescimento completo da mesma. Dessa forma, na sua individualidade, cada crente contribui para a coletividade da Igreja. Que cada crente antes de se achar “dispensável” e sem importância, avalie com sinceridade e honestidade as palavras destes versos. Cristo colocou cada um de nós na Sua Igreja a fim de que não somente crescêssemos, mas, que, também, ajudássemos uns aos outros a crescerem conforme o nosso padrão celeste: Jesus Cristo.

Por fim, outra verdade sobre os dons é

3) A unidade dos dons na Igreja de Cristo, v.15,16

Novamente Paulo retoma o assunto da unidade da Igreja. Enquanto os ímpios se valem da mentira (engano) os membros do Corpo de Cristo devem se valer tão somente da verdade e isto “**em amor**”. A verdade tem de ser dita com amor. Quando dizemos (e vivemos) a verdade, podemos ser duros e até machucarmos as pessoas mesmo que não haja essa intenção em nosso coração. Mas, quando o amor entra em cena, ele não somente torna a nossa repreensão mais aceitável, como também nos faz ser mais afetuosos e caridosos em corrigir e admoestar os outros.

Nosso crescimento como Igreja de Cristo deve estar totalmente relacionado com Ele que é a Cabeça desse Corpo. Devemos crescer “**em tudo**” e isso nos lembra novamente a **plenitude de Cristo** de que tanto Paulo fala nesta carta.

Ele é a “parte” em destaque. É ele quem promove todas essas bênçãos à sua Igreja, por isso mesmo Paulo continua mostrando que em Cristo: “**todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor**” (v.16).

Primeiramente, todo o corpo precisa estar **articulado e vinculado por meio de toda junta**, ou seja, todos os membros deste Corpo são importantes. Que isso seja levado em conta não para a vaidade pessoal e vangloria, mas, para se compreender a responsabilidade de cada membro – só haverá o crescimento desejado pelo Senhor Jesus, quando todos os membros estiverem devidamente unidos e vinculados.

Em segundo lugar, quando ocorre esta união perfeita dos membros entre si e de todos com a Cabeça, cada membro recebe o suprimento de que necessita na sua **individualidade**, através do qual toda a Igreja aumentará e crescerá na sua **coletividade**. Dessa forma, Cristo como a cabeça, não somente rege este Corpo como também o supre poderosamente com a energia (poder) de que necessita.

Como vimos, os “dons” neste texto são as pessoas que foram salvas por Cristo Jesus e colocadas estrategicamente em Sua Igreja para que cada um coopere para o crescimento de todos.

A unidade dos dons (pessoas) não diz respeito à uma uniformidade na aparência, mas, sim, de propósito. Não existe um ser humano igual ao outro. Dentro da Igreja de Cristo não há uma pessoa igual à outra. Contudo, apesar das nossas diferenças todos nós **temos um só propósito: crescemos em tudo em Cristo que é a Cabeça desse Corpo**.

Fomos unidos por Cristo lá na cruz (**Ef 2.16**) e é nosso dever manter essa unidade (**Ef 4.3**). E ela será mantida quando cada um de nós olhar não para suas habilidades, mas, sim para Cristo que nos redimiu e nos fez verdadeiros dons para Si mesmo. Assim, não perderemos de vista o propósito Dele para nós: glorifica-Lo acima de tudo.

Implicações e Aplicações

O que Deus quer que você faça com relação aos seus dons?

- 1) **Entenda que você é um dom de Cristo para Igreja.** As habilidades e talentos não têm qualquer valor se não existirem pessoas para exercitá-los para a glória de Deus. Mais importante do que o que você faz é você mesmo. E mais importante do que você é Deus que fez tudo isso por nós através de Cristo. Por isso mesmo
- 2) **Coopere com o crescimento da Igreja.** Cristo prometeu fazer Sua Igreja triunfar, mas, não sem a participação daqueles a quem Ele salvou. É claro que é Ele quem efetua em nós tanto o querer como o realizar, mas, em Sua infinita bondade quis que participássemos dessa alegria. É um

privilégio de todas as formas para você servir a Cristo na Igreja. É uma ordem que Ele lhe dá servi-Lo através da Sua Gloriosa Igreja.

Conclusão

Só encontramos sentido para a nossa existência quando nos entregamos ao serviço de Cristo. Para isso Ele nos capacitou plenamente.

Rev.Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 30/12/2012

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(15^a Mensagem)
Ef 4.17-24

Você já ouviu falar em “pecados escravizadores”? Há bem da verdade todos os pecados são escravizadores. Pode ser a lascívia que se transforma em adultério e prostituição, ou uma mágoa que se transformou em ressentimento, ou o ódio que se transformou em vingança. Mas, porque será que ainda abrigamos esse tipo de coisa em nosso coração? Uma coisa que pode ser constatada é que o pecado sempre nos promete satisfação rápida. Não fosse por isso, jamais cairíamos no pecado. O grande problema com o pecado é que ele se propõe a ser um substituto fajuto de Deus para nós. Todas as vezes que deixamos de buscar nossa satisfação em Deus fatalmente a buscaremos no pecado; e é por isso que o pecado nos escraviza.

Mas, não precisamos (e nem devemos) ficar presos ao pecado. Cristo veio para nos salvar e libertar das garras do pecado.

Desde o início de Ef 4 Paulo está falando sobre a nossa nova condição de vida em Cristo, condição esta que nos chama a “**andar de modo digno**” da nossa vocação. Agora, em Ef 4.17-24, ele passa a nos mostrar de forma prática como é que se dá esse andar de modo digno.

Nestes versos ele trata sobre **O despojamento da velha natureza e o revestimento da nova natureza**.

Apesar de que a renovação espiritual é uma obra do Espírito Santo no coração do pecador, não se descarta a responsabilidade que o pecador, agora convertido, tem com relação ao viver renovado e transformado, no qual ele precisa aprofundar-se, ou nos termos de Paulo “**despojar-se do velho homem e revestir-se do novo homem**” a cada dia.

É importante entendermos o que Paulo quer dizer com “**velho homem**” e “**novo homem**”. O “velho homem” são aqueles hábitos pecaminosos nos quais estávamos escravizados e presos; logo, o “novo homem” são os hábitos santos criados “**segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade**” (v.24). No meio desse processo de despojamento e revestimento está a “**renovação do nosso espírito**” (v.23).

Precisamos compreender que para isso é necessário:

1) **Rompermos totalmente com o pecado,**
v.17-19

Nos v.17 e 18 Paulo mostrou aos efésios o contraste que há entre a vida do crente e a vida do incrédulo, e que em hipótese alguma o comportamento dos crentes devem se assemelhar ao dos incrédulos. Os verbos que ele usou no v.17 “digo” e “testifico” mostram o peso de suas palavras aqui. O ato dele testificar acrescenta uma reverência tal que indica a responsabilidade que recai sobre todos os crentes.

Como já vimos em Ef 4.1 o verbo “**andar**” indica comportamento, o centro, o eixo gravitacional da nossa vida. O centro da vida do crente é Deus e Sua santa vontade e não mais o estilo de vida que levava anteriormente.

Os gentios andam na “**vaidade dos seus próprios pensamentos**”, ou seja, suas almas são vazias e nesse vazio é que eles vivem.

São incapazes de compreender a verdade e de ver a triste realidade em que se encontram porque são “**obscurecidos de entendimento**”, isto é, cegos espiritualmente. A melhor definição para “escuridão” é a ausência da luz. A presença de Deus no coração do pecador enche sua vida de luz. Além disso, estes tais estão “**alheios à vida de Deus...**”. Paulo já

fez uso da ideia de “alienação” anteriormente em Ef. 2.12, quando mostrou aos efésios que eles estavam alienados da comunidade de Israel, ou seja, fora do povo de Deus. Aqui, porém, ele mostra que esta alienação é fato na vida daqueles que não são convertidos, e que até mesmo foi esta a realidade deles que agora são convertidos. Uma coisa é estar fora de um grupo social, outra infinitamente pior é estar fora da “**vida de Deus**”.

A vacuidade de suas mentes, o entendimento entenebrecido e a alienação da vida de Deus, estas três coisas são resultados da “**ignorância (...) e dureza do seu coração**”, o que caracteriza uma vida que dá muito mais importância para coisas tão sem valor e totalmente desregrada sem valores morais, deixando Deus de lado. Isto está em pleno acordo com o que vem a seguir.

O v.19 mostra que o endurecimento de seus corações os levou à perda da sensibilidade. Sua consciência se tornou calejada. É isso que o pecado não confessado e abandonado faz no coração da pessoa. Quem vive desregradamente terá o seu coração endurecido sem qualquer possibilidade de restauração.

Aqueles que caíram num estado de entorpecimento da alma, e são incapazes de sequer sentir algum sentimento de tristeza ou remorso pelo modo como vivem. De fato, o pecado cauteriza a mente e o coração (1Tm 4.2); faz o homem sentir-se bem quando deveria estar em agonias pelo mal dentro de si. A “calosidade” da alma os impede de responderem positivamente a Deus; contudo, ela não os torna de todo insensíveis, pois há sentimentos que aos quais ainda estes insensíveis homens são capazes de responder: “**se entregaram à dissolução para, com avidez, cometarem toda sorte de impureza**”.

O estilo de vida da velha natureza é totalmente desprovido de sentido, luz e da presença de Deus. O coração ignorante e empedernido pelo pecado faz com que a pessoa nem se dê conta de que necessita de mudança radical. O crente que experimentou a ação de Deus em sua vida libertando-o dessa prisão deve não somente evitar o pecado, mas, envidar todos os esforços para que não venha de alguma forma ser enredado novamente nos tentáculos do pecado. Um rompimento total é necessário. Qualquer “passeio” descuidado perto dos limites do pecado pode ser fatal.

Ainda é necessário

2) Entregarmo-nos totalmente ao Senhorio de Cristo , v.20-24

As palavras do v.20 soam como um raio que corta o silêncio das densas nuvens de uma tempestade, chamado a atenção para o estrondoso trovão. Paulo lembra-lhes que a conduta deles agora, está totalmente baseada não num outro sistema qualquer, mas, no mais excelente, no mais exaltado, e mais sublime modo de vida: um viver totalmente embasado **em Cristo**.

Os efésios receberam não só um corpo de doutrinas sobre a Pessoa de Cristo, mas, sim, o próprio Cristo. No texto grego o artigo definido ὁ vem no acusativo τὸν e assim indica o objeto direto da frase, no caso aqui, é o Senhor Jesus Cristo. Dessa forma, os efésios (e todos os crentes) receberam o Senhor Jesus Cristo em seus próprios corações, e não somente um sistema doutrinário. Isso está em pleno acordo com o contexto de toda a carta, pois, em 2.22, somos a habitação de Deus no Espírito, também é em nosso coração que o Espírito de Deus habita e nos fortalece, 3.16; 4.6.

No v.21 ao dizer “**se é que, de fato**” (εἴ γε) esta mesma expressão aparece em 3.2, e em ambos os textos tem a mesma ideia: “**pois certamente**”, “**com certeza**”. Temos novamente o assunto principal da carta aqui: Cristo é o centro. Nele, isto é, em Cristo, e de Cristo eles

tomaram conhecimento (ouviram) e receberam o ensinamento (“**fostes instruídos**”), tudo isso de conformidade com a verdade que está em Cristo, e que é Ele próprio.

Paulo põe em suas palavras uma ênfase no ensinamento pessoal, ou seja, como se Cristo tivesse pessoalmente ensinado aos efésios. Mas, é justamente esta a intenção de Paulo, mostrar-lhes que o ensinamento de Cristo é o desvendar do Seu (de Cristo) próprio coração, o que confere um tom muito pessoal ao Seu ensinamento. Por isso é “**a verdade em Jesus**”, pois, Cristo para nos ensinar deu de Si mesmo.

Na “escola de Cristo” os ensinamentos são passados com propósitos muito bem definidos. Neste caso, a fim de que “**quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem...**”. É ensinada aqui a necessidade de **mudança radical**. A forma anterior, ou como Paulo aqui diz “**trato passado**” está expressa nos seguintes textos: Ef 2.2,3; 4.17-19; 5.8,14; cf. Cl 1.21; 2.13; 3.7. Eles deveriam se **despojar** desta antiga roupagem porque este velho homem é “**corrompido segundo as concupiscências do engano**”. Os mesmos desejos desenfreados e desregrados que dominam aqueles que estão sem Cristo (v.19) estiveram também presentes na vida dos efésios e eles deveriam tomar o máximo de cuidado para que esses desejos não voltassem à tona, enganando-os, afinal, esses desejos são “**do engano**”. Essas palavras são um “eco” de Jr 17.9.

Paulo quer transmitir a ideia de um esforço pleno envidado para arrancar de vez esta roupagem corrompida.

Mas, o objetivo de Cristo não se limita apenas ao despir. De nada lhes adiantaria despirem-se do velho homem, e continuarem despidos. Desde que o pecado entrou na vida do homem, este logo sentiu a necessidade de se cobrir e se vestir.

Tão perigoso quanto estar vestido com uma roupagem tão corrompida é estar desrido. Por isso a Palavra nos ordena: “**e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade**”.

Ambas as figuras a do “**despir-se do velho homem**” e a do “**vestir-se do novo homem**” estão relacionadas ao caráter da pessoa. Por isso mesmo, este revestimento diz respeito ao interior do homem.

Entre o processo do despir-se do velho homem e o de vestir-se do novo homem está a **renovação espiritual**. Esta renovação é “**no espírito do vosso entendimento**”. Esta renovação espiritual promove a mudança no caráter da pessoa. O que antes caminhava para a degradação total e destruição, agora, por meio da renovação espiritual que é obra de Deus, a pessoa caminha numa direção totalmente oposta, tem o seu caráter totalmente transformado, pois este novo homem é “**criado segundo Deus**” e não segundo as “**concupiscências do engano**”. O velho homem é corrompido; o novo é santo; o velho é procedente e seguidor da mentira e do engano; o novo procede da verdade; o velho é o próprio homem dominado por Satanás; o novo é criação de Deus.

O pecado era o nosso senhor; agora, somos servos (escravos) de Cristo. É a Ele que estamos subordinados, porque foi Ele quem nos libertou. Foi Dele que recebemos o ensinamento, mas, especialmente foi a Ele que recebemos em nosso coração. O nosso antigo senhor não só nos escravizava como nos corrompia dia-a-dia; cauterizava a nossa mente com uma espécie de torpor para não percebermos a nossa lamentável situação.

O nosso novo Senhor, nos fez novas criaturas, nos regenerou para uma nova vida, através de uma renovação espiritual e mental que cria em nós a disposição para servi-Lo e nos afastarmos de tudo aquilo que possa nos escravar no pecado novamente. Por isso, quanto mais nos entregarmos ao Senhorio de Cristo, mais forças teremos para vencer o pecado, porque será com o poder Dele que enfrentaremos este inimigo tão vil.

O que Deus quer que você faça?

- 1) **Despoja-se do velho homem:** disipa-se dessa “roupagem” de pecado. Ela é enganosa e corrompida e trará sérios males para você e desonra a Deus.
- 2) **Renove a sua mentalidade:** pare de pensar no pecado como algo inofensivo; ele ocasionou a expulsão dos nossos pais do paraíso e se não fosse o sacrifício de Cristo o pecado nos impediria de entrar no céu.
- 3) **Revista-se do novo homem:** não basta apenas abandonar os hábitos pecaminosos; é necessário colocar simultaneamente novos hábitos bíblicos em sua vida. Só assim você vencerá os pecados que estão lhe escravizando.

Conclusão

Para o crente santidade não é uma opção; é um mandamento: “Despojai-vos do velho homem e revesti-vos do novo homem”.

São José dos Campos, 05/01/2013

Rev.Olivar Alves Pereira

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(16^a Mensagem)
Ef 4.25 – 5.2

Na última mensagem vimos que Deus requer de nós que nos despojemos dos hábitos pecaminosos, renovemos a nossa mentalidade à luz da Palavra de Deus, e que, nos revistamos de hábitos santos que glorificam a Ele.

A obra de Cristo lá na Cruz purifica o pecador. Uma vez que este recebeu a libertação da culpa e a purificação de seus pecados, deve procurar revestir-se com a nova natureza que Cristo lhe conferiu. Essa nova natureza vem adornada com virtudes que devem ser cultivadas sob o poder e orientação do Espírito Santo a fim de que o crente possa vencer na luta contra a carne. O segredo está no cultivo dos frutos da nova natureza.

Para a nossa meditação proponho o seguinte tema: **O cultivo dos frutos da nova natureza.**

No cultivo dos frutos da nova natureza devemos tomar alguns cuidados:

1) Abominarmos o pecado em qualquer forma que ele aparecer (v.25-32)

Há uma ideia muito perniciosa que permeia muitas igrejas e a mente de muitos crentes: fazer uma classificação dos pecados no sentido de que há pecados mais graves que outros. É bem provável que essa ideia venha do Catolicismo com os seus “sete pecados capitais”. Não há qualquer classificação de “valores” entre os pecados. Pecado é pecado apareça na instância que aparecer. Seja por pensamento, palavras, ações, e até mesmo por omissão, o pecado sempre traz a condenação e a reprovação de Deus. Concordamos que haja sim diferença nas consequências, como por exemplo, um pecado de pensamento impuro nem se compara com o resultado de um adultério concretizado. Contudo, não podemos esquecer que além de ambos serem pecados diante de Deus, qualquer pessoa que tenha caído em adultério, não o fez sem antes ter abrigado em seu coração grande quantidade de pensamento impuro.

Como se dá o processo de despojamento e revestimento na vida do crente? Primeiramente, é preciso detectar quais são os hábitos pecaminosos característicos da velha natureza da qual resta resquícios dela em nós, mas, não somos mais velhas criaturas e sim, novas criaturas em Cristo (cf. 2Co 5.17). Em segundo lugar vem a nova mentalidade que Cristo gerou em nós que nos faz ver o pecado como pecado e algo que desagrada e desonra a Deus. E em terceiro lugar, então vem o revestimento de hábitos santos, ou seja, a prática da justiça segundo a Palavra de Deus.

Nos v.25-32, Paulo mostra uma série de ações que se contrastam:

No v.25: **verdade em vez da mentira:** a mentira é característica do comportamento daqueles que não têm Cristo em seus corações. Logo, alguém que se diz crente em Cristo e vive na prática da mentira (ou da falsidade) está contrariando a vontade de Deus e colocando em descrédito a sua fé. A melhor maneira de se combater a mentira é falando a verdade. A prática da verdade (falada e vivida) adorna o testemunho do crente e dá credibilidade ao que ele diz com respeito a Cristo. Além disso, devemos falar a verdade “**cada um (...) com o seu próximo, porque somos membros uns dos outros**”. O contexto aqui é o da Igreja, da Família de Deus da qual, agora, judeus e gentios são membros.

No v.26,27: **justiça de Deus em vez da justiça própria:** citando o Sl 4.4, Paulo nos mostra que é não somente possível como também nosso dever nos irarmos contra o pecado, especialmente em nós. A ira quando é expressão do nosso zelo pela honra e glória de Deus e

cuidado para com o nosso próximo é nosso dever como cristãos. Mas, quando a nossa ira é expressão da nossa raiva ou ressentimento porque não fomos honrados como queríamos ou não recebemos o que julgávamos merecer, então é pecado, porque ela toma o direito de Deus em retribuir com justiça. Tal ira deve estar longe do nosso coração, v.31.

Quando agimos com essa ira resultante do nosso desejo de autojustiça, fatalmente estamos dando “**lugar ao diabo**”. Quantos problemas trazemos para nós mesmos quando nos deixamos levar pela nossa ira irracional! Certamente, o diabo não desperdiçará uma oportunidade dessas para trazer dores e tristezas para nós e para aqueles que estão ao nosso redor.

No v.28: **honestidade em vez da desonestidade**: “Aquele que furtava, não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado”. Embutida na virtude da honestidade está a frugalidade. Não somente devo abandonar a desonestidade (toda forma de desonestidade é uma forma de furto e roubo), como também trabalhar não somente para não ser pesado para ninguém como ainda ter com que acudir a quem de minha ajuda precisar.

No v.29,30: **palavras úteis em vez de palavras inúteis**. O adjetivo “torpes” (*σαπρός*) e quer dizer “podre, em decomposição”. Não só a mentira é um problema. Palavras que não são próprias a “**edificação, conforme a necessidade**” e que, além disso, transmitam não “**graça aos que ouvem**” devem ser retiradas do nosso vocabulário. Não é só não dizer palavras estragadas, podres e inúteis. Muito mais que isso, devemos falar **somente** o que vai edificar e ainda de acordo com a necessidade de quem ouve. Podemos pecar até mesmo dizendo o que é certo, quando o que é certo é dito em momento errado.

Agora, observe que o ato de entristecer o Espírito de Deus está relacionado a **pecados da língua**. Entristecemos o Espírito Santo quando nossas palavras machucam, difamam e magoam as pessoas; entristecemos o Espírito Santo quando deixamos de falar a verdade, ou a falamos sem amor. Entristecemos o Espírito Santo quando deixamos de pregar o Evangelho a uma pessoa que Ele colocou em nosso caminho. Que se dirá das palavras carregadas de malícia, chulas e de baixo calão, mentirosas e enganadoras!

Os v.31 e 32 contrastam-se: **O que deve estar perto em vez do que deve estar longe**. O que deve estar longe do crente: “**toda amargura, cólera, ira, gritaria, blasfêmias e toda malícia**”. Observe qual a ordem que a Palavra de Deus nos dá: “**Longe de vós**”. A Psicologia juntamente com as filosofias orientais (zen budista, por exemplo) enfatizam que devemos nos controlar quando estivermos em situação que suscite esses sentimentos pecaminosos, que aliás, não são chamados de “pecaminosos” por essas filosofias e pela Psicologia. Que a Bíblia nos ensina sobre o controle dos nossos impulsos e sentimentos, isso é verdade (ela chama de domínio próprio que é fruto do Espírito Santo em nós e não resultado do nosso próprio esforço. Mas, a Bíblia não nos manda controlar nossa ira, raiva, amargura, gritaria, maledicência e malícia; antes ela nos manda ficar longe de tais pecados. **Qualquer situação previsível na qual eu estarei sujeito a esses pecados eu devo ficar longe, me afastar o tanto quanto eu puder.**

Alguém pode então perguntar: “Com as situações previsíveis é fácil; mas, e as situações imprevisíveis? Como vencer a ira que me veio de súbito?”. De fato, isso é muito difícil, mas, na medida em que nos adestramos com as situações previsíveis, as imprevisíveis se tornarão mais fáceis de ser controladas. Faça o teste!

Esses pecados devem estar longe de nós. Enquanto isso deve estar bem perto (dentro de nós) a benignidade, afetuosa e o perdão “**uns para com os outros**”. Tudo isso tem de ser recíproco. Na medida em que eu quero uma Igreja mais acolhedora, que olhe para mim e seja amorosa comigo, eu devo ser tudo isso para com aqueles que estão próximos a mim. E tudo isso imitando o exemplo Divino.

Outro cuidado que devemos tomar no cultivo da nossa nova natureza é

2) Termos como “padrão” para o nosso comportamento o próprio Deus Triúno (4.32 – 5.2)

A palavra de ordem aqui é: “**como Deus... Sede imitadores de Deus... como também Cristo...**” (v.1,2).

Sabemos que jamais seremos iguais a Deus e nem mesmo esta é a intenção de Paulo com essas palavras. Antes, o que ele está afirmado é que uma vez que fomos feitos filhos de Deus (**Jo 1.12**), é nosso dever obedecer ao nosso Pai, imitá-Lo em nosso comportamento diário, agir como Ele.

Mas, como podemos nós, criaturas mortais e limitadas imitar o Deus que é tão sublime, majestoso e todo-poderoso? Não percamos de vista a estrutura do texto. **Paulo está falando aqui de santidade e pureza de vida, o que nos identifica com o Deus que é santo e puro.** Também está falando do perdão e do amor de Deus para conosco que nos perdoou especialmente quando não havia nada em nós que nos fizemos merecer tais bênçãos. O crente pode viver uma vida pura e santa, desde que constantemente dispa-se da velha natureza e invista todos os seus esforços a fim de fortalecer a nova natureza concedida por Deus. Uma vez que o crente estiver sob a direção de Deus será também capacitado a perdoar aqueles que lhe ofenderam, mesmo quando estes sequer lhe pediram perdão, pois, o que os faz agir assim é o amor de Deus que foi derramado em seus corações.

Deus não exige de nós aquilo que Ele não nos concedeu. Por isso mesmo, quando ele exige de nós que O imitemos, o faz dando-nos como base o exemplo de Cristo, pois assim “**... como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, oferta e sacrifício a Deus em aroma suave**” devemos nós viver imitando-O. Mas, não devemos pensar que por nós mesmos somos capazes de imitar a Cristo. Necessitamos completamente do poder Dele para tal. Além disso, a imitação de Cristo que Deus requer de nós é a que está em **Fp 2.5-11**, a saber, termos em nós o “**mesmo sentimento que houve também em Cristo**” que O fez vir ao mundo sujeitando-Se ao Pai.

O amor de Cristo por nós, antes de tudo demonstrou ser amor por Deus. Um amor que O levou à completa obediência ao Pai, a ponto de entregar-se por nós numa cruz. Por isso, mesmo Seu sacrifício subiu até Deus como “**aroma suave**”. O amor de Cristo pelo Pai não foi expresso através de meras palavras, mas através da Sua obediência ao Pai. **Seguindo o exemplo de Cristo na obediência ao Pai por amor, conseguiremos imitar o Pai na prática do perdão àqueles que nos ofenderam.** Como filhos amados que somos devemos mostrar o amor de Deus às pessoas, e uma das maneiras mais eficazes de fazermos isso é através do perdão que devemos conceder às pessoas.

Amar, perdoar e suportar as pessoas são coisas difíceis para nós quando olhamos para nós mesmos e para nossas capacidades, para o nosso eu ferido e o nosso desejo de autogratificação. Contudo, se colocarmos como padrão em nossa vida o amor de Deus para conosco, a obediência de Cristo ao Pai levando-O a morrer numa cruz por nós, e a pureza do Espírito Santo, O qual habita em nós, com certeza, termos mais condições de amar e perdoar as pessoas, especialmente quando elas nem se dão conta de que precisam do nosso perdão.

O que Deus quer que você faça?

Tenha-O como o alvo de sua vida. Só assim você vencerá o pecado venha ele em pensamentos, palavras ou ações. Só assim, imita-Lo será não somente uma possibilidade como

uma realidade em Sua vida. Expressamos o caráter de Deus neste mundo quando cultivamos a nova natureza que Ele nos Deus.

Conclusão

Tal Pai, tais filhos. Você se parece com o Pai Celeste?

Rev.Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 20 de janeiro de 2013

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(17^a Mensagem)
Ef 5.3-14

No parágrafo anterior Paulo falou sobre o cultivo dos frutos da nova natureza, e agora prossegue falando sobre a necessidade de se reprovar constantemente as obras das trevas. Uma vez que o crente recebeu a nova natureza em Cristo deve evitar a **todo custo todas** as formas de imoralidade (pensamentos, palavras e ações).

Paulo apresenta uma lista de pecados a qual também aparece em outras passagens com uma ou outra variação. Veja-se Rm 1.18-32; 1Co 5.9-11; 6.9,10; Gl 5.19-21; Cl 3.5-9; 1Ts 4.3-7; 1Tm 1.9,10; 2Tm 3.2-5; Tt3.3.

Essa é a verdadeira batalha espiritual em que nos encontramos. De um lado estamos nós, transformados por Cristo, regenerados pelo Seu Santo Espírito, com a nova natureza que Ele nos deu, e do outro estão Satanás, o mundo e a nossa velha natureza nos assediando o tempo todo (**Hb.12.1**). Não devemos nos descuidar, não podemos dar uma trégua a esses inimigos, especialmente à nossa velha natureza. Meditemos então sobre: **a reprovação das obras das trevas.**

Mas, ao reprovarmos as obras das trevas, precisamos tomar cuidado com dois extremos:

1) O legalismo religioso, v.3-6

O legalismo religioso é um pecado que pode se manifestar das seguintes formas: (1) eu condeno pecados nas outras pessoas, mas, pratico esses mesmos pecados, em secreto ou em público; (2) eu pratico tudo o que a Lei manda confiante de que é a minha obediência (e não a obra salvífica de Cristo) que me dará a salvação e as bênçãos de Deus. **Essas duas formas em que o legalismo se apresenta me afasta de Deus.**

No v.3 lemos “Mas a impudicícia e toda sorte de impurezas ou cobiça nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos”.

“**Impudicícia e toda sorte de impurezas**”; o substantivo **πορνεία** aponta para toda atividade sexual ilícita, tais como: imoralidade, prostituição, adultério, pedofilia, homossexualismo, bestialismo, fornicação, pornografia, sodomia, etc. É tudo que no âmbito sexual vai de encontro ao que Deus planejou para que o homem com a sua mulher vivessem dentro dos laços do matrimônio.

“**Avareza**” (**πλεονεξία**), aqui está intimamente ligada à impureza sexual como fica claro através da conjunção “ou” (**ἢ**) que liga uma à outra. Sendo assim, como William Hendriksen observa, “avareza” aqui “é possível aplicar-se especialmente à voraz determinação em assuntos de sexo, a expensas de outros: ir além do que é devido e defraudar o irmão”.

Um namoro que desperta desejos que não podem ser supridos, um apetite sexual desenfreado que desemboca em prostituição e adultério, se enquadram no significado de avareza. Tais pecados não devem sequer ser mencionados pelos seus nomes, quanto mais serem praticados!

O v.4 entra no campo das palavras: “**nem conversação torpe, nem palavras vãs ou chocarrices, coisas essas inconvenientes; antes, pelo contrário, ações de graças**”. Novamente Paulo reforça o ensinamento contra os pecados da língua. No parágrafo anterior quando tratou do cultivo da nova natureza, ele atacou os pecados da língua no que diz respeito à mentira, maledicência e quaisquer outras coisas que interfiram no convívio com as outras pessoas

causando ressentimentos e mágoas. Agora, ele ataca os pecados da língua no que diz respeito às palavras carregadas de obscenidades, palavras que expressam toda a podridão e perversão na área sexual. “conversação torpe” é o mesmo que palavreado obsceno; “palavras vãs”, o mesmo que conversa fiada e grosseira, que não tem respeito por ninguém.

Ao dizer no v.5: “Sabei, pois, isto...” Paulo quer deixar tão claro que a salvação e a imoralidade (seja em qualquer forma que se apresente) são realidades totalmente contrárias. Podemos estar bem certos que: “nenhum incontinente, ou impuro, ou avarento, que é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus”.

Como já foi visto no v.3, a avareza neste texto está associada à imoralidade, sendo um egoísmo nojento. Logo, se uma pessoa coloca-se a si mesma acima das outras é porque também já não tem mais ao Senhor Deus como o primeiro em seu coração, e assim está praticando idolatria que nada mais é do que colocar coisas ou pessoas (inclusive a si próprio) antes de Deus em sua vida. Daí a explicação de Paulo “avarento, que é idólatra”.

É muito importante considerarmos o tempo em que os verbos estão aqui conjugados. Eles apontam para uma realidade importante, a saber, Paulo não está dizendo que quem um dia praticou tais coisas não herdará o Reino de Deus, mas sim, quem pratica ainda, pois, são obras da carne e não frutos da Justiça que procede de Deus.

O v.6 nos diz: “Ninguém vos engane com palavras vãs; porque, por essas coisas, vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência”. Se quando ouvimos descrentes falando que tais práticas não são pecado, mas, sim, opção e escolha de cada um, isso nos causa espanto, pior ainda é quando ouvimos pessoas que se dizem crentes pregando que é possível vivermos nessas práticas e ainda não ofendermos a Deus. “palavras vãs” são palavras vazias de verdade, isto é, mentiras. Elas aparecem ser boas e agradáveis, contudo, conduzem ao pecado e consequentemente, à ira de Deus. Temos aqui o que na gramática grega é chamado de “tempo presente profético” o qual indica que algo, no caso aqui, a ira de Deus é tão certa que irá acontecer que é descrito como acontecendo já no presente momento: “...a ira de Deus vem...”.

Não importa em que forma apareçam as obras das trevas, quer seja em palavras, pensamentos ou ações que, elas precisam ser reprovadas. O legalismo é a atitude que temos em nos posicionarmos contra algumas formas de pecado, mas, no que diz respeito a outras formas sermos mais brandos. A lista de pecados que Paulo apresenta neste parágrafo abrange todas as esferas da nossa vida em que o pecado possa aparecer: palavras, pensamentos, atitudes e omissão.

O legalismo caminha de mãos dadas com a hipocrisia. Ele condena um pecado, mas, faz vistas grossas a outro. Devemos tomar muito cuidado com o legalismo religioso, pois, ele afasta as pessoas da Graça de Deus.

Outro extremo com o qual devemos tomar cuidado é:

2) O relaxamento com o Evangelho, v.7-14

Os v.7,8 vem nos lembrar da nossa posição em Cristo, da nossa nova natureza a ser cultivada para a glória de Deus: “Portanto, não sejais participantes com eles. Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz”. Com palavras firmes, porém, encorajadoras, Paulo continua a sua exortação: “Portanto, não sejais participantes com eles”, ou seja, eles não deveriam tomar parte nas obras dos ímpios. Antes eles assim faziam porque eram “...trevas, porém, agora, sois luz no Senhor”. Observamos nestas palavras a simplicidade e a firmeza do Evangelho – sim, sim, ou, não, não. Se estamos em Cristo somos luz; se não estamos em Cristo, somos trevas. É impossível estarmos em Cristo e nossas obras serem trevas. Nossas obras devem ser quais holofotes que brilham na escuridão do

mundo. As trevas são a falta do verdadeiro conhecimento da pessoa de Deus como podemos constatar em Ef 2.1-3, 11, 12; 4.14, 17.

Os filhos de Deus devem comportar-se “...como filhos da luz”, e isto, conforme o v.9 é: “**porque o fruto da luz consiste em toda bondade, e justiça, e verdade**”. Conforme Francis Foulkes, essas obras são obras que aparecem com a luz, mostrando o caráter do crente que foi transformado pelo poder de Cristo. A “bondade, e justiça e verdade” são o resultado da ação poderosa do Espírito de Deus no coração do pecador. A **bondade** é toda espécie de excelência moral e espiritual; a **justiça** é o prazer de fazer o que é reto aos olhos de Deus, o que acaba resultando em confiabilidade, integridade, que recebe o nome aqui de **verdade**.

A bondade contrasta-se com a malícia em 4.31. A justiça, por sua vez é justamente o contrário dos pecados alistados anteriormente, generalizados na imoralidade e impureza. Enquanto isso, a verdade contrasta-se com mentira, falsidade e obras enganosas (vazias).

O fruto da luz também leva o crente a uma realidade de vida muito mais excelente: “**provando sempre o que é agradável ao Senhor**” (v.10). A bondade, a justiça e a verdade presentes no coração dos crentes são “ferramentas” importantes para levá-los a descobrirem o que agrada a Deus. É importante ressaltar que é pela experiência “**provando**”, ou seja, o conhecimento das coisas de Deus nos é dado mediante um viver diário que luta por descobrir por meio da vivência.

Desta forma também estaremos fazendo o mesmo que o nosso Mestre e Salvador, Jesus Cristo fez. Ele o tempo todo fez a vontade do Pai (Jo 4.34; 5.30; 6.38), e a resposta do Pai à obediência de Cristo foi sentir prazer em Seu Filho (Mt 3.17; 17.5).

Muitas vezes ficamos atormentados por não sabermos qual a vontade de Deus para nós. A Bíblia nos mostra que andando na bondade, justiça e verdade conforme Deus quer, sempre saberemos qual é a vontade de Deus para nós, pelos simples fato de estarmos fazendo a vontade Dele expressa na bondade, justiça e verdade.

No v.11 Paulo retoma a mesma ordem do v.8. Os crentes não podem em hipótese alguma fazer concessões e transigências com as trevas; eles devem ser taxativos e reprová-las a todo custo. O pecado deve ser desmascarado e nunca devemos “suavizar” as verdades bíblicas sob o pretexto de torná-las mais apetecíveis aos corações dos não crentes. Antes, devemos deixar bem claro aos ímpios que o porque reprovamos as obras deles é “**Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha**” (v.12). Aquilo que o homem faz secretamente, com certeza trata-se de algo que é vergonhoso, pois, do contrário, se fossem coisas honrosas e boas deveriam ser colocadas à mostra, conforme ensina o próximo verso.

Tais coisas são vergonhosas não para quem as denuncia, mas, sim, quando elas são desmascaradas, quem as praticou ficará tomado de vergonha. Como poderiam aqueles que são a luz do mundo tomarem parte em obras tão vergonhosas? Em hipótese alguma justamente porque a luz revela todas as coisas.

O v.13 diz: “**Mas todas as coisas, quando reprovadas pela luz, se tornam manifestas; porque tudo que se manifesta é luz**”, ou seja, a luz de Cristo tem o poder de provar o caráter de todos e de tudo. As obras das trevas permanecem ocultas até que a luz de Cristo as revele e mostre o que elas realmente são e assim: “**tudo que se manifesta é luz**”. Isso não quer dizer que as obras das trevas quando reveladas pela luz de Cristo se transformam em obras de luz, mas, sim, que passa a ser vistas como realmente são.

Citando Is 9.2; 26.19; 52.1 e 60.1 Paulo indica que foi o próprio Senhor Deus quem disse isso: “**Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará**”. Nestas palavras Paulo tem em vista não só os não convertidos como também os convertidos. Quanto a estes últimos, Paulo está exortando-os como vem fazendo

desde o início deste parágrafo: **não compartilhem das obras infrutíferas das trevas!** Daí a ordem: **“Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará”**.

Quanto aos incrédulos, Paulo não está exigindo deles que saiam do seu estado de morte espiritual por conta própria, mesmo porque isto é impossível. O homem em seu estado de morte espiritual nem se dá conta da sua realidade horrível. Se Deus não vier ao seu encontro primeiro, tal homem jamais pode se levantar da sua cova de pecados. As palavras deste verso põem em evidência a **responsabilidade humana** e **não a capacidade humana** de se salvar e se converter.

Observe o final da frase: **“... e Cristo te iluminará”**. Todo o processo da nossa salvação, tanto o começo como o fim dela é obra de Cristo.

Muitos têm tornado largo o caminho ao qual Jesus chamou “estreito”, ou seja, no afã de trazerem as pessoas para dentro das igrejas (não necessariamente para Cristo), têm medo de reprovar as obras infrutíferas das trevas e de chamar de pecado o que realmente é pecado. Se o legalismo afasta as pessoas, pois, coloca sobre elas um peso insuportável, o relaxamento com o Evangelho o transforma num caminho tão fácil, e caminho fácil é o caminho da mentira que leva somente à danação. Como alguém disse com muita propriedade: **“Um evangelho falso, leva a um Cristo falso, e um Cristo falso nos leva a um céu falso, e um céu falso é o próprio inferno”**. Precisamos reprovar as obras das trevas porque somos luz, e como tal precisamos arcar com o preço disso. Se o Evangelho for “barateado” perderá o seu valor. Precisamos estar atentos para não cairmos nestes dois extremos.

O que Deus quer você fazer?

Você tem aqui neste texto:

- 1) **Uma ordem:** Comporte-se como um filho da Luz.
- 2) **Uma exortação:** Desperte! Cuidado para não se envolver com as obras das trevas! Acorde! Saia desse marasmo, desse sono espiritual!

Conclusão

Reprovar as obras das trevas significa combate-las e evita-las.

Rev. Olivar Alves Pereira

São José dos Campos, 27/01/2013

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(18^a Mensagem)
Ef 5.15-21

Temos afirmado em nossas mensagens na Carta aos Efésios que doutrina não é coisa teórica apenas, mas, também, algo totalmente prático, aliás, só é “Evangelho” porque é algo prático.

Na mente do apóstolo Paulo (orientada pelo Espírito Santo, é claro!) doutrina evangélica é algo extremamente prático, aliás, só é doutrina evangélica porque pode e deve ser aplicada na vida de forma prática.

Prosseguindo em seu assunto sobre o despir-se da velha natureza pecaminosa e o vestir-se da nova natureza criada em Cristo Jesus, o apóstolo passa a mostrar no que implica ser uma nova criatura em **todas as áreas da vida**. Ser uma nova criatura em Cristo significa estar sob o controle do Espírito Santo o tempo todo. E a primeira área que Paulo aborda aqui é a dos relacionamentos entre os irmãos na fé. Meditemos então sobre **Os relacionamentos fraternais**.

“... entre vós...”, “... uns aos outros...” são palavras que apontam para a mutualidade nos relacionamentos fraternais, ou seja, a comunhão entre os irmãos na Igreja Gloriosa de Cristo.

Nos relacionamentos fraternais (entre os irmãos na fé) precisamos:

1) Cuidar do nosso bom testemunho, v.15

A prudência no comportamento revelará o nosso compromisso com Jesus e a transformação que Ele operou em nossa vida. Uma ação fala mais do que um sermão.

A exortação “**Portanto, vede prudentemente como andais**” traz a ideia de “**vede cuidadosamente como vos comportais**”. Assim, aponta para um andar prudente, cauteloso e acurado; medindo os passos, “um pé após o outro”. Somente por meio de um comportamento cuidadoso é que uma pessoa pode tornar visível o que é invisível, ou seja, a renovação do coração por meio da graça de Cristo. Tal comportamento contrasta-se com um viver insensato. Daí a exortação prossegue: “... não como néscios, e, sim, como sábios” (veja, Ef 1.8,17; Cl 1.9,28; 3.16; 4.5). Os néscios (*ἄστοφοι*) são os que “não possuindo percepção das coisas que pertencem a Deus e à salvação, não almejam alcançar um alvo mais elevado, e portanto não, sabem, nem mesmo cuidam de saber, quais são os melhores meios para alcançá-lo. Consideram de muita importância o que é de pouco valor ou mesmo pode vir a ser prejudicial, e não apreciam o que é imprescindível” (William Hendriksen). E como se comportam os sábios (*σοφοί*)? Esse é outro cuidado que devemos ter com relação aos nossos relacionamentos fraternais:

2) Cuidar do nosso tempo, v.16

O ócio não somente faz o crente perder grandes oportunidades de glorificar a Deus em sua vida, como também permite que muita podridão ocupe o seu coração e tempo. O crente sábio é aquele que emprega todo o seu tempo em alguma coisa que seja para o louvor e glória do Senhor Jesus.

O verbo **remir** vem do grego *ἐξαγοράζόμενοι* que aqui está no particípio presente médio. Literalmente, significa “comprando no mercado”, ou com o sentido de “aproveitar as oportunidades”, com o significado de “comprar de volta (às expensas de vigilância e

autonegação pessoal) o tempo presente, que está sendo usado agora para propósitos maus e perversos” (Rieneker e Rogers).

O sábio (o que teme a Deus) deve resgatar o seu tempo, ou seja, não deve perder tempo com coisas de pouco valor como fazem os nescios. Esta vida é preciosa para ser desperdiçada com coisas sem valor. Quando Paulo fala que “os dias são maus” com certeza tinha em mente a depravação de sua época como fica claro no contexto anterior quando Paulo ataca veementemente a imoralidade. O crente não pode perder a oportunidade de fazer boas obras com as quais glorificará a Deus, fortalecerá a sua fé no Salvador e ganhará os incrédulos para Cristo vendo-os serem transformados em servos de Deus. Uma oportunidade perdida jamais volta. Por isso, toda atenção é necessária se o crente quer em tudo fazer a vontade de Deus como fica claro no próximo verso.

Por isso devemos

3) Cuidar em executar a vontade de Deus, v.17

Uma das características principais do crente é que ele vive para fazer a vontade de Deus, e em fazê-la está o segredo da sua felicidade.

Porque nós devemos andar com cuidado, nos comportarmos com sabedoria perante os ímpios, aproveitando ao máximo cada oportunidade visto que vivemos dias maus, a Palavra de Deus nos diz: “não vos torneis insensatos” (*ἄφρονες*). Este adjetivo sugere tanto uma ausência de inteligência enquanto que *ἄσοφοι* no v.15 indica a falta de sabedoria. Os crentes são exortados a usar o raciocínio. Crer é pensar!

Novamente é empregado o verbo **tornar** dando a entender que corremos o risco de sairmos do estado de integridade e bom senso com que começamos a agir. Por isso mesmo, devemos agir com sabedoria para que venhamos a compreender “...qual é a vontade do Senhor”. No v.10 ela já falou sobre experimentar o que é agradável ao Senhor. A vontade do Senhor é o que dá a verdadeira felicidade para o homem. Não deve ser o conselho de outras pessoas considerado como base para uma vida feliz, mas, sim, unicamente a vontade do Senhor Jesus Cristo como está revelada em Sua Palavra, a diretriz para o crente.

Uma das maiores demonstrações de “falta de senso” e inteligência é a embriaguez, daí então Paulo diz devemos

4) Cuidar em buscar a verdadeira alegria, v.18

É a pessoa do Espírito Santo e não o vinho (ou qualquer outra coisa) que nos dá a verdadeira alegria. É numa vida totalmente sujeita ao Espírito Santo que o crente é abençoado e abençoa outras vidas.

Desde a antiguidade, os homens tentam escapar de suas aflições buscando o torpor das bebidas alcoólicas. Nem mesmo os grandes servos de Deus como Noé, escaparam dessa ilusão (**Gn 9.20,21**) e de suas drásticas consequências.

As Escrituras são taxativamente contra a embriaguez classificando-a como pecado e a origem de outros males (**Pv. 23.29-35**). Por isso mesmo, nos tempos do Novo Testamento, aqueles que fossem indicados para assumirem cargos na liderança da Igreja deveriam ser cautelosos quanto ao uso do vinho (**1Tm 3.3,8 e Tt 1.7 e 2.3**). No presente texto, Paulo está continuando o que já vem mostrando desde o v.15: a diferença entre o nescio e o sábio. O vinho produz uma alegria passageira e falsa; o Espírito Santo produz no coração do crente a eterna e verdadeira alegria. Por isso, quem se embriaga com o vinho, como faziam os adoradores de Baco (Dionísio) viviam em dissolução, libertinagem (*ἀσωτία*). Este substantivo

“dissolução” que aqui indica “libertinagem”, alguém que não consegue se poupar, alguém que desperdiça extravagantemente suas posses e, então, denota principalmente uma pessoa dissoluta, com uma maneira de viver debochada, desregrada e licenciosa.

Os adoradores de Baco (Dionísio), o deus do vinho, comportavam-se assim. Logo, se os crentes fossem vistos bêbados estariam dando um péssimo testemunho porque ficar bêbado era coisa para adorador de Baco. Como então podia um crente em Cristo ser identificado como adorador de Baco? Impossível a um crente de verdade.

Porém, em sua didática, Paulo em vez de enfatizar o que é negativo, ele enfatiza mais o que é positivo “mas enchei-vos do Espírito”. Muitas traduções trazem o verbo *encher* (*πληρόω*) no imperativo ativo ou médio “enchei-vos...”; mas, aqui o verbo está no imperativo passivo daí a melhor tradução é “sede enchidos com o Espírito” ou “deixai-vos encher pelo Espírito...”. Preferimos “sede enchidos com o Espírito”, pois, traz a ideia de “controle”. O Espírito de Deus que habita o cristão é Aquele que, continuamente, deve controlar e dominar a vida do crente. Isto está em um contraste deliberado e marcante com o culto a Dionísio.

Nada e ninguém além do Espírito de Deus deve ocupar o coração de crente. Nos tempos antigos, as bebidas alcoólicas eram usadas, para entre outras coisas, proporcionar comunhão com os deuses, segundo muitas crenças pagãs. Por isso mesmo Paulo deixa claro que quem confessasse ser um crente, mas, vivesse valorizando coisas banais como o vinho, e, portanto, dominado por ele, haveria de confundir as pessoas, justamente por estarem vivendo como os ímpios néscios. A maior prova da sabedoria deles, entretanto, não estava apenas em não se embriagar com o vinho, mas, sim, na total submissão ao Espírito de Deus.

Paulo estava falando de algo que ele sabia muito bem e experimentava constantemente em sua vida, a saber, a alegria do Espírito Santo, a qual o capacitava à uma vida tão tranquila e segura apesar das circunstâncias. Vale lembrar que a ocasião em que ele escreveu essas palavras foi de dentro de uma prisão.

Quem vive controlado pelo Espírito Santo traz as seguintes marcas alistadas nos v.19-21 e também procura:

5) Cuidar da nossa comunhão com os irmãos, v.19-21

Numa atmosfera de louvor e gratidão constantes especialmente num ato litúrgico no culto comunitário é que os crentes se veem fortalecidos numa intensa comunhão que é resultado da comunhão com o Senhor Jesus Cristo.

A plenitude (“enchei-vos”) do Espírito Santo se manifesta na comunhão entre os irmãos começando pelo que se fala (“falando entre vós”). Se alguém quer realmente experimentar uma vida plena no Espírito Santo que não despreze a comunhão com os irmãos.

Os três participios deste verso “falando, entoando e louvando” (*λαλοῦντες, ᾠδοῦντες e ψάλλοντες*) apontam para o resultado do enchimento do Espírito no coração do crente. Deve-se destacar que aqui Paulo faz referência a dois modos de se entoar louvores a Deus: uma audível “falando” e a outra na quietude do coração “entoando e louvando de coração”.

As festas pagãs regadas ao vinho produziam a libertinagem e a depravação; enquanto uma vida controlada pelo Espírito Santo promove o fortalecimento e a edificação de cada um por meio da comunhão com os irmãos.

A adoração não se limita apenas à área musical, seja ela cantada, falada ou tocada. Paulo continua mostrando que como pessoas controladas pelo Espírito Santo eles deveriam sempre estar “dando graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”. Essa ação de graças deve ser:

- ✓ Constante: “dando sempre”;

- ✓ **Intensa:** a ideia aqui é sermos sempre “bem agradecidos”;
- ✓ **Completa:** “por tudo”;
- ✓ **Teocêntrica:** “a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Encerrando este parágrafo, Paulo fala sobre a sujeição mútua. Paulo já falara sobre o assunto nesta carta em 4.2,3. É importante destacarmos que tal preceito encontra-se primeiramente nos ensinamentos de Cristo (Mt 18.1-4; 20.28; Jo 13.1-17). Nos ensinos de Paulo sobre a sujeição, submissão, etc., ele tem por base o preceito da igualdade entre as partes, deixando claro que temos de agir assim, imitando o exemplo do Senhor Jesus Cristo que sendo igual ao Pai, submeteu-Se a Ele com amor (veja Fp 2.5-11). Da mesma forma, sujeitarmo-nos uns aos outros implica em sendo nós iguais (uns aos outros) e estando na mesma posição e condição diante de Deus, devemos preferir uns aos outros em honra, abrindo mão da nossa vez para cedê-la ao nosso irmão. É isto que Paulo quer dizer com “**no temor de Cristo**”. Esta é uma grande prova de amor e com certeza fortalecerá a unidade da Gloriosa Igreja do Senhor Jesus Cristo.

O que Deus quer que eu faça?

Nos relacionamentos fraternais

- 1) **Ande com sabedoria.** Busque a glória de Deus em tudo;
- 2) **Não desperdice seu tempo.** Oportunidades perdidas não voltam mais;
- 3) **Busque em tudo a vontade de Deus.** Exercite sua mente, pense bíblicamente.
- 4) **Submeta-se ao Espírito.** Ele é quem deve controlar sua vida.
- 5) **Preserve a comunhão.** Ela é fruto da cruz de Cristo, mas, é nossa responsabilidade.

Conclusão

Nos relacionamentos fraternais faça a sua parte e ajude os outros a fazerem a deles.

Rev. Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 03/02/2013

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(19ª Mensagem)
Ef 5.22-33

Um assunto muito delicado em nossos dias é a submissão da esposa ao esposo. Alguns fatores podem ser elencados como responsáveis por essa dificuldade, tais como: o pecado no coração do ser humano fazendo com que o egoísmo fale mais alto, a rudeza de muitos esposos que tratam suas esposas como inferiores, a rebeldia de muitas esposas que não compreendem o seu papel como “auxiliadoras”, a forte propaganda feminista levando a mulher a inverter os papéis, e o relaxo de muitos homens que não assumem seu papel como cabeça (o que conota cuidado, responsabilidade e liderança para com a família no geral), entre outros.

A renovação espiritual promovida por Cristo no coração da pessoa deve abranger todas as áreas da vida. No parágrafo anterior o assunto era o relacionamento entre os irmãos na fé; daqui até **6.9** o assunto será a vida em família. Como deve ser a vida de um servo de Deus em família?

Vejamos primeiramente, **O relacionamento entre marido e mulher**. Depois prosseguiremos com outros aspectos que envolvem a família cristã.

No relacionamento entre marido e mulher os servos de Deus devem observar o que a Palavra de Deus nos ensina.

v.22-24: Muitas pessoas são injustas quando taxam o apóstolo Paulo de “machista”. Pelo contrário, temos nestas palavras do apóstolo (e em todas as passagens que ele trata do assunto) uma defesa à mulher. É sabido que em muitos países, e em muitas religiões tais como o Judaísmo e o Islamismo, a mulher é rebaixada, desqualificada e por isso, desprezada, muitas vezes não passando de mero objeto do homem sobre o qual ele exerce seu papel de “dono e senhor”. Somente o Evangelho de Cristo dignifica a mulher, atribuindo a ela o mesmo valor e importância que são atribuídos ao homem. Na estrutura familiar dos tempos do apóstolo (e ainda em nossos tempos, porém bem mais escasso) a mulher ocupava a maior parte na responsabilidade na educação e criação dos filhos. Por esta causa, o Senhor Jesus através de Paulo aqui, coloca sobre os ombros do homem a responsabilidade final sobre a família, repartindo assim a carga com sua esposa.

O **v.22** está inteiramente ligado ao que diz o **v.21**. A submissão da mulher crente ao seu esposo é em última instância submissão a Cristo (“**como ao Senhor**”). Além disso essa submissão deve ser total (“**em tudo**”). E o exemplo que Paulo dá aqui para as mulheres é a própria Gloriosa Igreja de Cristo. Assim como Cristo é a cabeça da Igreja, o marido é a cabeça da esposa.

Então surge uma pergunta muito importante: o que faz a cabeça? A resposta vem no próximo verso.

v.25: Crisóstomo, um dos mais importantes pregadores dos primórdios da Igreja Cristã disse o seguinte sobre esse assunto: “*Já viste a medida da obediência? Pois ouve também a medida do amor. Desejas que tua esposa te obedeça como a Igreja a Cristo? Então cuida bem dela, como Cristo o faz com a Igreja*”.

O verbo “**amar**” empregado aqui vem do grego ἀγαπάω que significa “**amor sacrificial**”. Este amor indica um sentimento tão forte e profundo que envolve todas as emoções, forças e vontades do homem com o propósito de fazer da esposa uma pessoa verdadeiramente feliz, completa e honrada. Assim como o padrão para a submissão da mulher ao seu marido é a obediência de Cristo ao Pai, também o padrão para o amor do homem para com a sua esposa é o amor de Cristo pela Sua Igreja. Ele (Jesus) “...a Si mesmo entregou-Se por

ela”, a Igreja. Não tiraram a vida de Jesus, mas, Ele, espontaneamente a entregou em favor da Sua Igreja (**Jo 10.17 e 18**).

Ele tinha propósitos bem definidos para com Sua Igreja ao Se entregar por ela:

v.26,27: O primeiro propósito foi: “**para que a santificasse, tendo-a purificado**”. A santificação e a purificação promovidas por Cristo através de Seu sacrifício são simultâneas e são interrompidas somente com a morte, pois, a seguir vem a glorificação (o céu, a glória eterna). “**por meio da lavagem de água pela palavra**” embora seja uma referência ao batismo, Paulo aqui está indo mais além apontando para o que, ou mais precisamente, para Aquele a quem o batismo simboliza, a saber, o Espírito Santo. É Ele quem santifica a Igreja e aplica à mesma as bênçãos da Palavra de Deus.

O segundo propósito aqui é “**para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa...**”. Ele cuidou da Sua Igreja a fim de apresentá-la “...a Si mesmo...”. Embora Paulo esteja aqui neste texto tratando de assuntos concernentes ao dia-a-dia do crente, neste verso está pensando no Grande Dia do Senhor, a saber, a Sua volta. Cristo, salvou, purificou (e ainda continua purificando, ou seja, santificando) a Sua Igreja, para que no dia em que Ele voltar para buscá-la, a encontre “**...Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito**”. É Cristo, e somente Ele, por meio do Seu maravilhoso amor que transforma a Igreja em Seu Corpo Santo e sem defeito (culpa). É espelhando neste amor maravilhoso que o marido deve prover para que a esposa seja aperfeiçoada na santidade e cresça na Graça e conhecimento de Cristo Jesus. Esposas deficientes revelam que seus maridos estão sendo relapsos com elas e faltando com o amor que elas necessitam. Esposas insubmissas não são apenas pecadoras rebeldes, mas, também pecadoras abandonadas pelos seus esposos nas lutas que elas travam com a velha natureza.

v.28-30: O “vai-e-volta” no argumento de Paulo, ora falando da relação marido e mulher, ora, Cristo e a Igreja, torna ainda mais belo o assunto em questão. Cristo amou a Igreja apesar dela ter defeitos, e com Seu amor, purificou-a; Ele a amou como sendo o Seu próprio corpo. É assim que os maridos devem amar as suas esposas – como a seu próprio corpo. William Hendriksen afirma: “*Não significa que devem amar suas próprias esposas assim como amam a seus próprios corpos, mas devem amar suas próprias esposas como sendo seus próprios corpos*”. Assim como a Igreja é o corpo de Cristo, a esposa, em certo sentido, é o corpo do esposo.

Outra verdade a ser destacada no **v.28** é que a Palavra nos diz: “**Quem ama a esposa a si mesmo se ama**”. Em momento algum a Bíblia nos ordena a amar-nos primeiro para depois amar o próximo. Aliás, quando Cristo disse que devemos amar o próximo como a nós mesmos, Ele não estava nos mandando amar a nós mesmos, mas, sim, amar o nosso próximo. Isso porque Ele parte do princípio de que já nos amamos demais, e por isso, o nosso foco tem de estar no próximo. **O marido que se ama mais do que a sua esposa, não ama a sua esposa, e, consequentemente, está desobedecendo a Palavra de Deus**. Por isso mesmo a Palavra nos mostra que amor implica cuidado (**v.29**). Somos membros uns dos outros (**v.30**), é assim que o marido deve olhar para sua esposa. Uma vez que ele maltrata a sua esposa está atingindo a si mesmo.

v.31: não quer dizer um abandono ou desprezo, mas, sim, que a relação marido e mulher é por natureza muito mais forte que a relação pais e filhos. Infelizes são os casais que colocam os filhos antes de si próprios! Porque quando chegar a hora dos filhos deixarem o lar dos pais para formarem seus próprios lares, o vazio será terrível. Outro aspecto dessa ordem é que o homem só é reconhecido como tal a partir do momento que tiver plenas condições de assumir as responsabilidades de seu próprio lar.

O tornarem-se “uma só carne” implica na relação sexual. O que torna um homem e uma mulher um casal perante Deus é a relação sexual. Daí, qualquer forma de imoralidade é por assim dizer uma aberração aos olhos de Deus, o qual planejou o ato sexual para ser a expressão mais bela e pura de união e comunhão.

v.32: Paulo, como que num êxtase, entende que o relacionamento de Cristo com a Igreja é um grande e maravilhoso mistério. Cristo entregou-Se por uma Igreja suja, maculada, cheia de culpa, para que por meio do Seu sacrifício, e somente pelo Seu sacrifício, ela fosse transformada em gloriosa Igreja, perfeita, sem mácula, sem ruga, exuberante para a glória de Deus. Grande mistério é o amor de Deus! Por mais que meditemos, jamais esgotaremos esse mistério.

v.33: trata de um casamento monogâmico, cheio de amor e respeito. Assim sendo extraímos as seguintes lições que devemos observar na vida conjugal cristã:

1) A responsabilidade de cada um

A responsabilidade da esposa para com o esposo é a de ser submissa e tratá-lo com respeito. Esta atitude da mulher revela o seu relacionamento com Cristo. Se ela não consegue ser submissa e respeitosa para com seu marido, colocará em descrédito as suas palavras quando disser que é submissa ao Senhor Jesus Cristo e O teme. Da mesma forma o marido tem como dever amar a esposa e supri-la não só nas necessidades materiais, mas também nas emocionais e conjugais. Seu carinho e afeição por ela, sua abnegação e desejo de honrá-la adornará o seu testemunho diante do mundo. Dessa forma a responsabilidade de ambos é a mesma: **dar um bom testemunho**.

2) O exemplo máximo a ser seguido

Que a mulher deve ser para com seu esposo assim como a Igreja é com o Senhor Jesus, que o marido deve ser para com a sua esposa como Cristo é para com a Igreja ficou nítido. Os conflitos na vida conjugal surgem especialmente quando um (ou ambos) perdem de vista o exemplo máximo a ser seguido, a saber, Jesus Cristo. Em Cristo a mulher tem o padrão da verdadeira submissão; em Cristo também o homem tem o padrão do verdadeiro amor.

3) A submissão e o amor verdadeiros

A verdadeira submissão que a esposa deve ter para com seu marido é a que é voluntária e dócil; o verdadeiro amor que o esposo deve ter para com sua esposa deve ser o sacrificial, o abnegado e altruísta. Foi dessa forma que Cristo agiu em relação ao Pai e à Sua Igreja.

O que Deus quer que você faça?

Que você seja íntegro em sua vida em família: Que você mostre dentro de seu lar que você é uma nova criatura em Cristo, que você tem a nova natureza que Cristo lhe deu, afinal, é em casa que se vê quem é realmente crente. Que o Sl 101.2 seja a sua oração: “**Portas a dentro, em minha casa, terei coração sincero**”.

Conclusão

Que a glória de Cristo em Sua Igreja também seja vista em nossos casamentos.

Rev.Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 10/02/2013

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(20ª Mensagem)
Ef 6.1-4

Dando uma volta nas livrarias você constatará que um dos assuntos que mais rendem livros é criação de filhos. Alguns livros falam coisas úteis, outros, só ensinam coisas erradas. Alguns são tradicionais em seus ensinamentos, outros, liberais; alguns se baseiam no pensamento de grandes pedagogos e educadores, outros, são novos tentando fazer seu nome. No meio desse pluralismo o que devemos fazer? Não devemos ficar desesperados, pois, nós temos a verdade como instrução, temos a Palavra de Deus.

Continuando o assunto sobre a nova vida em Cristo no que diz respeito aos laços familiares, Paulo prossegue falando agora sobre **O relacionamento entre filhos e pais**.

O v.1 diz: “**Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo**”. É importante fazer uma comparação com Ex 20.12; 21.15-17; Lv 20.9; Dt 5.16; 21.8; Pv 1.8; 6.20; 30.17; Ml 1.6; Mt 15.4-6; 19.19; Mc 7.10-13; 10.19; Lc 18.20 e Cl 3.20. O apóstolo presumia que entre os que leriam esta epístola na igreja de Éfeso estavam as crianças. O substantivo **filhos** vem do grego *téκνον* (*téκνα* – plural) e significa primeiramente “**crianças**”. No contexto bíblico as crianças sempre fizeram parte do povo de Deus, integrando-se assim ao Pacto de Deus com Seu povo (Gn 17.7; At 2.38,39), e Jesus as ama (Mc 10.13-16).

Ele dirige a elas uma palavra de caráter exortativo tanto quanto o fez com os adultos. Isto demonstra que as crianças têm o mesmo valor que os adultos diante de Deus, e seus privilégios e deveres devem ser observados tanto quanto os dos adultos.

Tal obediência deve ser “...no Senhor...” e Paulo acrescenta que “...isto é justo”, a saber essa obediência das crianças aos pais, é vista como um ato de justiça diante de Deus. Comentando este verso, Willian Hendriksen diz:

“A atitude correta do filho ao obedecer a seus pais deve ser, portanto esta: Devo obedecer a meus pais porque o Senhor me ordena que assim o faça. O que ele diz é *justo* pela simples razão de ser *Ele* quem o diz! É Ele quem determina o que é *justo* e o que é *injusto*. Por isso, quando desobedeço a meus pais, estou desobedecendo e contrariando a Deus *mesmo*”.

Vivemos dias difíceis em que crianças não só desobedecem a seus pais, como os desrespeitam e batem de frente com eles. Adultos falam com as crianças como se crianças fossem com voz infantil enquanto crianças falam com os adultos como se adultos fossem, só que com falta de educação e com agressividade. O respeito aos pais não existe.

Filhos, se vocês querem ser felizes, sejam obedientes a Deus! Vejam o que dizem os próximos versos.

Os v.2,3 dizem: “**Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra**”. Citando o quinto mandamento, Paulo lembra que este é o “**primeiro mandamento com promessa**”.

O ato de honrar é mais do que algo externo, ou seja, algo feito para que as pessoas vejam. “**Honrar**” traz consigo a intensidade do amor, o desejo de promover a alegria dos pais e a satisfação destes. A obediência calcada no medo, no egoísmo, no interesse pessoal, não é a obediência que Deus quer de seus filhos a Ele e aos pais.

A obediência a pais piedosos traz bênção para a vida dos filhos. O inverso também é verdade. Quando um filho desobedece a seu pai que é temente a Deus trará sobre si terríveis consequências. Uma “... longa vida sobre a terra” não quer dizer somente muitos anos de vida, mas, sim, bons anos vividos. Sabe-se que muitos filhos rebeldes e contumazes em relação a seus pais, têm tido uma vida longa, enquanto filhos exemplares e amorosos têm a vida encurtada por

conta de algum infortúnio. Como explicar aparente contradição? Cremos que as palavras do Sl 73 são a resposta para tais contradições. Um filho obediente pode sofrer algum infortúnio em sua vida, mas, de forma alguma isso lhe será atribuído por desonra e vergonha, pelo contrário, dele falarão como um justo que passou por uma provação, mas, que foi sustentado por Deus. Quanto aos que procedem perversamente e mesmo assim vivem muito, basta reparar no fim que terão e aí qualquer aparente contradição deixará de existir.

Com relação a pais ímpios, como fica a obediência dos filhos? Os filhos devem continuar obedecendo e honrando-os, pois, antes de tudo sua obediência é a Deus. Porém, quando esses pais estão impondo algo que é contrário à Palavra de Deus, os filhos deverão deixar bem claro, com todo o respeito, que não os obedecerão, porque a obediência a Deus é primordial.

No v.4 voltando-se para os pais, Paulo diz: “**E vós, pais não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor**”.

Da mesma forma que os filhos devem obedecer aos pais “**no Senhor**” os pais por sua vez, devem criá-los “**no Senhor**”.

Quanto ao substantivo “pais” temos uma diferença entre o que aparece no v.1, a saber, o substantivo “pais”.

No v.1, o substantivo “pais” vem do grego *γονεῦσιν* (no singular *γονεύς*), referindo-se a “pai e mãe” como fica claro no v.2. Já aqui no v.4 “pais” vem do grego *πατέρες* (singular *πατήρ*) referindo-se aos homens como pais. Porque essa distinção? Possivelmente porque o apóstolo vê nos pais (homens) a responsabilidade principal no que diz respeito à educação dos filhos.

A responsabilidade maior da educação das crianças é do pai e a mãe, o auxilia nesta tarefa. O problema é que muitos pais são relapsos e deixam essa tarefa totalmente para as mães. Isso além de ser desobediência à Palavra traz uma terrível sobrecarga à mulher.

O verso fala que os pais podem levar seus filhos à ira. Atitudes como: excesso de proteção, favoritismo, desestímulo, sendo irado em seu comportamento e exigir do filho mansidão, negligência, mau uso das palavras (palavrões, blasfêmias, conversas torpes, etc), estabelecer padrões impossíveis que nem os pais atingem.

Um texto correlato a esse é Cl 3.21: “**Pais, não irritéis os vossos filhos, para que não fiquem desanimados**”. Muitas vezes os pais transferem para os filhos as suas expectativas frustradas as quais nunca foram sonhadas pelos filhos e isto resultará num desânimo por parte dos filhos, pois, por mais que se esforcem nunca atingirão os padrões estabelecidos por seus pais. Daí todo o cuidado deve ser tomado para que os filhos aprendam a viver e a vencer as dificuldades da vida. Não está sendo proposto aqui deixar os filhos ao seu bel prazer, sem normas, sem regras, sem até mesmo porque este verso fala sobre dois elementos fundamentais na criação de filhos: **disciplina e admoestação**.

Para não cometerem nenhum erro que possa levar a tal desânimo, os pais precisam criar seus filhos “...na disciplina e na admoestação do Senhor”.

Disciplina (*παιδεία*) ações que educam. Uma vida indisciplinada e desregrada traz sérios prejuízos não só para a pessoa como para a sociedade. Criar filhos significa também prepará-los para serem cidadãos de bem que contribuam para uma sociedade melhor. Juntamente com a disciplina vem a **admoestação, aconselhamento** (*νουθεσία*) palavras que orientam. Não somente o ato de repreender mediante um desvio de comportamento, mas também de ensinar aproveitando as oportunidades (Dt 6.1-9), através do bom exemplo especialmente por meio da Palavra de Deus. Tudo isso “**no Senhor**”, ou seja, de acordo com a vontade de Deus em Cristo Jesus.

A combinação de disciplina com admoestação deve ser feita à luz da Palavra de Deus. Somente nela encontramos as instruções para uma vida verdadeiramente feliz.

No relacionamento entre pais e filhos de acordo com a nova vida em Cristo:

1) Não há espaço para negligência dos pais, v.1 e 4

Paulo ensinou e orientou as crianças da mesma forma que fez com os adultos. Isto deve servir de lição para todos quantos se acham responsáveis pela vida de pequeninos. Guardadas as devidas proporções e limites da criança, não podemos ser negligentes na educação delas, especialmente no que diz respeito às coisas de Deus.

Três verdades sobre as nossas crianças: (1) as crianças fazem parte do Pacto de Deus conosco tanto quanto os adultos. Que aqueles que negligenciam a educação cristã devida às crianças, o batismo infantil que é o selo da aliança de Deus com Seu povo, e até mesmo o participarem do culto público, abandonem o quanto antes tal pecado. Não podemos nos descuidar daqueles de quem Cristo disse: “...dos tais é o reino dos céus...” (Mt 19.14); (2) eles não são nossos, mas, sim, de Deus; (3) eles são pecadores desde o ventre materno. Se nos lembrarmos disso não seremos relapsos com a educação, disciplina e orientação que devemos dar a eles. Não perderemos a chance de mostrar-lhes que eles existem para a glória de Deus, e, que, portanto, só serão felizes de verdade quando viverem para a glória de Deus. E essa é a nossa principal tarefa como pais. Se mostrarmos para os nossos filhos como ficarem ricos e cultos, não teremos lhes mostrado como serem felizes. Mas, se mostrarmos-lhes que a vida deles só terá sentido se vivida para Deus, então teremos cumprido nosso papel como pais.

2) Não há espaço para a negligência dos filhos, v.2,3

Filhos, vocês podem questionar seus pais, mas, nunca, desobedece-los quando eles estiverem lhes dando uma ordem na Palavra de Deus. Seus pais foram colocados em sua vida por Deus como autoridade. Se a ordem que eles estão lhes dando é uma norma de sua família, ainda é possível alguma negociação, como por exemplo, a hora de chegar em casa no fim de semana; mas, em se tradando de princípios bíblicos, não discutam ou questionem, mas, tão somente obedeçam.

Agradeça a Deus o privilégio de ter pais crentes. Eles errarão com você, mas, o coração deles sempre estará voltado para Deus, e Deus os abençoará.

O que Deus quer que você faça?

Se você é pai/mãe:

- 1) **Crie seus filhos para Deus.** Mostre-lhes que o alvo da vida deles é supremo, é eterno, e que nada neste mundo poderá torná-los plenos.
- 2) **Crie seus filhos na Palavra de Deus.** Não busque em outros lugares aquilo que só pode ser encontrado na Palavra de Deus. Ela é o manual para nossas vidas.

Se você é filho:

- 1) **Tenha sempre o Senhor Jesus em vista.** Só assim você conseguirá obedecer a seus pais como Deus ordena.
- 2) **Honre seus pais com obediência amorosa.** Não os obedeça por medo ou interessado em receber algo deles, mas, porque Deus assim requer de você. Qualidade de vida é quando se vive para a glória de Deus.

Conclusão

Filhos do Pai Celeste são bons filhos e pais neste mundo.

Rev.Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 24/02/2013

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(21^a Mensagem)
Ef 6.5-9

Antes de passarmos ao comentário de cada verso desta seção é importante entendermos a questão da escravatura nos tempos do Novo Testamento. O substantivo **δοῦλοι** é melhor traduzido por **escravos** do que por **servos**. Quando pensamos em escravatura, escravos, etc., logo nos vem à mente o conceito que temos segundo a História do Brasil Colônia, na qual os escravos não passavam de mercadoria. Não tinham qualquer direito, submetidos a trabalho forçado e mui penoso, com alimentação e acomodações tão precárias que poucos aguentavam uma vida tão cheia de maus tratos. Não era assim nos tempos bíblicos. Os escravos nos tempos bíblicos também eram comprados, mas, tinham um tempo limitado para servirem como escravos. Durante o tempo de servidão recebiam salário, eram tratados com dignidade e distinção (enquanto estivessem agradando aos seus senhores), e quando seu tempo de servidão terminava, poderiam decidir continuar trabalhando para o seu senhor ou irem embora, recebendo um valor pelo tempo de serviço prestado. Tenhamos essas considerações em mente na medida em que estudarmos esses versos.

Em nossos dias o correlato de **servos** é **empregados**, e de **senhor**, é **patrão**. Então o que este texto nos ensina e ordena deve ser amplamente aplicado em nosso dia a dia. Ele fala sobre **O relacionamento entre servos e senhores**.

O v.5 diz: “Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo”. A nova vida em Cristo e controlada pelo Espírito Santo, também afeta a estrutura social de um povo. No Antigo Testamento havia normas para a escravidão (**Lv 25.39-55**) de forma que a mesma era permitida por Deus. Contudo, os abusos jamais foram por Ele aprovados. Observando o contexto de sua época e a estrutura social, Paulo não propõe uma revolução agitadora, mas, pacifista; não uma mudança imposta e forçada de fora para dentro das pessoas, mas, de dentro para fora.

Começando pelos escravos ele diz: “obedecei a vosso senhor segundo a carne”, estava lembrando-lhes que eles tinham um Senhor acima de tudo e de todos que zelava por eles. Aqui temos claramente a afirmação de que na Igreja Primitiva havia escravos convertidos a Cristo, como é o caso de Onésimo na carta de Paulo a Filemom.

Paulo continua mostrando a forma dessa servidão: “...com temor e tremor ...”. Paulo não está ordenando aos escravos que aprovem os métodos tirânicos e cruéis de seus senhores no relacionamento com eles, aliás, nem mesmo Paulo aprovava tal coisa.

O que ele está dizendo aos escravos com “temor e tremor” é que mesmo que algum senhor fosse bruto e cruel, os escravos deveriam mostrar-lhes que como crentes eles acatariam a autoridade de seus senhores, tratando-os com respeito, não por merecimento dos senhores, mas, por causa do compromisso que eles, os escravos, tinham com Cristo, o Supremo Senhor. Agindo “...na sinceridade do vosso coração...”, eles reforçariam ainda mais o testemunho de vida, levando assim seus senhores a observarem o que o Evangelho promove nos corações.

Ao dizer “...como a Cristo”, Paulo aponta para o propósito de se suportar tais coisas. É a Cristo que eles (os escravos) estavam servindo de fato. Não que seus senhores perversos representassem a Cristo, mas, sim, o serviço prestado a estes, de forma respeitosa e humilde, mostrava a todos que os escravos crentes tinham um objetivo muito mais sublime, a saber, honrar o nome de Cristo.

Como um assunto importante em todo este trecho é a **obediência** em vários setores da vida, somos levados a compreender que a obediência é a **melhor maneira de honrar a Cristo**

acima de tudo. Sendo assim, um filho obediente aos pais, uma esposa submissa ao marido, um marido que ama a esposa e obedece a Palavra, um servo que obedece ao seu senhor, e um senhor que obedece a Palavra em tratar com humanidade aos seus escravos, estão todos honrando a Cristo acima de tudo.

O v.6: “não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus”, ou seja, não deveriam se mostrar conforme as prescrições do v.5, apenas na frente de seus senhores. Antes, deveriam agir assim também especialmente quando eles não estivessem por perto para verem como os escravos estavam trabalhando. Em outras palavras, não deveriam ser “duas caras”, falsos, ou **bajuladores** (*ἀνθρωπάρεσκοι - “agradar a homens”*) que são aqueles que procuram todas as formas de agradar às pessoas na presença delas, mas, uma vez, que elas não estejam por perto, os tais bajuladores chegam até mesmo a serem caluniadores das mesmas pessoas a quem tentavam agradar. Se os bajuladores agem com falsidade, como servos do diabo, os sinceros são aqueles que vivem “...fazendo de coração, a vontade de Deus”, ou seja, aplicam toda a força de seus corações e fazer a vontade de Deus. Temos aqui mais um preceito importante para a obediência. A verdadeira obediência não é aquela que apenas executa bem “exteriormente” o que lhe é ordenado, mas, além disso, é aquela que executa bem “interiormente” uma ordem, ou seja, tem prazer em obedecer e fazer bem feito porque está fazendo algo para Deus. Agindo assim serão identificados “...como servos de Cristo...”.

O v.7 diz “servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens”, “Em espírito, as pessoas realmente cessam de ser escravas logo que começam a trabalhar para o Senhor, e já não trabalham primeiramente para os homens” (William Hendriksen). Este verso praticamente é uma repetição resumida do que Paulo falou nos v.5 e 6.

O substantivo *εὔνοία* (boa-vontade) sugere prontidão do espírito, a pessoa que não precisa ser forçada a trabalhar. O fato de fazer “...como ao Senhor e não como a homens” dá à pessoa a força para cumprir a sua tarefa. Fazer para o Senhor traz a certeza de recompensa:

O v.8: “certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre”.

Deus é imparcial (Lv 19.15; Ml 2.9; At 10.4; Cl 3.25; Tg 2.1); ele não usa “dois pesos e duas medidas”. Como diz aquele jargão popular: “o mesmo sol que amolece a cera, endurece o barro”. Da mesma forma, Deus é amor, mas, também é justiça. É importante ressaltar: (1) o princípio da responsabilidade pessoal “**cada um**”: diante de Deus cada um é responsável pelos seus feitos; (2) o princípio da justa retribuição “...se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor...”: esta é a “lei da semeadura”, o que se planta colhe. É a natureza da obra que determina a natureza da recompensa.

Não há aqui nenhum ensinamento sobre salvação pelas boas obras, mesmo porque o texto aqui não está falando de salvação e sim de conduta. A retribuição do Senhor pode vir a qualquer momento em nossa vida. É claro que a maior das recompensas, a glória eterna, virá somente no futuro quando formos chamados à presença de Deus. Contudo, ainda nesta vida já começamos a colher o que plantamos.

Voltando-se agora, para o outro “lado” da questão, Paulo fala aos senhores. O v.9 diz: “E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com ele não há acepção de pessoas”.

Pode alguém questionar por que Paulo usa quatro versos para falar aos escravos como deveriam se comportar, e apenas um verso para os senhores. Isto, não soa como parcialidade? Com certeza, não!

Aos dizer: “...de igual modo procedei para com eles...”, Paulo está dizendo que os senhores deveriam tratar seus escravos com os mesmos princípios: (1) com dignidade e respeito (“temor e tremor”), (2) não sendo falsos e hipócritas (bajuladores), (3) com liberalidade e desprendimento (“boa-vontade”), (4) focando sempre na glória de Deus (sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso). Foram justamente essas recomendações que Paulo passou aos escravos e agora repete-as aos senhores e acrescenta: “...deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com ele não há acepção de pessoas”.

Primeiro Paulo fala das ameaças que os senhores geralmente fazem aos seus escravos (no nosso caso, empregados). A ordem é: deixem as ameaças. Ninguém consegue desempenhar bem seu dever estando sob constante ameaça. Elas faziam com que os escravos continuassem desamparados.

Em segundo lugar, Paulo lembra aos senhores de uma verdade que sempre deveria estar diante de seus olhos no tratamento dos escravos: eles (os escravos) tinham o mesmo Senhor que eles (os senhores). O mesmo Senhor que zelava pelos senhores, também zelava pelos escravos, e em julgar as questões entre senhores e escravos, no Senhor Jesus “...não há acepção de pessoas”.

Com base nessas verdades podemos afirmar que no relacionamento entre empregados e patrões (servos e senhores), ambos devem ter seus olhos voltados para Cristo para:

1) Evitarem um procedimento próprio dos ímpios,

Tanto o empregado crente quanto o patrão crente precisam imitar a Cristo em todos os aspectos, para que coisas tais como: injustiça, parcialidade, preguiça, falsidade, mediocridade, falta de zelo, roubo, exploração, etc., não venham a ser praticadas, pois, desta forma estariam desonrando o nome de Cristo.

Quantos empregados crentes que se comportam como ímpios sendo preguiçosos longe dos olhares de seus patrões, mas, estando perto, se comportam diferente. Quantos patrões crentes que sonegam os direitos de seus empregados, exploram-lhes de várias formas. Tal comportamento é próprio de quem é ímpio.

Patrões e empregados crentes devem ter seus olhos fixos em Cristo para

2) Fazerem de suas obras meios de honrar a Cristo

Pela obediência sincera vinda do coração, a pessoa honra acima de tudo a Cristo. Em seus afazeres e responsabilidades devem em tudo honrar ao Senhor. Ele jamais deixará de retribuir a cada um segundo as suas obras. Obras que honram a Cristo trazem honra da parte Dele aos Seus servos; obras que desonram a Cristo trazem Seu juízo sobre aqueles que assim agiram. A lei da semeadura é certa e não falha.

O que Deus quer que você faça?

Seja você um empregado ou um patrão crente, lembre-se desses princípios:

- 1) A glória de Cristo é o alvo.
- 2) A verdadeira obediência é a interna.
- 3) Em Cristo temos a força para fazer o que é certo.
- 4) A lei da semeadura não falha.
- 5) Aos olhos de Deus um não é maior que o outro.

Conclusão

Mantenha seus olhos em Cristo, só assim você um bom empregado ou um bom patrão.

Rev.Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 03/03/2013

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(22ª Mensagem)
Ef 6.10-12

A gloriosa Igreja de Cristo Jesus tem como característica principal a sua vitória sobre o mal. Os nomes dados a ela dizem tudo: **Igreja Militante** (a que ainda está neste mundo), e **Igreja Triunfante** (a que já está na Glória, porém, aguardando a chegada daqueles que ainda estão na Igreja Militante). A Igreja de Cristo está numa luta, numa batalha espiritual para a qual ela deve estar plenamente preparada. Trata-se da luta que cada crente trava em sua mente e coração porque recebeu a nova natureza de Cristo, mas, ainda se depara com a velha natureza pecaminosa, com os velhos hábitos pecaminosos. Essa é a verdadeira batalha espiritual para a qual Deus nos capacita com a Sua armadura. O crente deve estar preparado para essa batalha. Essa preparação se dá pelo uso constante da plena armadura de Deus (sobre esta armadura veremos no próximo estudo). Por hora meditemos sobre **A convocação para a batalha**.

Em toda a sua carta aos Efésios, Paulo sempre mostrou que é a Graça de Deus que salva o pecador, que é na Graça de Deus que deve estar alicerçada a Fé. Mas, também mostrou a responsabilidade do crente mediante essa bendita Graça. O pecador não coopera com Deus em Sua conversão, pois, esta é fruto da Graça de Deus exclusivamente, porém, coopera no desenvolvimento da sua fé, através de uma vida obediente e piedosa com relação a Deus. Esta última verdade fica muito clara neste texto de **Ef 6.10-10**, onde o crente é convocado à batalha para a qual deve se revestir constantemente com a armadura de Deus. William Hendriksen ressalta que é o crente que deve revestir-se a si mesmo (responsabilidade do homem) com a armadura de Deus (Graça de Deus), dessa forma temos a soberania de Deus atuando junto com a responsabilidade humana, sem que uma anule a outra.

O v.10 diz: “**Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder**”. A expressão “**Quanto ao mais**” ou “**finalmente**” indica que Paulo já está partindo para a conclusão da carta, mas, antes disso, quer lembrar aos efésios de que uma luta está constantemente sendo travada, não na esfera carnal e humana, mas, na espiritual (veja o v.12), e para esta luta deveriam estar preparados. Anteriormente, de **4.17 – 6.9**, mostrou-lhes como deveriam ser o padrão de vida do crente, em várias esferas da vida. Mas, esse “padrão de vida” concedido pela Graça de Deus, haveria de estar num conflito constante com as forças do mal. Eis o porquê todos os crentes, toda a Igreja de Cristo deveriam estar “...fortalecidos no Senhor e na força do Seu poder”.

O verbo **ἐνδυναμοῦσθε** que está conjugado no presente do imperativo passivo, indica que a ação de ser fortalecido tanto é uma ordem (imperativo) que deve ser cumprida sem qualquer questionamento, e incessantemente (presente contínuo), porém, cabe ao crente se colocar à disposição de Deus (voz passiva), que é Quem realmente realizará esse fortalecimento “...fortalecidos no Senhor...”.

A expressão “... e na força do Seu poder...” recorda o que já foi dito do poder de Deus em **Ef 1.20** e **Ef 2.1**, a saber, o mesmo poder que Deus exerceu em Cristo para ressuscitá-Lo dentre os mortos também usou para nos “ressuscitar” espiritualmente. Portanto, é neste poder que o crente deve confiar e deve deixar-se fortalecer.

O v.11 diz: “**Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo**”. A vida cristã não é monótona. Os que pensam que ela é monótona é bem provável que estejam sofrendo ainda como escravos nas mãos do diabo. Há uma luta sendo travada. Os crentes não podem ignorar isso. Três inimigos se levantam o tempo todo contra nós: o mundo (ideologia mundana), Satanás e a nossa velha natureza. Tudo isto está no campo espiritual.

Paulo cria na existência de um ser maligno que atua neste mundo. Além disso, ele estava falando a crentes recentemente convertidos, e que em sua vida no paganismo anteriormente nutriam temor pelos espíritos maus, como ainda é verdade entre os pagãos de hoje.

Contra essas forças malignas deveriam estar bem aparelhados, por isso, deveriam revestir-se completamente da armadura de Deus. O termo **πάνοπλία** quer dizer “armadura completa”. Com essa

armadura completa (a partir do v.13 Paulo descreverá com detalhes essa armadura) os crentes estarão preparados para poderem “**ficar firmes contra as ciladas do diabo**”. Os métodos de Satanás são cheios de astúcia, e a Bíblia os descrevem das seguintes maneiras: confundir a mentira com a verdade de forma a parecer plausível (**Gn 3.4,5,22**); citar erroneamente as Escrituras (**Mt 4.6**); disfarçar-se em anjo de luz (**2Co 11.14**) e induzir seus “ministros” a fazerem o mesmo, “**aparentando ser apóstolos de Cristo**” (**2Co 11.13**); arremedar a Deus (**2Ts 2.1-4,9**); reforçar a crença humana de que ele não existe (**At 20.22**); entrar em lugares onde não se espera que entre (**Mt 24.15; 2Ts 2.4**); e, acima de tudo, prometer ao homem que por meio de más ações se pode obter o bem e a satisfação do seu coração (**Lc 4.6,7**).

Contudo, o pior dos inimigos é a nossa velha natureza que volta e meia se levanta pútrida deixando seus odores mortais. E Satanás sabe como tirar proveito dessa sua aliada.

A descrição aqui não é a de uma marcha, mas, de uma batalha em que o crente se vê constantemente envolvido; ele é um soldado da Igreja Militante, e, portanto, deve empenhar-se totalmente nesta batalha para poder ficar firme mesmo depois de ter recebido duros golpes do inimigo. Essa firmeza ele obterá somente pelo uso da armadura completa.

Por isso o v.12 diz: “**porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes**”. Quem numa luta pensa que seus inimigos são as pessoas, já perdeu a batalha. É certo que muitas pessoas podem ser instrumentos do maligno (**2Co 11.13**), como foi o caso de Balaão que ensinou os moabitas como poderiam derrotar os israelitas (**Nm 25**) através da prostituição com as mulheres moabitas. Mas, Satanás está por trás deles!

Os “principados” (**ἀρχάς**), as “potestades” (**ἐξουσίας**), os “dominadores deste mundo tenebroso” (**κοσμοκράτορας**), e “forças espirituais do mal” (**πνευματικὰ τῆς πονηρίας**) são palavras que descrevem Satanás e seus comandados atuando contra a Igreja de Cristo. As “**regiões celestes**” não se referem ao céu, a morada de Deus, mesmo porque isso é totalmente inconsistente, ainda que apareça em outros lugares nesta carta, como por exemplo em **Ef 1.3** que indica o céu de onde descem todas as bênçãos para os crentes; **Ef 1.20** onde Cristo está sentado à direita do Pai; **Ef 2.6** onde os crentes estarão assentados com Cristo; **Ef 3.10** onde os anjos eleitos têm sua habitação. Neste verso essas palavras ganham um outro sentido, a saber, refere-se ao reino extraterreno que está acima da terra (habitação dos homens) e abaixo dos céus (habitação de Deus), tendo o mesmo significado de **Ef 2.2**, o império do ar, ou seja, o império espiritual de Satanás.

De uma forma bem prática podemos dizer que, embora não vejamos Satanás por que ele é invisível, suas artimanhas são bem visíveis e, portanto, podem ser combatidas. Além disso, não podemos nunca nos esquecer que a posição de ataque é sempre da Igreja e nunca de Satanás. Embora muitas vezes somos atacados por ele e por seus aliados, eles nada mais estão fazendo do que se defender dos ataques da Igreja. Leia com atenção as palavras de Jesus em **Mt 16.18**.

Em nossos dias muito se fala sobre batalha espiritual e muito do que se tem dito por aí beira ao folclore e à superstição na maioria dos casos. E como sempre corremos o risco dos extremos. Fomos convocados para a batalha e por isso precisamos tomar cuidado para não cairmos nos extremos. Vejamos quais extremos:

1) O extremo da negação

As coisas espirituais se discernem espiritualmente (**1Co 2.14**), logo se não tivermos esse discernimento, avaliaremos as coisas que acontecem ao nosso redor sob uma ótica fria e racional, e muito do que acontece nessa batalha contra as forças do mal foge à lógica humana. Não é difícil vermos crentes sinceros que racionalizam tudo o que acontece no campo da batalha espiritual, e o resultado disso acaba sendo um desastre. Tais crentes voltam seu foco para as pessoas e acabam criando uma indisposição nos relacionamentos. Não podemos nunca nos esquecermos de que Satanás trabalha intensamente a fim de fazer-nos acreditar que ele está inerte e totalmente desinteressado pela nossa vida espiritual. O resultado disso é que nós baixaremos a nossa “guarda” e ficaremos vulneráveis aos seus ataques astutos.

2) O extremo da supervalorização

Do outro lado dessa “ponte” estão aqueles que veem Satanás em tudo. Tudo que acontece de ruim é culpa do diabo, todas as doenças, todos os transtornos e tragédias e até mesmo coisas corriqueiras que possam nos atrapalhar (como um pneu que fura quando estamos a caminho da igreja, ou a aparelhagem de som que apresenta algum problema na hora do culto), são consideradas como ações do maligno para nos atrapalhar. Então convoca-se a igreja para uma corrente de libertação e batalha espiritual, com o fim de repreender o inimigo, etc. Cristo nunca negou a influência de Satanás nas coisas ruins que acontecem, contudo, em momento algum, conferiu qualquer tipo de glória ao diabo acusando-o de estar por detrás de algum problema. A falta de conhecimento da Palavra de Deus por parte dos “evangélicos” de hoje, tem levado a igreja a ser ridicularizada na sua fé. Que Satanás é o princípio do mal, não discordamos, mas, também conferir a ele o “mérito” de tudo o que acontece que nos pareça ser ruim, isto jamais! Outra estratégia do diabo é trabalhar o medo e o pavor pela sua pessoa nos corações dos homens; sem dúvida alguma esta escravidão é horrível.

O que Deus quer que você faça?

Como nova criatura em Cristo você está numa batalha espiritual pela posse da sua mente. Para essa batalha:

- 1) **Você deve se fortalecer no poder de Deus;** se a batalha é espiritual você precisa do poder de Deus que é espiritual.
- 2) **Revestir-se de toda armadura de Deus;** não deixe uma peça dessa armadura para trás.

Conclusão

Nessa luta os crentes são mais que vencedores por meio Daquele que os chama, **Rm 8.37.**

Rev.Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 10/03/2013

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(23^a Mensagem)
Ef 6.13-20

Estamos numa guerra! Uma guerra que na qual não podemos ver os nossos inimigos, senão os efeitos destruidores de seus atos malévolos. Nesta guerra, como vimos anteriormente (**Ef 6.10-12**), a Gloriosa Igreja de Cristo não está inerte esperando os ataques de Satanás e seus sequazes, antes, é ela quem está no ataque. Não pode se descuidar, por isso deve estar sempre revestida com a armadura de Deus.

O v.13 diz: “**Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis**”, ou seja, em virtude da guerra em que a Igreja se encontra, em razão do tipo de inimigo que ela enfrenta e de quem ela recebe os ataques, cada crente que é convocado para esta guerra recebe a ordem: “...**tomai toda a armadura de Deus...**”. Como um exército que a cada manhã se prepara para a batalha, assim é a Igreja de Cristo em face aos seus inimigos.

É necessário o uso completo dessa armadura com a finalidade de “**resistir no dia mau, e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis**”. Uma só parte deixada de lado a derrota é certa.

Temos asseverado que não é o inferno que ataca a Igreja, mas, sim, esta que desfere os ataques contra o inferno. Isto fica muito claro nas palavras deste verso. O ato de “**resistir**” (lit. postar em oposição) não é o de ficar parado esperando alguma investida do diabo, mas, sim, oferecer oposição “partindo para cima” do inimigo. O “...**dia mau...**” a que Paulo se refere aqui, é aquele em que “*duras provas, nos momentos críticos de sua vida, quando o diabo e seus subordinados sinistros os assaltarem com grande veemência (...) e já que não se sabe quando tais coisas ocorrem, a implicação clara é: estejam sempre preparados*” (William Hendriksen). O Rev. Augustus Nicodemos também concorda com essa interpretação e diz: “*São dias em que Satanás usa todos os seus recursos para nos derrotar*”.

Assim sendo, neste “**dia mau**” os crentes devem ter “...**vencido tudo**” para poderem ficar “**inabaláveis**”. O “**vencer tudo**” significa estar sempre pronto com a armadura para poder lutar. Deus dá as armas para a batalha, mas, é o crente quem tem de se revestir, retomar a armadura a cada novo dia. Novamente vemos a ênfase sobre a soberania de Deus capacitando o crente, agindo com a responsabilidade do crente em ser obediente às ordens de Deus.

Os v.14-17 descrevem as peças dessa armadura. “**Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça**” (v.14). Novamente, aparece a ideia de resistência da Igreja, não uma resistência de quem espera ser golpeado e atacado, mas, de quem não se conforma com o que vê e por isso se opõe a essas forças malignas. Como indica o v.13, os crentes devem se mostrar sempre descontentes e em oposição ao mal causado por Satanás e seus comparsas. As armas às quais Paulo passa a descrever nestes versos, possivelmente estavam diante de seus olhos, ou seja, a guarda romana. Sabemos através de **At 28.16**, que quando Paulo esteve preso em Roma pela primeira vez, morou numa casa que ele mesmo alugara (**At 28.30**) e que era constantemente vigiado por um soldado.

A firmeza que Deus espera do crente depende as seguintes armas às quais os crentes não podem negligenciar uma sequer, bem como deve atentar para a “sequência lógica” de cada arma.

O cinto da verdade. Para entendermos melhor o que Paulo quer ensinar aqui, precisamos entender como essas peças de guerra funcionavam. O soldado primeiramente vestia-se com uma túnica curta a qual lhe dava mais conforto para quando colocasse a couraça. Essa

túnica era presa com um cinto que tanto firmava essa túnica e a couraça, quanto também servia para segurar a espada quando esta não estivesse em uso. Este cinto proporcionava firmeza para os membros, daí a sua grande importância.

Paulo diz: “**cingindo-vos com a verdade**”, ou seja, a verdade na vida do crente é de extrema e vital importância. Em Ef 4.15; 5.6,9, ele falou contra o engano. Em Ef 4.25, ele também exortou os crentes a deixarem de lado a mentira e falarem a verdade uns com os outros. A verdade é a qualidade básica do crente. Por “**verdade**” fica subentendido tudo aquilo que põe fora o engano, a mentira, a hipocrisia; é a atitude sincera da mente e do coração em relações a Deus e aos semelhantes. Esta verdade faz com que o crente não recue covardemente na batalha, mas, avance com confiança.

A couraça da justiça. A couraça era composta de duas partes: uma protegia o peito e a outra, as costas. Tanto dos ataques frontais que podiam ser vistos facilmente, quanto dos ataques traiçoeiros pelas costas, o soldado era protegido pela couraça. Na mente de Paulo, tal couraça era “...a couraça da justiça...”. A Justiça a que Paulo se refere é a Justiça de Deus que nos foi imputada por Cristo a qual torna o pecador livre da culpa de seu pecado (Rm 3.21). Esta Justiça nos capacita a vivermos em **retidão de caráter**. Espiritualmente falando, essa **couraça da justiça** é então, a vida devota e santa, retidão moral (Rm 6.13; 14.17). Devemos lembrar que Paulo nesta carta aos Efésios deu grande ênfase ao “**viver de modo digno à vocação com que foram chamados**” (4.1). Somente por meio de um viver santo confiado na Justiça de Cristo é que o crente lutará com mais eficiência conquistando o próximo e vencendo a Satanás não lhe dando recursos para que ele (o diabo) o acuse diante de Deus e dos homens.

O calçado do Evangelho da paz, “**Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz**” (v.15). As sandálias de um soldado romano eram fartamente cravejadas com pregos agudos para que ele tivesse mais mobilidade e firmeza andando pelos mais variados tipos de terreno. Da mesma forma, uma vida calcada (e preparada) no Evangelho da Paz, terá condições de passar pelas mais variadas situações, assim como um soldado romano podia atravessar qualquer tipo de terreno com sua sandália.

A Paz proclamada através do Evangelho não é a mera ausência de desgostos, problemas e conflitos (ou no sentido militar, a ausência de guerra), mas, sim: (1) a reconciliação com Deus (Rm 5.1-11) e, (2) a segurança e tranquilidade que o crente desfruta por causa da Obra de Cristo que lhe garante a salvação eterna, a força para suportar as lutas as quais são meios que Deus usa para promover crescimento e fortalecimento à fé do crente.

É com esse “calçado” que o crente deve estar constantemente. O Evangelho da Paz é a “base” (o crente está sobre o Evangelho como está sobre seus sapatos) da vida do crente. Se a vida do crente estiver embasada em qualquer outra coisa, ele não pode ser identificado como “crente”, pois para ser um crente em Cristo, a pessoa tem de estar firme no Evangelho.

O escudo da fé, “**embraçando sempre o escudo da fé**” (v.16) O escudo romano era uma peça que media cerca de 1,25 metros de altura e 0,75 metros de largura, no formato era côncavo e revestido de uma camada de couro. Numa guerra, o escudo tanto protegia individualmente cada soldado como também protegia coletivamente quando os muitos escudos eram agrupados formando uma espécie de “muralha móvel”.

Flechas com fogo eram lançadas pelos inimigos. Por isso mesmo, os escudos eram embebidos na água a fim de apagarem o fogo das flechas. Na guerra que travamos contra os nossos inimigos, flechas do fogo do inferno são lançadas contra nós, pondo em dúvida o cuidado de Deus para conosco. Essas dúvidas que Satanás lança são como flechas de fogo numa guerra. É por isso que necessitamos da fé em Cristo que nos protege como um escudo. Uma proteção individual e coletiva. Ao vermos um irmão sendo atacado em sua fé precisamos atuar em conjunto para proteger a Igreja toda.

O capacete da salvação. “Tomai também o capacete da salvação” (v.17). O elmo do soldado romano era feito de ferro e de bronze e protegia a sua cabeça. A analogia aqui é clara. Assim como o capacete protege a cabeça, a certeza da salvação protege a nossa mente contra as investidas malignas de nos fazer duvidar da promessa de Deus de nos salvar. Mais uma vez o Rev. Augustus Nicodemos faz um comentário esclarecedor aqui: “A figura da salvação como um capacete reflete todo o ensinamento bíblico de que aquele que foi salvo por Deus em Cristo está a salvo dos ataques mortais de Satanás. Embora ainda possa ser atingido, jamais poderá ser destruído ou arrancado das mãos do redentor”. Que certeza bendita!

A espada do Espírito, “que é a Palavra de Deus” (v.17). De todas essas armas, a única que é aparentemente ofensiva é a espada do Espírito, a Palavra de Deus. Porém, não podemos esquecer que o tempo todo Paulo está mostrando que quem está em posição de ataque é a Igreja. Com a verdade, a justiça, a paz, a fé e a salvação de Deus reveladas no Evangelho também atacamos. Contudo, é a espada do Espírito, a Palavra de Deus a arma letal para os nossos inimigos. A espada que Paulo se refere aqui é a **μάχαιρα** uma espada curta que dava ao soldado maior habilidade na luta. O crente deve ser hábil em manusear a Palavra de Deus, foi justamente esta recomendação que Paulo deu a Timóteo em **2Tm 2.15**. Somente com o manuseio correto e habilidoso da Palavra de Deus é que o crente conseguirá vencer os inimigos de sua alma. Se a Palavra de Deus não estiver empunhada em nossas mãos (coração) será semelhante à espada na bainha: não terá serventia alguma.

No v.18 ressaltamos os adjetivos “**toda, todo, todos**” relativos à oração. Ela deve ser com toda súplica, em todo tempo por todos os santos, isto é, os irmãos. Mais uma vez ressaltamos a coletividade na vida em Igreja. O amor fraternal como vimos no **Cap.5.15-21**, deve ser visto o tempo todo em nós e a oração e a intercessão fortalece o amor fraternal.

Os v.19,20, mostram como o apóstolo Paulo dá àqueles irmãos a oportunidade de colocarem em prática “**toda oração e súplica, orando em todo o tempo**”, por ele, um santo de Deus. Ele mostra o seu desprendimento consigo mesmo e tem seu foco somente na glória de Deus através da pregação do Evangelho. Ele estava limitado por uma cadeia, mas, o Evangelho não. Ali de dentro daquela cadeia ele pregava o Evangelho. Mas, como era de se esperar, o abatimento lhe sobreveio e ele sabia que somente em Cristo ele poderia ser revigorado, pois queria “**com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho**” mesmo ali dentro da cadeia. Além disso, outra lição que aprendemos é que nenhuma condição, por pior que seja, deve fazer-nos perder de vista quem somos em Cristo. Paulo ainda que se visse como um prisioneiro sabia também que era um “**embaixador**”.

Estamos numa terrível batalha espiritual e para vencermos precisamos ser:

1) Obedientes a Deus

A obediência a Deus na vida do crente é fundamental. Deus não procura homens fortes, mas, sim, obedientes. Devemos ser obedientes a Deus, e com relação à guerra em que estamos, precisamos obedecer Sua ordem de nos revestirmos de Sua armadura. Também precisamos ser obedientes nas tarefas que Ele nos manda executar, como por exemplo, a pregação do Evangelho.

Também devemos ser:

2) Dependentes de Deus

“Porque as armas da nossa milícia não são carnais e sim poderosas em Deus...” (**2Co 10.4**). Não devemos lutar com as nossas forças, mas, sim lutarmos com as armas de Deus

(verdade, justiça, paz, fé, salvação e a Sua Palavra). Quem nesta luta quiser usar suas próprias armas, já está derrotado. A nossa dependência do poder de Deus não somente nos dá a garantia de vencermos, como acima de tudo O glorifica como Soberano Deus e Salvador.

Temos também que ser

3) Confiantes na Sua promessa

Quem depende de Deus é porque tem confiança Nele. A Bíblia nos diz em Rm 8.37: “**Em todas essas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou**”. Em 2Co 3.5 lemos: “...a nossa suficiência vem de Deus”. Confiarmos plenamente em Deus nos livra da ansiedade; tudo está sob o controle Dele. Se estivermos passando por lutas, temos a garantia da Sua paz em nosso coração; se estivermos sendo atacados pelas flechas inflamadas do diabo, temos a fé que Ele nos dá com a qual podemos apagá-los. Enfim, a promessa de Deus para nós, é rica, abrangente e eterna.

O que Deus quer que você faça?

Que você fique firme e confiante somente Nele quando os inimigos lhe atacarem para que você possa:

- 1) Vencer todas as lutas
- 2) Permanecer inabalável depois dessas lutas.

Conclusão

Não viva na derrota, pois, você foi destinado para ser mais que vencedor em Cristo.

Rev. Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 17/03/2013

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(24^a Mensagem)
Ef 6.21,22

Caminhamos agora para o fim da Carta aos Efésios. Hoje veremos apenas os v.21,22 que tratam das informações sobre Tíquico, o portador desta carta. Essas informações que Paulo dá sobre Tíquico dizem respeito à sua reputação. Por isso meditemos sobre: **A reputação de um servo de Deus.**

Conforme temos visto desde o início dos nossos estudos em Efésios, quatro cartas foram escritas no mesmo período e são conhecidas como as **cartas da prisão**, e são elas: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. Há muita informação comum nas quatro cartas, tais como: nomes, situações e a própria mensagem. Colossenses e Efésios são muito parecidas sendo esta última considerada uma “ampliação” da outra.

Levando em consideração a ocasião em que essas cartas foram escritas e o portador delas, Tíquico, ao dizer “...para que saibais também a meu respeito e o que faço...”, estaria Paulo deixando claro que essa carta aos Efésios é uma carta circular, ou seja, uma carta que deveria ser lida por várias (ou todas) igrejas? Seja como for, Efésios é uma carta que pode ser aplicada a qualquer Igreja daquela época, bem como para as igrejas da atualidade.

Tíquico era um dos amigos íntimos de Paulo, de quem ele desfrutava de grande prestígio. Ele era originário da Ásia, e acompanhava Paulo desde o final da sua terceira viagem missionária, quando estava voltando da Grécia via Macedônia, e logo depois de cruzar a Ásia Menor se dirigia a Jerusalém levando os donativos arrecadados àqueles irmãos que passavam por carestia (**At 20.4**). Nesta viagem, Tíquico foi à frente de Paulo esperando-o em Trôade. Agora, uns quatro anos mais tarde depois de haver estado algum tempo com Paulo por ocasião da primeira prisão do apóstolo, Tíquico foi comissionado por Paulo para levar essas cartas a seu destino, como fica bem claro à luz deste texto, e de **Cl 4.9** e **Fl 1.8-22**. Além disso, em **2Tm 4.12**, Paulo fala a Timóteo que enviara Tíquico de Roma à Éfeso, o que indica que ele serviu a Cristo ao lado de Paulo até o fim da vida deste.

De Tíquico Paulo diz: “...o irmão amado e fiel ministro do Senhor...” (Ef 6.21), “...irmão amado, e fiel ministro, e conservo no Senhor...” (Cl 4.7), o que deixa em evidência a confiança que Paulo tinha nele, sendo Tíquico capaz e confiável para levar as notícias a respeito do apóstolo e dos irmãos crentes da cidade de Roma. Muito mais coisas haviam de ser passadas aos efésios que por carta não daria, por isso Paulo diz que Tíquico lhes faria conhecer tudo o que se passava ali.

Tíquico tinha duas tarefas ao ser enviado por Paulo aos efésios: (1) informar-lhes tudo: sobre Paulo, sobre o trabalho, sobre o desenvolvimento do Reino naqueles lugares, etc.; (2) encorajar-lhes o coração. O verbo “encorajar” (**παρακαλέω**) também pode ser traduzido aqui por “consolar”. O ato de consolar é em si um ato de encorajar, dar ânimo e forças a quem se encontra descaído. Quais seriam os temores dos efésios não podemos definir com clareza. A julgar pelo próprio teor da carta, a circunstância em que Paulo se encontrava (numa prisão!) os efésios estavam ansiosos por saberem algo de seu apóstolo querido. Tíquico os encorajaria mostrando que o apóstolo estava firme na presença de Deus em meio às terríveis lutas que enfrentava.

A reputação de um servo de Deus é algo com o qual deve-se ter muito zelo. Tíquico era:

1) Um amado irmão

Chamar alguém de irmão é apontar para algo em comum, a saber, a mesma graça que me salvou também salvou a você. Outro fator que nos torna irmãos é a fé no mesmo Senhor e Pai. Essa fraternidade deve ser cercada pelo amor. Somente os laços do amor podem fortalecer a comunhão.

Uma Igreja onde o amor não é vivenciado, onde os irmãos não se amam de verdade não pode ser considerada a Gloriosa Igreja de Cristo.

Em **Hb 10.24** a Palavra de Deus nos exorta a considerarmos uns aos outros “**para nos estimularmos ao amor e às boas obras**”. Considerar (**κατανοέω**) quer dizer: olhar com atenção, reparar, observar. Lá nas Minas Gerias dizemos: “**Olha para você ver**”. Se não nos olharmos com atenção não veremos a luta, a dor e a necessidade de cada um. Foi por amor que a Igreja foi salva; é por amor que muitos ainda são salvos e alcançados pela Graça.

2) Um fiel ministro de Cristo

A confiança que Paulo depositava em Tíquico não se baseava numa coisa qualquer, mas, fidelidade a Cristo que Tíquico mostrava em seu viver o tempo todo. Uma pessoa que se revela fiel a Cristo em tudo é digna de confiança da parte dos demais, pois, os padrões dessa pessoa são elevados, a saber, a glória do nome de Cristo. Como ministro, Tíquico não se colocava acima dos demais, como comumente acontece em nossos. Antes, ele sabia que como ministro ele era um serviçal, alguém que estava disposto a servir em vez de ser servido. Essa é outra virtude que precisa ser cultivada na Igreja de Cristo, a saber, a humildade para servir.

Enquanto abrigarmos em nossos corações o desejo de sermos servidos, estaremos muito longe do ideal de Cristo para nós.

3) Um encorajador digno de confiança

Tíquico tinha a tarefa de acalentar e fortalecer os efésios. Uma das grandes tarefas dos crentes e serem consoladores de corações. Em nosso meio precisamos de pessoas mais dispostas a encorajarem os irmãos. Assim como nos dias de Paulo, nossos dias também são difíceis, e existem muitos irmãos sucumbindo diante das lutas. Daí a necessidade de sermos encorajadores, consoladores de corações. Nosso encorajamento terá mais eficácia quando formos dignos de confiança, pois, nossas palavras terão mais credibilidade.

Mas, encorajar não significa bajular, adular, massagear o ego da pessoa. Encorajar significa dizer as palavras certas para a ocasião certa com o propósito certo. Às vezes uma palavra de encorajamento necessitará primeiramente ser uma palavra de confrontação onde um erro precisa ser contestado e corrigido para que a pessoa então viva conforme Cristo deseja.

O encorajamento é feito com eficácia quando é a Palavra de Deus o instrumento para corrigir, instruir, aconselhar e fortalecer.

O que Deus quer que você faça?

Seguindo o exemplo de Tíquico, que você zele pela sua reputação, pois, sobre você está o nome de Cristo. Então que você seja:

- 1) **um crente cheio de amor pelos irmãos**
- 2) **um crente cheio de humildade para servir**
- 3) **um crente cheio da Palavra para encorajar quem precisa.**

Conclusão

Nossa dignidade está em Cristo Jesus. Zelar por essa dignidade é zelar pelo Nome de Cristo.

Rev. Olivar Alves Pereira
São José dos Campos, 24/04/2013

Cristo e a Sua Gloriosa Igreja
Uma Exposição da Carta aos Efésios
(25^a Mensagem)
Ef 6.23,24

Chegamos hoje na última mensagem da série **A Gloriosa Igreja de Cristo**, com base na carta de Paulo aos Efésios. Como em todas as suas cartas, Paulo encerra com uma bênção sobre os irmãos a quem ele destina sua carta. E a bênção apostólica registrada nestes dois versos vem nos mostrar o que é **Uma vida na Graça de Deus**.

No v.23, paz, amor e fé, são termos encontrados frequentemente nesta carta. Confira os seguintes textos sobre:

Paz: 1.2; 2.14,15 e 17; 4.3; 6.15;

Amor: 1.4,15; 2.4; 3.19; 4.2,,15,16; 5.25,28,33;

Fé: 1.15;2.8; 3.12,17; 4.5,13; 6.16.

Essas verdades devem sempre ser enfatizadas em quaisquer tempos. Essa tríade deve ser a marca do crente.

A paz aqui é a harmonia entre os irmãos. Essa paz é fruto não do esforço dos homens (apesar de que os irmãos devem se esforçar ao máximo para preservá-la), mas, sim do sacrifício de Cristo, o qual nos trouxe a paz com Deus (**Rm 5.1-11**) e com os demais.

O amor é o que mantém essa paz em constância. É o amor o vínculo da perfeição (**Cl 3.14**). É impossível haver esse amor para com os irmãos, se não houver amor para com Deus. Esse duplo amor é resultado do amor de Deus para conosco (**1Jo 4.19**).

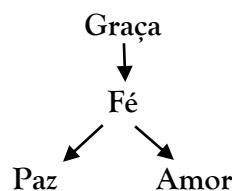
Quando esses dois elementos estão presentes, ocorre o fortalecimento da fé que decorre da ação de Deus em nosso coração.

Não podemos pensar que esses três elementos agem separadamente. É a fé no Senhor Jesus Cristo que nos é dada por Deus que nos capacita a termos paz e que fortalece o nosso amor. Uma vez que a paz e o amor são nutridos na Gloriosa Igreja de Cristo, a fé em Cristo presente no coração da cada membro será mais fortalecida.

A parte final do verso “...da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo!” aponta para a realidade de que tudo isso não existe fora de Deus e de Jesus Cristo. Todas essas bênçãos provêm do Deus Triúno que habita nosso coração e sem Ele jamais poderemos desfrutar da paz, do amor e da fé que nos sustenta.

O v.24 diz: “**A graça seja com todos os que amam sinceramente a nosso Senhor Jesus Cristo**”. Numa sequência lógica, primeiramente deveria ser mencionada a Graça, depois a Fé, depois a paz e o amor. De fato isto faz sentido. Contudo, Paulo não está aqui preocupado em apresentar uma “sequência lógica”, mesmo porque a fase de argumentação de sua carta já foi feita anteriormente. Agora, porém, ele está se despedindo, e como em qualquer despedida, é o afeto algo muito importante.

As palavras-chave desses dois versos (paz, fé, amor e graça) podem ser apresentadas no seguinte esquema:



É a graça de Deus que nos chama à fé que por sua vez nos habilita a vivermos em paz e amor.

“...**todos os que amam sinceramente a nosso Senhor Jesus Cristo**”. O substantivo **ἀφθαρσία** que aqui foi traduzido por “**sinceramente**” quer dizer literalmente **incorrupção**. Por

isso se traduzimos a palavra por “**incorruptibilidade**” não estaremos errados pelo fato de que uma pessoa que abriga a sinceridade em seu coração não se corrompe diante das situações. E quão importante é mantermos o nosso coração incorruptível e afastado do engano! Como nos lembra Paulo em 2Tm 3.13: “**Mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados**”. Daí a importância de nos afastarmos do engano e da hipocrisia, apegando-nos a Cristo com amor sincero.

Tal amor não perece; daí também é possível traduzir o verso da seguinte forma “...os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo com um amor imperecível, incorruptível” (William Hendriksen).

A vida do crente e de toda a Gloriosa Igreja de Cristo deve estar estribada na Graça de Deus que os capacita:

1) A viver com paz, amor e fé

Essa deve ser a característica da Igreja de Cristo. Contudo, tais bênçãos emanam da Graça de Deus revelada no sacrifício de Cristo e nunca do homem por seus próprios méritos e esforços. Daí a necessidade dependermos somente de Deus para vivermos nesses princípios.

2) A viver com sinceridade

No caso aqui, significa viver longe da corrupção da hipocrisia e fingimento. A paz, o amor e a fé devem ser sinceros, do contrário jamais poderão ser experimentados e proclamados com exatidão. Deve haver um esforço sincero em demonstrarmos a nossa paz interior e para com os irmãos; também o nosso amor por Deus e pelos da família da Fé; e a nossa fé também deve ser sincera, do contrário seremos semelhantes aos perversos que enganam os outros e a si próprios. Ame a Jesus sinceramente e você amará as pessoas de verdade.

Conclusão

Somente uma vida na Graça pode agradar a Deus.

Conclusão da Carta

O que Deus quer que você faça?

A aplicabilidade da carta aos Efésios em nossos dias é necessária assim como todas as partes das Escrituras.

Que a Igreja de Cristo enquanto neste mundo nunca se esqueça de que ela é a Gloriosa Igreja do Senhor Jesus, e que por isso não se descuide do seu caráter, sua obra e sua influência positiva neste mundo em trevas.

Que cada crente viva na dimensão dessa glória e assim seja um agente eficaz para a glória de Cristo nesta terra, batalhando como um soldado devidamente equipado e comprometido com Deus, e mostrando sempre os frutos relativos à transformação de vida que Cristo promoveu em seu coração.

Que o Deus e Senhor da Gloriosa Igreja de Cristo Jesus vivifique outros corações, fortaleça sempre os que já foram vivificados e complete em todos a obra que ele mesmo começou a qual redundará para o Seu louvor eterno. Amém!

BIBLIOGRAFIA

BAXTER, J. Sidlow. Examinai as Escrituras, vol.6 Atos a Apocalipse. São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989.

Bíblia de Estudo Almeida. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Bíblia de Estudo de Genebra. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo (SP): Sociedade Bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas, 1980.

DAVIS, John D. (org). Dicionário da Bíblia. Rio de Janeiro (RJ): Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.

DOUGLAS, J. D. (org). O Novo Dicionário da Bíblia vol. 1 e 2. 1ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1962, reimpressão 1990.

FOULKES, Francis. Efésios – Introdução e Comentário. 2ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983, reimpressão 1984.

FOULKES, Francis. Efésios – Introdução e Comentário. 2ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983, reimpressão 2005.

LOPES, Augustus Nicodemus. O que você precisa saber sobre Batalha Espiritual. 2ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1998.

GINGRICH – DANKER, F.Wilbur; Frederick W. Léxico do NT. Grego/Português. 1ªedição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984, reimpressão, 2001.

GUNDRY, Robert, H. Panorama do Novo Testamento. 4ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, reimpressão 1991.

HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento - Efésios. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1992.

HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento - Efésios. 2ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 2005.

LARCERDA, Oswaldo Dias de. A Nova Disposição de Nossa Senhor Jesus Cristo (Novo Testamento). 1ª edição, Jacareí (SP): (particular), 1996.

LUZ, Waldir Carvalho. Novo Testamento Interlinear. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 2003.

NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt. Novum Testamentum Graece. 12ª druck, Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft Stuttgart, 1991.

Nova Versão Internacional da Bíblia. São Paulo (SP): Sociedade Bíblica Internacional, 1993, 2000.

REGA, Lourenço Stelio. Noções do Grego Bíblico. 4^a edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1998, reimpressão 2001.

RIENECKER - ROGERS, Fritz; Cleon. Chave Lingüística do Novo Testamento Grego. 1^a edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1988.

TAYLOR, Willian Carey. Introdução ao estudo do Novo Testamento Grego. 9^a edição, Rio de Janeiro (RJ): Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.